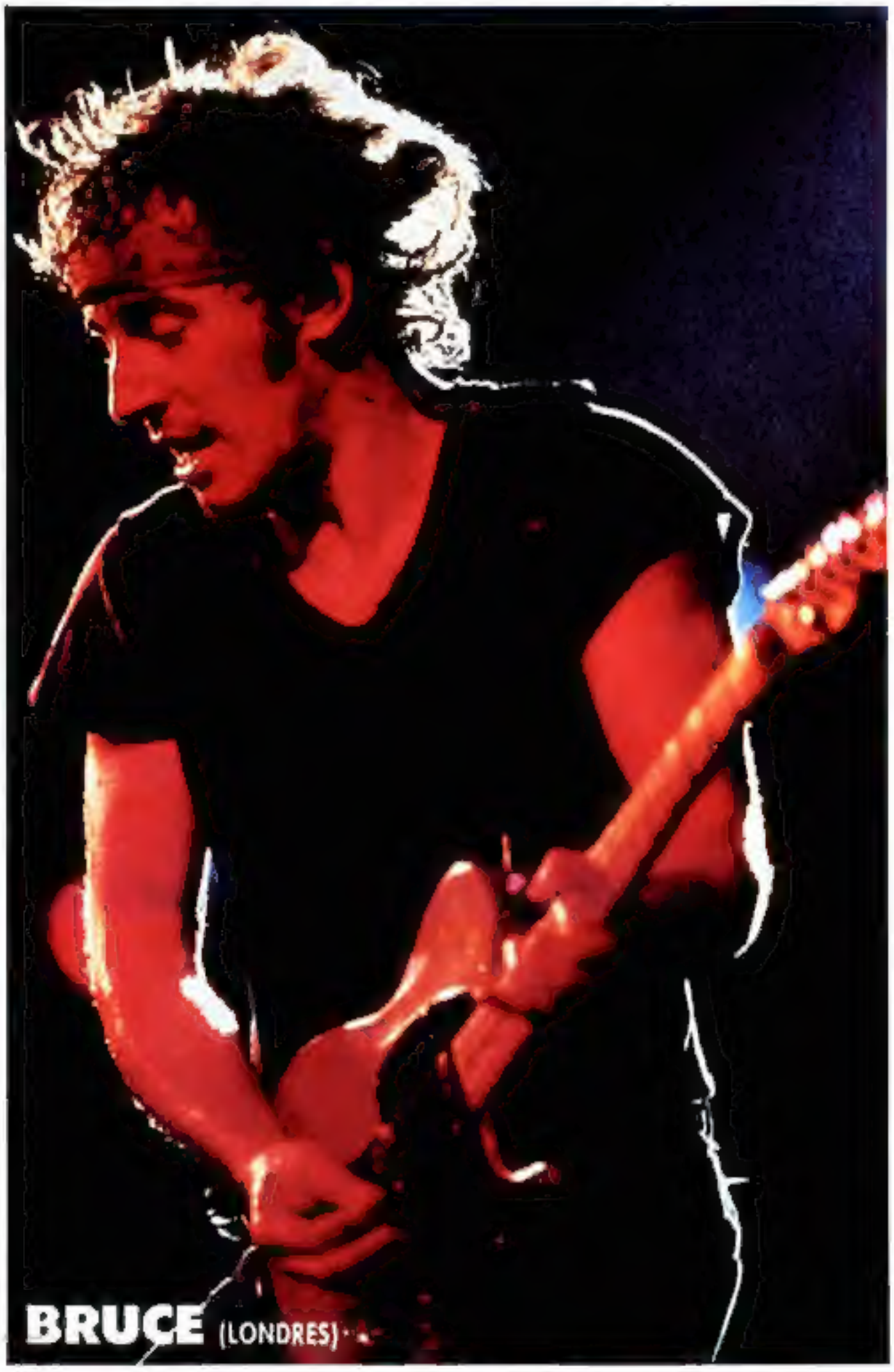
Ano 4 Nº 09 1988 Cr$ 600,00

ENTREVISTAS: JIMMY PAGE & MARK KNOPFLER

BIZZ

EDITORA AZUL

ENGENHEIROS DO HAWAII
A SIMPLICIDADE VENCEU



AO VIVO

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

SAKAMOTO (NY)
PARALAMAS (SALVADOR)
JOHN LEE HOOKER (LONDRES)
MICHAEL JACKSON (TURIM)
JOE STRUMMER (LONDRES)
ROBERT CRAY (SP)
AL GREEN (LONDRES)
ITAMAR ASSUMPÇÃO (RJ)
IGGY POP (SP)

HIP HOP
RACHANDO O ASSOALHO

A VOLTA DOS SMITHS • NEW ORDER NO BRASIL • MIDNIGHT OIL • FAUSTO FAWCETT

Aracaju, Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (Via Aérea) Cr$ 780,00 - 5561 - Edição 38

MARILLION
MARILLION
B'SIDES THEMSELVES
músicas inéditas
O grupo mais falado da Inglaterra. Só este ano, fez 29 shows, entre eles, no Festival de Berlim, para cerca de 100 mil pessoas. Neste LP, eles mostram o que há de melhor no ROCK PROGRESSIVO. Uma faixa ao vivo, músicas inéditas e novas versões.
EMI-ODEON
75
EMI

SETEMBRO 88

BIZZ

Das distantes plagas do Sul, onde sopra cortante o Minuano, poucas estrelas têm alcançado o firmamento nacional. A última delas foi a grande Elis Regina. Agora, porém, uma banda vinda de Porto Alegre parece galgar com firmeza a ladeira que leva à fama. Em um animado bate-bola com **Marcel Plasse**, os futebolísticos **Engenheiros do Hawaii** falam desta trajetória — e de tropeços, claro, num país onde o gramado parece sempre esburacado. Outras estrelas, que pisaram o palco em retumbantes noites de abertura de uma enorme casa de shows em Sampa,os três do **Barão Vermelho**, voltam ao rock'n'roll. Sobreviventes deste gênero no Rio, eles falam a **Sônia Maia** sobre a mudança. A mesma Sônia, em sua azáfama rotineira, ouviu ainda o **Conexão Japeri**, um funkão também do Rio e, numa edição lotada de cariocas, divertiu-se com o alucinado **Fausto Fawcett** numa entrevista delirante.

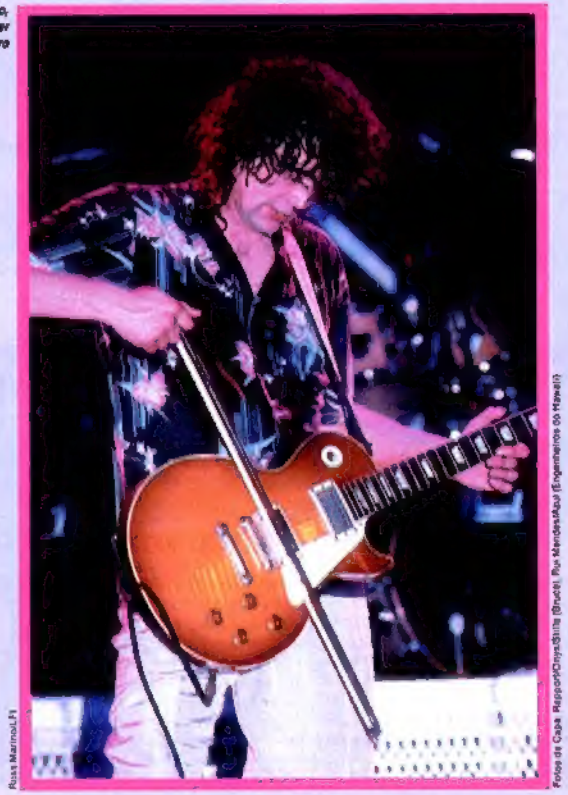
Passando daqui para o outro lado do Atlântico, publicamos entrevistas exclusivas com dois monstros do rock — **Jimmy Page**, agora em franca carreira solo (mas sempre com uma mãozinha do outro ex-Zep, Robert Plant), e **Mark Knopfler**, que não mais parece interessado na volta do **Dire Straits**. Os australianos combustíveis do **Midnight Oil**, também em exclusiva, desta vez a **José Emilio Rondeau**, contam sobre seu rock incisivo e inteligente. Ainda nesta edição, Marcel Plasse dá uma extensa geral no **hip hop**, gênero prolífico e diverso que invade o Brasil aos pacotes. Publicamos a parte segunda e final da história do **Clash** e do **Sex Pistols** e cobrimos, no **Ao Vivo**, **Bruce Springsteen, Paralamas, Iggy Pop, Joe Strummer, Nasty Savage, Al Green, Sakamoto, Robert Cray, John Lee Hooker, Michael Jackson** e **Itamar Assumpção**, numa impressionante tour de France, como diria o Vicente Matheus. Vamos nessa.

José Eduardo Mendonça

ÍNDICE

3 **ÍNDICE**
Você está aqui...
4 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boataria
14 **PARADA**
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno
28 **VÍDEO**
Molly Ringwald e os principais lançamentos
30 **HIP HOP**
Quem anda entortando seu cangote
36 **ENGENHEIROS DO HAWAII**
Pop às pampas
42 **MIDNIGHT OIL**
Aborígenes, cangurus e rock'n'roll
45 **ENTREVISTA**
Os monstros Jimmy Page e Mark Knopfler, em exclusivas
54 **FAUSTO FAWCETT**
Sem calcinha
56 **CLASH E SEX PISTOLS**
O começo do fim do mundo: final
64 **CONEXÃO JAPERI**
Novo celeiro do funk carioca
66 **BARÃO VERMELHO**
Agora um power trio
68 **QUADRINHOS**
Pau na canalha
70 **CINEMA**
Busca Frenética: a volta do maldito Polanski
74 **EM CARTAZ**
Ironweed, Surpresa em Shangai, Quero Ser Grande
76 **LETRAS**
"Stronger than Pride", Sade
78 **BRASIL**
80 **AO VIVO**
Bruce Springsteen, Paralamas do Sucesso, Iggy Pop, Joe Strummer, Nasty Savage, Al Green, Ryuichi Sakamoto, Robert Cray, John Lee Hooker, Michael Jackson e Itamar Assumpção
92 **DISCOTECA BÁSICA**
Acabou Chorare, dos Novos Baianos
94 **CARTAS E SERVIÇOS**

Jimmy Page voa solo, se recusando a ser apenas outro dinossauro



Russ Marino/LFI

Fotos de Capa: Rapport/Onyx/Stills (Bruce), Rui Mendes/Azul (Engenheiros do Hawaii)

NICO (1939-1988)

Christian Rose

Na mesma semana em que chegava às bancas a edição de julho de BIZZ, com a segunda parte do histórico do Velvet Underground, as agências internacionais noticiavam a morte da alemã Christa Paffgen, que entrou para a História do rock'n'roll com o nome de Nico.

Após ter iniciado uma carreira como modelo em seu país natal, no início dos 60, começou a peregrinar pela Europa. Fez uma ponta em *La Dolce Vita*, de Fellini, e morou em Londres e Paris, antes de desembarcar em Nova York, onde caiu nas graças de **Andy Warhol**. Além de produzir filmes estrelados por ela (dos quais o mais notável é *Chelsea Girls*), foi ele quem a impôs como cantora ao Velvet. Nico só gravou um LP com o grupo — o primeiro, intitulado justamente *The Velvet Underground & Nico* — antes do prosseguir nos 70 com uma notável carreira solo, na qual brilham as participações de John Cale, Brian Eno e Phil Manzanera. Sua voz grave e glacial, em contraste com sua beleza olímpica, se tornou um emblema e um ícone da face mais oblíqua do universo pop. Um fascínio que deixou cicatrizes nos corações de Iggy Pop, Jim Morrison, Lou Reed, John Cale e Alain Delon (com quem teve seu único filho, Ari, hoje com 25 anos).

Nico foi encontrada, no dia 18 de julho, por turistas, em uma estrada de Ibiza — vítima de um derrame cerebral enquanto pedalava sua bici. Ela tinha 48 anos.

A morte de Nico, deixando cicatrizes

BRYAN FERRY NA ESTRADA

Depois de cinco anos de jejum, finalmente os fãs de **Bryan Ferry** podem ver o seu ídolo ao vivo. O ex-vocalista do Roxy Music está na estrada de novo, promovendo o álbum *Bête Noire*. Entre os músicos que o acompanham está **Andy Newmark**, que tocou bateria no Roxy. A turnê começou nos Estados Unidos, no início de agosto. No repertório, pérolas do LP mais recente e de *Boys and Girls*, além de "Do the Strand", um clássico do Roxy.

Pur Mendes-Ajuri

Dinho e companhia, preparando o terceiro LP

CAPITAL INICIAL NO ESTÚDIO

O **Capital Inicial** está de volta aos estúdios da PolyGram neste mês de setembro. O **Ultraje** continua gravando pela WEA, que coloca ainda os **Inocentes** em estúdio. Pela RCA, **Paulinho da Viola** prepara um novo disco, depois de cinco anos sem gravar. Outro que está de volta é **Zé Rodrix**, gravando pela Copacabana. Os blocos **Muzenza** e **Ara Ketu** gravam pela Continental. Quem se prepara para gravar, recém-contratada pela Odeon, é a cantora **Marisa Monte**. Pelo lado independente, a **Vórtex**, de Porto Alegre, lança quatro fitas: *Smog-Fog, K 21, Os Obsoletos* e *Grou*.

OUÇA ESSA

"Eles são os irmãozinhos do Duran Duran."
Comentário de Ian Anderson, do Jethro Tull, depois de assistir a um clip do RPM, em São Paulo.

O FIM DO ECHO & THE BUNNYMEN

Tudo indica que o **Echo & the Bunnymen** chegou mesmo ao fim. Em curta entrevista ao *NME*, de 30 de julho, **Ian McCulloch** não confirmou nem desmentiu a separação. "Nós já deixamos uns aos outros umas dez vezes cada, então talvez esta seja a grande separação. Todos nós temos nossos próprios planos, na verdade." Ainda segundo o semanário, **Les Pattinson** já teria deixado o baixo para se dedicar ao seu negócio de fabricação de barcos. Uma outra versão da história foi dada pelo diretor da WEA, Rob Dickens: "Eles estão juntos há dez anos, precisam de um tempo para respirar". Rob levantou a possibilidade de o grupo retomar a carreira após um longo descanso, com uma nova formação — permanecendo apenas Ian McCulloch e Will Sargeant (guitarra). Até o fechamento desta edição, nem a gravadora nem o grupo haviam confirmado oficialmente a separação.

S. Rapport/LFI

Fim da linha para os coelhinhos de Liverpool?

TURNÊ DA ANISTIA CHEGA AO BRASIL

Bruce Springsteen, Sting, Peter Gabriel, Youssou N'Dour e Tracy Chapman desembarcam no Brasil em outubro para uma única apresentação no estádio do Palmeiras, no dia 12. O show faz parte da turnê mundial de seis semanas organizada pela Anistia Internacional, que visa conscientizar as pessoas sobre os Direitos Humanos. A turnê *Direitos Humanos Já!* — que teve início no dia 2 de setembro, em Londres — inclui países da África e Ásia, além da Europa e América. Em cada país, grupos locais são convidados a participar dos concertos — até o fechamento desta edição, ainda não se sabia quais grupos brasileiros tocarão em São Paulo. Entre os internacionais, além dos já citados, poderão estar os rapazes do R.E.M. — caso consigam terminar a tempo as gravações do seu novo LP.

NEW ORDER ENTRE NÓS

S. Rapport/LFI

A nova ordem, enfim, abençoa o Brasil

Coisa fina! Está confirmadíssima a vinda do **New Order** ao Brasil. Eles desembarcam dia 23 de novembro no Rio de Janeiro, onde se apresentam no dia seguinte no Maracanãzinho. De lá, vão para Porto Alegre para um único show no Gigantinho e em seguida, para São Paulo em quatro shows no Ginásio do Ibirapuera nos dias 30, 1, 2 e 3 de dezembro. Os argentinos também terão seu presente de Natal antecipado: o New Order encerra sua turnê latino-americana em Buenos Aires no dia 7 de dezembro.

A VOLTA DOS SMITHS?

Ash + Davis/Retna

Morrissey e Marr: juntos novamente?

Até o final de 88, **Morrissey** e **Johnny Marr** poderão estar juntos novamente. Ao que parece, os dois têm mantido contato constante nos últimos meses — o que teria provocado o rompimento entre **Morrissey** e **Stephen Street** (co-autor de todas as faixas de *Viva Hate*). Informações nesse sentido foram divulgadas por John Peel, da BBC de Londres e pelo *New Musical Express*. O novo grupo será formado apenas por Morrissey e Marr, que passarão a trabalhar com músicos convidados. A volta dos **Smiths** estaria sendo retardada apenas pelos compromissos já assumidos por Johnny Marr com outros músicos. Agora é esperar para ver...

MARY CHAIN E SUGARCUBES EM ESTÚDIO

Os meninos do **Jesus & Mary Chain** se reuniram com os **Sugarcubes** em estúdio para gravar uma nova versão de "Birthday" — música que estava no compacto de estréia da banda islandesa. O single resultante deve ser lançado até o final do ano (lá fora, é claro). Não é a primeira vez que as duas bandas trabalham lado a lado: recentemente, o Jesus & Mary Chain abriu para o grupo de **Bjork** no Cambridge Theater, em Londres.

Paul Cox/LFI

Mix agridoce: Sugarcubes e Jesus

U2 LANÇA NOVO LP

Nick Elgar/LFI

Bono, em músicas inéditas e gravações ao vivo: veja o disco, cuça o filme...

Sai em outubro o novo LP do **U2**, com trechos de shows da última turnê do grupo. Não se sabe ainda se será um álbum simples, com algumas faixas gravadas em estúdio, ou um duplo — com o novo material preenchendo um disco inteiro. O lançamento deve coincidir com a estréia do filme do grupo, *Rattle and Hum*. ⊗ **Van Morrison** está com um novo trabalho na praça, ao lado do grupo irlandês **Chieftains**. Chama-se *Irish Heartbeat*. ⊗ *Boom Chi Bom Boom* é o nome do novo álbum do **Tom Tom Club**, que inclui uma versão de "Femme Fatale", do **Velvet Underground**. A faixa conta com a participação do próprio **Lou Reed**, mais **David Byrne** e **Jerry Harrison**, dos **Talking Heads**. ⊗ Foi lançado mais um LP do **UB40**, que leva apenas o nome do grupo.

RPM EXCURSIONA NOS EUA

Depois de excursionar pelo Brasil, o **RPM** está de malas prontas para os Estados Unidos. Entre os dias 14 e 18 de setembro, os rapazes realizam uma série de shows por lá, começando por Nova York. A partir dessas apresentações será realizado um vídeo, sem prazo de lançamento. Está previsto ainda, para dezembro, um disco com os maiores hits do grupo — distribuído exclusivamente no mercado americano. Quem também foi tentar a sorte nos States é **Silvio Golfetti**, guitarrista da banda heavy **Korzus**. Silvio é o mais novo integrante do grupo americano **Pontius Prophet** — que fez o convite após assistir a sua atuação num show em São Paulo. Detalhe: o ex-integrante do Korzus é também irmão de um outro guitarrista, velho conhecido nosso — **Fábio**, do Violeta de Outono.

Fotos Abril

RPM: turnê e vinil para entrar no mercado americano

A MORTE DE ED DAVIS

Morreu na Califórnia, no dia 22 de junho, o guitarrista de blues e rock Jesse "Ed" Davis. Jesse, em seus 43 anos de vida, tocou com Eric Clapton, B.B. King e Joe Cocker, além de participar de vários discos solo de John Lennon e acompanhar George Harrison no seu *Concerto para Bangladesh*. Suspeita-se que a sua morte tenha sido causada por uma overdose de heroína.

3 ANOS DE BIZZ

Cristiano Abul

Legião, desfiando clássicos do rock na festa da BIZZ

No dia 19 de julho, a BIZZ comemorou três anos de existência com uma festa no Projeto SP. A sensação da noite foi o show da **Legião Urbana**, que preparou para a ocasião uma seleção especial de covers — incluindo, entre outras, "Heroes", de **David Bowie**, "Route 66", de **Chuck Berry**, "Purple Haze", de **Jimi Hendrix** e "Get Back", dos **Beatles**. Quem esperava, porém, um show curto (como havia sido anunciado) teve uma grata surpresa: Renato Russo, entusiasmado com a reação mais que calorosa da platéia, prolongou a apresentação por quase duas horas, cantando praticamente todos os hits da banda.

OUÇA ESSA

"O Renato Russo, do Legião Urbana, me cooptando como guru (agora na tua, todo mundo me pára pra pedir autógrafos... dele). veio apenas confirmar o que sempre todo mundo soube — tenho muito maior penetração no rock do que na Academia Brasileira de Letras."

Millôr Fernandes, no *Jornal do Brasil*

O GRUPO DOS SMITHS

Tim Bissett/Retna

Brix, recrutando ex-Smiths

O **Adult Net**, grupo liderado por **Brix Smith** (também guitarrista do Fall), acaba de assinar com a Phonogram Records, na Inglaterra. O álbum de estréia — que conta com as participações dos ex-Smiths **Johnny Marr** e **Craig Gannon** — deve sair no início do ano que vem. Os singles anteriores da banda — que já teve em sua formação **Andy Rourke** e **Mike Joyce**, outros dois ex-Smiths — saíram pela Beggars Banquet.

COISA FINA NAS FMS

Uma das poucas opções para quem ainda gosta de ouvir rádio é o programa *Novas Tendências*, produzido e apresentado por **José Roberto Mahr**. Neste mês de setembro, o *NT* completa quatro anos de vida, sempre com a mesma proposta: mostrar, em primeira mão, as novíssimas bandas de todo o planeta. Com uma boa notícia: a partir de agora, as rádios Cidade, de Recife, Estéreo Vale, de São José dos Campos, e 99, de Campinas, passam a transmitir o programa — que já era apresentado, sempre aos domingos, às cinco da tarde, na 89 (SP), Fluminense (RJ) e Cidade (MG e RS). Nessa nova fase, Mahr pretende abrir cada vez mais espaço para as bandas locais, executando fitas demo e piratarias em geral.

BOB PAI, ZIGGY FILHO

Retna

Ziggy, superando as proezas do pai

Nada como um famoso ancestral para dar um empurrão em uma carreira. **Ziggy Marley**, na verdade, conseguiu obter um recorde nunca alcançado por seu pai, Bob. Com "Tomorrow People", de seu primeiro álbum, *Counscious Party*, ele chegou no 30.º lugar da parada de singles americana. Enquanto isso, **Bob Marley** apenas conseguiu bater no 51.º com "Roots, Rock, Reggae", em 1976. É claro que, de lá para cá, a difusão do som caribenho aumentou enormemente, mas que o sobrenome ajudou, ajudou.

NEIL YOUNG TOCA COM BOB DYLAN

Luciano Vidigal

Neil Young, canja nos shows de Bob

Neil Young andou tocando com **Bob Dylan** durante a turnê que este realiza nos Estados Unidos. Em três shows na Califórnia, Young colocou sua guitarra — e vocais — em músicas como "Subterranean Homesick Blues" e "Like a Rolling Stone" ⊗ Em sua próxima turnê pelos EUA, **Eric Clapton** estará acompanhado por dois **Dire Straits**: o tecladista **Alan Clark** e **Mark Knopfler** (Clapton havia tocado com os Straits no tributo a Nelson Mandela) ⊗ **Brian Eno** está lançando seu novo selo, o Opal Records (a distribuição será feita pela Warner Bros.). Os primeiros discos a saírem pelo selo de Eno são os de **Harold Budd**, do grupo Hugo Largo e de **Roger**, irmão do produtor ⊗ **Earl Falconer** baixista do **UB40**, foi preso em junho em Birmingham, após ter se declarado culpado em um acidente de carro que resultou na morte de seu irmão. Falconer foi condenado a um ano e meio de prisão ⊗ **Barry Adamson** (ex-Bad Seeds, ex-Magazine) foi hospitalizado recentemente — com o maxilar quebrado — depois de ser agredido por um segurança durante um show de **Nick Cave & the Bad Seeds**.

OUÇA ESSA

"Eu não ligo muito mais para sexo. Hoje em dia sou bem mais chegado a masturbetas."

Mickey Rourke

BOWIE EM NOVO FILME

Está pronto o primeiro filme longa-metragem com **Michael Jackson**, *Moonwalker*, que tem a direção de **Rick Baker** (*Um Lobisomem Americano em Londres*) ⊗ **Elton John** contracena com **Glenda Jackson** em *The Rainbow*, adaptação de um romance de **D.H. Lawrence**. A direção é de **Ken Russell** (que já dirigiu Elton em *Tommy*) ⊗ *The Delinquents* é o nome do novo filme de **David Bowie**, onde o camaleão atua também como co-produtor ⊗ Está prevista para o final do ano (lá fora) o lançamento do *Vibes*, o filme em que **Cyndi Lauper** atua ao lado de **Peter Falk** e **Jeff Goldblum** ⊗ Os **Pet Shop Boys** estrelam *It Couldn't Happen Here*, já em exibição na Europa ⊗ Em filmagem: *Zombie Cop*, com **Iggy Pop**, e **Iron Magonolies**, mais um com **Cyndi Lauper**.

Thimann/LFI

Cyndi, de volta com o terceiro LP

O ESPÍRITO DE CYNDI

Cyndi Lauper volta à carga com o LP *Kindred Spirit*, depois de um ano e meio sem gravar ⊗ Deverá ser lançada em dezembro uma coletânea com os maiores sucessos de Michael Jackson. O título não está definido ⊗ **Andy Summers** (ex-Police) está com um disco novo na praça: *Mysterious Barricades* ⊗ **Eric Burdon** (lembram-se dos Animals?) está lançando um disco solo: *I Used To Be an Animal* ⊗ Todas as canções gravadas por **Marilyn Monroe** estão em *Marilyn Monroe: The Complete Recordings*, lançado recentemente lá fora

OS HERÓIS NÃO RESISTEM

Os **Heróis da Resistência** são agora um trio. **Lulu Martin** (teclados) e **Alfredo Dias Gomes** (bateria) saltaram fora por causa de divergências nas propostas musicais. Alfredo falou à BIZZ: "Eu e Lulu temos uma formação musical muito diferente da do Leoni. Ele não é um grande músico, não é um grande baixista. Está muito distante disso. Gerou insatisfação; ficou difícil se entender". Leoni, por outro lado, declarou: "Na verdade era um problema dos Heróis há muito tempo. Eles são músicos, e uma banda necessita de uma atitude, energia, e não de profissionais para tocar. Foi apenas uma diferença de proposta. Não tinha tesão, empolgação por parte deles. Tanto que quando pintou o show em Nova York, eles já estavam no Brasil". Alfredo Dias Gomes prepara seu disco solo, que contará com a participação de **Nico Assumpção** no baixo. Alfredo já tocou com mestres, como Hermeto Pascoal. Os Heróis contactaram **Cadu** (bateria) e pretendem levar adiante a banda apenas com a formação baixo/vocal (**Leoni**), guitarra (**Jorge Shy**) e bateria. Os teclados ficarão a cargo de um computador, ou seja, tocarão sozinhos. O show realizado em Nova York fez parte do *New Music Seminary*, organizado todos os anos para os *music businessmen of the world*. Os Heróis foram uma das 350 bandas que se apresentaram pelos vários clubes nova-iorquinos ao longo de uma semana.

Márcia Ramalho/JB

Dissidências na banda de Leoni: sobraram três heróis

A RESSURREIÇÃO DE SIOUXSIE

Siouxsie toma de assalto a Inglaterra

Siouxsie e seus **Banshees** estão de volta com um novo single, "Peek-A-Boo". O lançamento vem recebendo elogios rasgados na imprensa britânica — a *Melody Maker* chamou-o de "o single mais chocante do ano", além de colocar a cantora na capa de uma de suas edições. Segundo a própria Siouxsie, a música é "um sample de uma antiga canção do grupo, tocada de trás pra frente". Acompanhando o lançamento, o grupo inicia uma turnê pela Inglaterra, durante a qual serão executadas 17 (!!!) novas composições. Até o final do ano, a banda lança um novo LP, ainda sem título definido.

JIM QUER PROCESSAR DEPUTADO

Jim: alvo de acusações conservadoras

O simple mind **Jim Kerr** está pensando em processar o deputado conservador inglês **Nicholas Fairburn**. Num artigo no jornal escocês, *Daily Record*, o amiguinho de **Thatcher** disse que Kerr era um "esquerdista de merda" e que ele e **Annie Lennox** queriam apenas "encher os bolsos de dinheiro", referindo-se à aparição dos dois no tributo a **Nelson Mandela**.

ESPECIAIS DE BIZZ

Nas bancas, mais uma edição da sua **Letras Traduzidas**. Entre as mais pedidas, "(I've Had) the Time of My Life", de **Bill Medley** e **Jennifer Warner**, tema do filme *Dirty Dancing*, além dos últimos sucessos de **Terence Trent D'Arby, U2, A-ha, Duran Duran...**

MICHAEL JACKSON SACA DA CARTEIRA

Soltando dólares para todos os lados

Michael Jackson anunciou a doação de toda a renda de um concerto em Detroit para o Museu Histórico da Motown, localizado nas instalações originais da gravadora. Mais Michael Jackson: em meados de junho, o cantor se encontrou com a princesa Diana, no estádio de Wembley — na ocasião, passou para **Lady Di** um cheque de 400 mil dólares, destinados a um fundo beneficente e a um hospital de crianças. A última de Wacko Jacko: seu mais recente negócio é um spa (clínica sofisticada de emagrecimento), sediado na Califórnia, que ele dirige em sociedade com **Jane Fonda**.

A VOLTA DE (MAIS) DINOSSAUROS

O Airplane: it was sixteen years ago

O **Starship** pode andar voando baixo, mas se fala de uma volta do **Jefferson Airplane**, depois de Paul Kantner, Jack Casady, Jorma Kaukonen e Grace Slick terem se juntado recentemente num mesmo palco pela primeira vez em 16 anos. Outros velhos de guerra, **Crosby, Stills, Nash & Young**, estão para lançar novo LP, e **Ron Wood** tem dito a amiguinhos na imprensa que espera novo álbum e turnê dos **Rolling Stones** para o ano que vem.

ENFORCARAM O ASSASSINO DE PETER TOSH

Foi enforcado em junho, em Kingstown, Jamaica, o assassino de **Peter Tosh, Dennis Loban**, que matou também na mesma noite os DJs Doc Brown e Jeff Dixon. Segundo se ouviu na corte, a matança começou quando Tosh foi ameaçado com um machado e um de seus amigos tentou ajudá-lo.

RAMONES EM COLETÂNEA

A cantora **Pat Benatar** está de volta com o álbum *Wide Awake in Dreamland*. ⊗ **Bruce Springsteen** e **U2** estão presentes num LP que reúne várias covers para músicas de **Woody Guthrie**. O lançamento está previsto para outubro. ⊗ Já está pronto o novo trabalho dos **Cocteau Twins**, ainda sem nome definido. ⊗ O grupo alemão **DAF** lançou mais um disco. Chama-se apenas *DAF*. ⊗ *Ramones Mania* é o nome do álbum duplo do grupo homônimo. Trata-se de uma compilação com os melhores momentos da banda — além de versões remix inéditas.

Ramonemaniacos: preparem-se para os melhores momentos

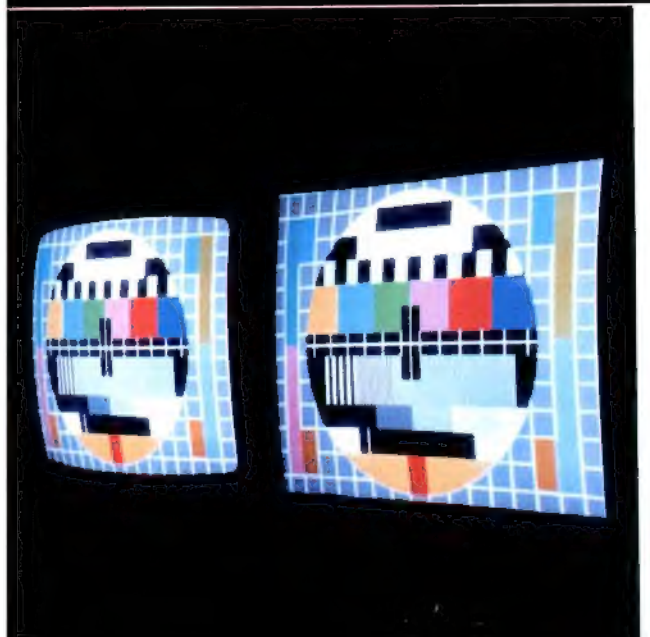
A Philips não pára. Depois do Compact Disc, a Philips cria a maior e mais emocionante evolução na reprodução de imagem: o Compact Disc Vídeo. Uma experiência totalmente nova e revolucionária, que une a pureza do som CD à perfeita imagem do vídeo.

O Compact Disc Vídeo trabalha com 3 tamanhos de discos para até 2 horas de reprodução de áudio e vídeo. E o CD Vídeo Player toca qualquer destes tamanhos, inclusive o CD Áudio comum.

E o que está por trás desta combinação perfeita do som CD com vídeo em disco ótico são anos e anos de pesquisa, aprimoramento e investimento da Philips para oferecer a você a mais avançada tecnologia, para a sua necessidade e conforto.

E a Philips continua avançando. Ainda no campo da imagem, a Philips, acompanhando uma tendência mundial, desenvolveu e introduziu no Brasil o Flat Square Tube: um cinescópio plano com cantos em ângulo reto cuja criação também incorpora inovações revolucionárias.

Philips. Uma nova dimensão na tecnologia da imagem.



Desde o próprio projeto computadorizado do bulbo com a face quase plana, passando pela composição especial do vidro, até a nova concepção e construção dos canhões eletrônicos que permitem focalização ainda mais eficiente.

O resultado é: maior área de imagem, menor reflexão da luz ambiente, maior contraste entre elementos claros e escuros. Imagem mais real, mais próxima da cinematográfica.

Estes são dois exemplos de como a Philips continua inovando, usando sua tecnologia de ponta para dar nova dimensão à reprodução de imagens, avançando sempre, em busca da perfeição.

Patrocinador Oficial dos Jogos Olímpicos de 1988

Philips.
Produtos de última geração.

PHILIPS

PHILIPS

BAIXARIA NO TRIBUNAL

Tim Bauer/Retna

Cook (de boné): pau com o juiz

O ex-**Housemartin Norman Cook** pegou 28 dias de cana por causa de uma briga em Brighton, Inglaterra. Não contente, foi ao juiz e vociferou: "Você não pode fazer isto comigo, velho babaca. Eu mixei um disco de James Brown, eu cheguei no topo das paradas no Natal. Me prenda e eu vou arrancar seus testículos". Pegou mais dois meses.

ELVIS PODE VIRAR SELO

O jornal americano *USA Today* fez um concurso entre seus leitores para que eles escolhessem, dentre cinco personalidades, quem mais merecia virar selo do correio do país. Os concorrentes foram **Marilyn Monroe, Três Patetas, John Wayne, Nat King Cole** e **Elvis Presley**. Presley saiu na frente, com 2 481 votos pelo telefone. Wayne pegou um segundo, com 1 843. Pelo jeito, logo logo o Rei vai estar nas cartas vindas de USA.

FITAS PARA A REDAÇÃO

Desde sua edição 36 (julho), a BIZZ tem uma nova seção, **Brasil**. Além de informar sobre o que está acontencendo nos meios musicais dos vários estados, a seção pretende servir de espaço para as novidades musicais de todo o país. Por isso convidamos todas as bandas a enviarem gravações (ensaios, demos, discos), releases e letras para o seguinte endereço: *Revista BIZZ / Brasil/ Avenida Marquês de São Vicente, 1771/ CEP 01139/ São Paulo — SP.*

OVERDOSE MATA GUITARRISTA DO CHILI PEPPERS

Roberto Amadeo

Os Peppers, com Slovak (boné branco)

Dia 27 de junho foi encontrado o corpo de **Hillel Slovak**, guitarrista do **Red Hot Chili Peppers**, aparentemente vítima de uma overdose de heroína. De acordo com os cálculos da polícia de Los Angeles, Hillel já estava morto dois ou três dias antes de ser encontrado. Flea, o baixista da banda, deu inflamada entrevista ao *Los Angeles Times*, onde declarou: "O pior é que se eu quisesse, ligava agora mesmo para o cara que vendeu a droga a Slovak e el certamente teria o maior prazer em me vender mais um pouco, na maior". O novo guitarrista já foi anunciado: trata-se de **Blackbird McKnight**, que tocou com o P-Funk de George Clinton.

Duas cantoras americanas marcaram presença por aqui em meados do mês de julho. **Roberta Flack** — conhecida no Brasil por hits românticos dos anos 70 como "Killing Me Softly with This Song" — fez o show de inauguração de uma casa em São Paulo, o Olympia.

Quem levou a melhor, porém, foi a cantora de soul **Betty Wright**, que lotou o ginásio do Palmeiras, em mais uma apresentação organizada pelo Chic Show. Betty conseguiu conquistar a platéia, aproveitando para mostrar seu lado de instrumentista — com um solo de bateria...

VOZES DOS EUA NO BRASIL

Cristina/Acuí

Betty: voz e solos de bateria para incendiar o Chic Show

SUZANNE VEGA VAI À DISNEYLAND

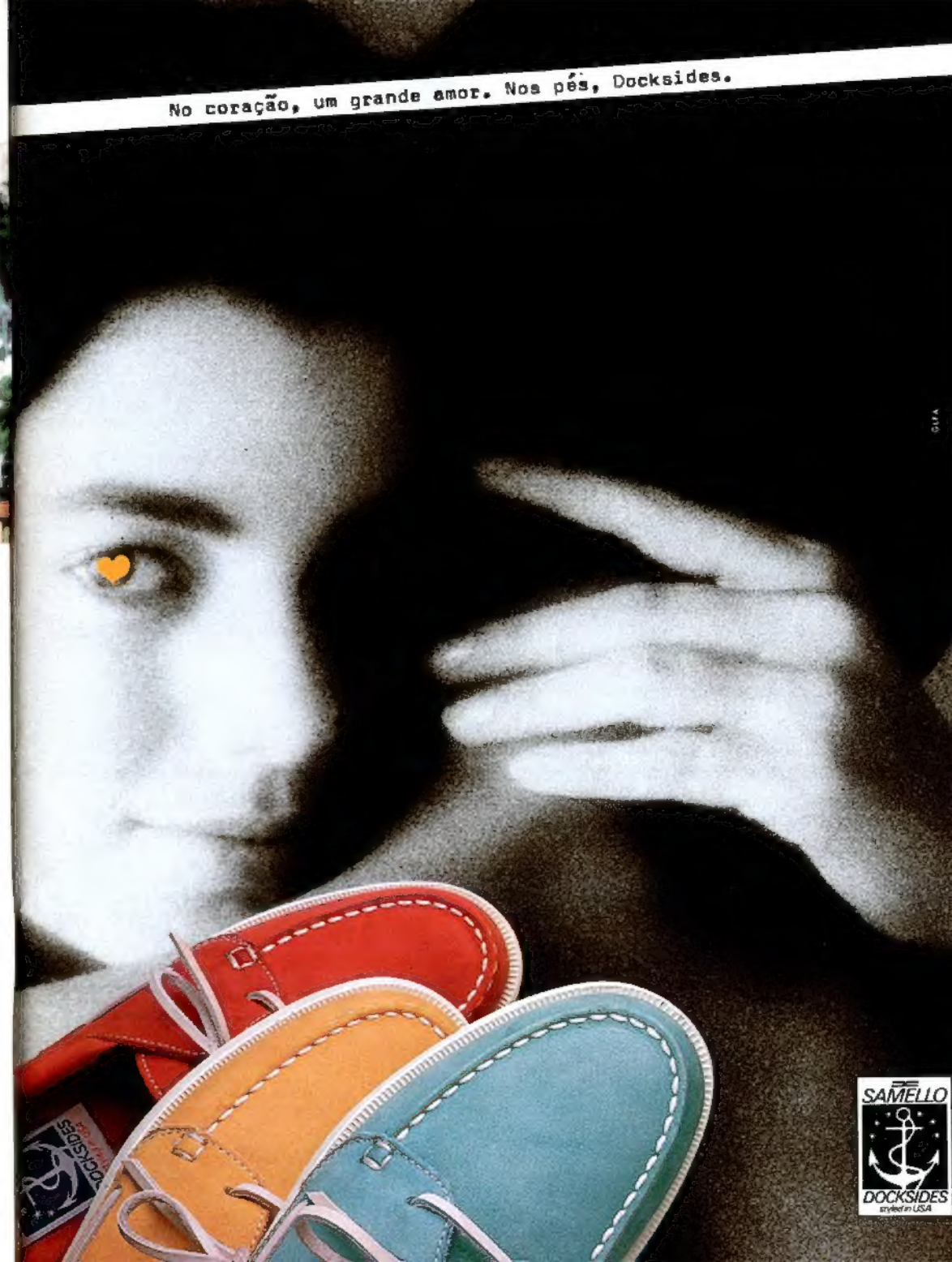
Paul Slattery/Retna

Suzanne: clássicos de Walt Disney

Suzanne Vega, Tom Waits e **Sinéad O'Connor** são alguns dos músicos que participam do LP *Stay Awake*, uma coleção de canções de filmes clássicos de **Walt Disney**. O lançamento é em outubro ⊗ Já saiu o novo trabalho dos **Psychedelic Furs**. É uma coletânea de hits chamada *All of This Nothing* ⊗ Sai em outubro um álbum duplo do **Sonic Youth**. Antes disso, o grupo lança uma coletânea de compactos, apenas em cassete e CD, chamada *Sonik Death*.

BEACH BOY LANÇA DISCO SOLO

Quem está de volta, depois de cinco anos e meio de tratamento intensivo para se livrar de problemas mentais causados (em parte) por drogas, é **Brian Wilson**, o mentor dos **Beach Boys**. Ele lança um álbum solo, que leva apenas o seu nome ⊗ Saiu o novo LP do **Slayer**. O título é *South of Heaven* ⊗ O **Wedding Present** lançou uma compilação de compactos e *radio sessions*. Chama-se *Tommy* ⊗ *Small World* é o nome do novo trabalho de **Huey Lewis & the News** ⊗ O **Transvision Vamp** faz sua estréia no vinil com o LP *Pop Art* ⊗ *It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back*: esse é o título do mais recente LP do **Public Enemy**.



PARABÉNS TITÃS

22º MONTREUX JAZZ FESTIVAL - Dia 8 de julho de 1988 - 20:30 Titãs (Première Europeène)

"FULL METAL ROCK"
dos Titãs
ganha a platéia de Montreux...
com a galera delirando
(FOLHA DE SÃO PAULO - 10 de julho
Marcos Augusto Gonçalves)

GRANDE SURPRISE DU BRÉSIL TROPICAL...
Un rock éblouissant et torride
(LIBÉRATION - 10 de julho)

ROCK 'N' ROLL IN THE BEST OF TRADITION...
Man! it was really hot...
Congratulations to the Titãs
(DAILY MIRROR - 11 de julho)

TITÃS EST AUJOURD'HUI LA VOIX DU BRÉSIL moderne
et jeune face à l'establishment.
Titãs ne recule devant rien.
Le public adore...
(VARIETÉ - 11 de julho)

O SHOW FOI GRAVADO AO VIVO EM 24 CANAIS DIGITAIS E SERÁ LANÇADO NO BRASIL EM BREVE.

wea

Frank Griffith/LFI

A-ha!!! É a vez de Morten, Mags e Pal ocuparem o primeiro lugar

Parada do Leitor (LPs)

1 (15) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
2 (1) *Que País É Este — 1978/1987* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
3 (2) *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* — **Titãs** (WEA)
4 (3) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)
(N) *Psicoacústica* — **Ira!** (WEA)
6 (10) *RPM* — **RPM** (CBS)
7 (4) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
(5) *Substance* — **New Order** WEA)
9 (N) *Faith* — **George Michael** (CBS)
10 (12) *You Can Dance* — **Madonna** (WEA)
(R) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
12 (N) *Bora-Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
13 (R) *October* — **U2** (WEA)
(N) *Unknown Pleasures* — **Joy Division** (Stiletto/Eldorado)
15 (4) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (5) *OU812* — **Van Halen** (Warner Bros.)
2 (4) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
3 (1) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
4 (3) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora** — **Vários** (RCA)
5 (9) *Appetite for Destruction* — **Guns & Roses** (Geffen)
6 (N) *Stronger than Pride* — **Sade** (Epic)
7 (2) *Open Up and Say... Ahh!* — **Poison** (Enigma)
8 (N) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
9 (7) *Scenes from...* — **Bruce Hornsby & The Range** (RCA)
10 (N) *Roll with It* — **Steve Winwood** (Virgin)

Compactos (EUA)

1 (10) "The Flame" — **Cheap Trick** (Epic)
2 (N) "Pour Some Sugar on Me" — **Def Leppard** (Mercury)
3 (N) "New Sensation" — **INXS** (Atlantic)
4 (N) "Mercedes Boy" — **Pebbles** (MCA)
5 (N) "Hold on..." — **Richard Marx** (EMI-Manhattan)
6 (5) "Dirty Diana" — **Michael Jackson** (Epic)
7 (N) "Roll with It" — **Steve Winwood** (Virgin)
8 (3) "Foolish Beat" — **Debbie Gibson** (Atlantic)
9 (N) "Hands to Heaven" — **Breathe** (A&M)
10 (9) "The Valley Road" — **Bruce Hornsby & The Range** (RCA)

LPs (GB)

1 (N) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
2 (N) *Idol Songs* — **Billy Idol** (Chrysalis)
3 (N) *Push* — **Bros** (CBS)
4 (1) *Tango in the Night* — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
5 (N) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
6 (N) *Now 12* — **Vários** (EMI/Virgin/PolyGram)
7 (N) *Roll with It* — **Steve Winwood** (Virgin)
8 (N) *The Collection* — **Barry White** (Mercury)
9 (R) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
10 (2) *Nite Flight* — **Vários** (CBS)

Compactos (GB)

1 (N) "Nothing Is Gonna Change..." — **Glenn Medeiros** (London)
2 (N) "The Twist" — **Fat Boys & Chubby Checker** (Urban)
3 (N) "Push It/Tramp" — **Salt'N'Pepa** (London/Champion)
4 (6) "I Owe You Nothing" — **Bros** (CBS)
5 (N) "Dirty Diana" — **Michael Jackson** (Epic)
6 (N) "Roses Are Red" — **Mac Band** (MCA)
7 (N) "I Don't Want..." — **EBTG** (Blanco y Negro)
8 (N) "Fast Car" — **Tracy Chapman** (Elektra)
9 (N) "Boys" — **Sabrina** (Ibiza)
10 (N) "Tribute (Right on)" — **Pasadenas** (CBS)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *1969* — **AR Kane** (Rough Trade)
2 (2) *The House of Love* — **House of Love** (Creation)
3 (N) *Survive* — **Nuclear Assault** (Under One Flag)
4 (3) *The Innocents* — **Erasure** (Mute)
5 (N) *Substance 1977 — 1980* — **Joy Division** (Factory)
6 (N) *Judges, Juries and...* — **Weather Prophets** (Creation)
7 (N) *Tommy* — **Wedding Present** (Reception)
8 (N) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
9 (1) *Life's Too Good* — **Sugarcubes** (One Little Indian)
10 (N) *Colorblind James Experience* — **C.J.E.** (Fundamental)

Compactos Independentes (GB)

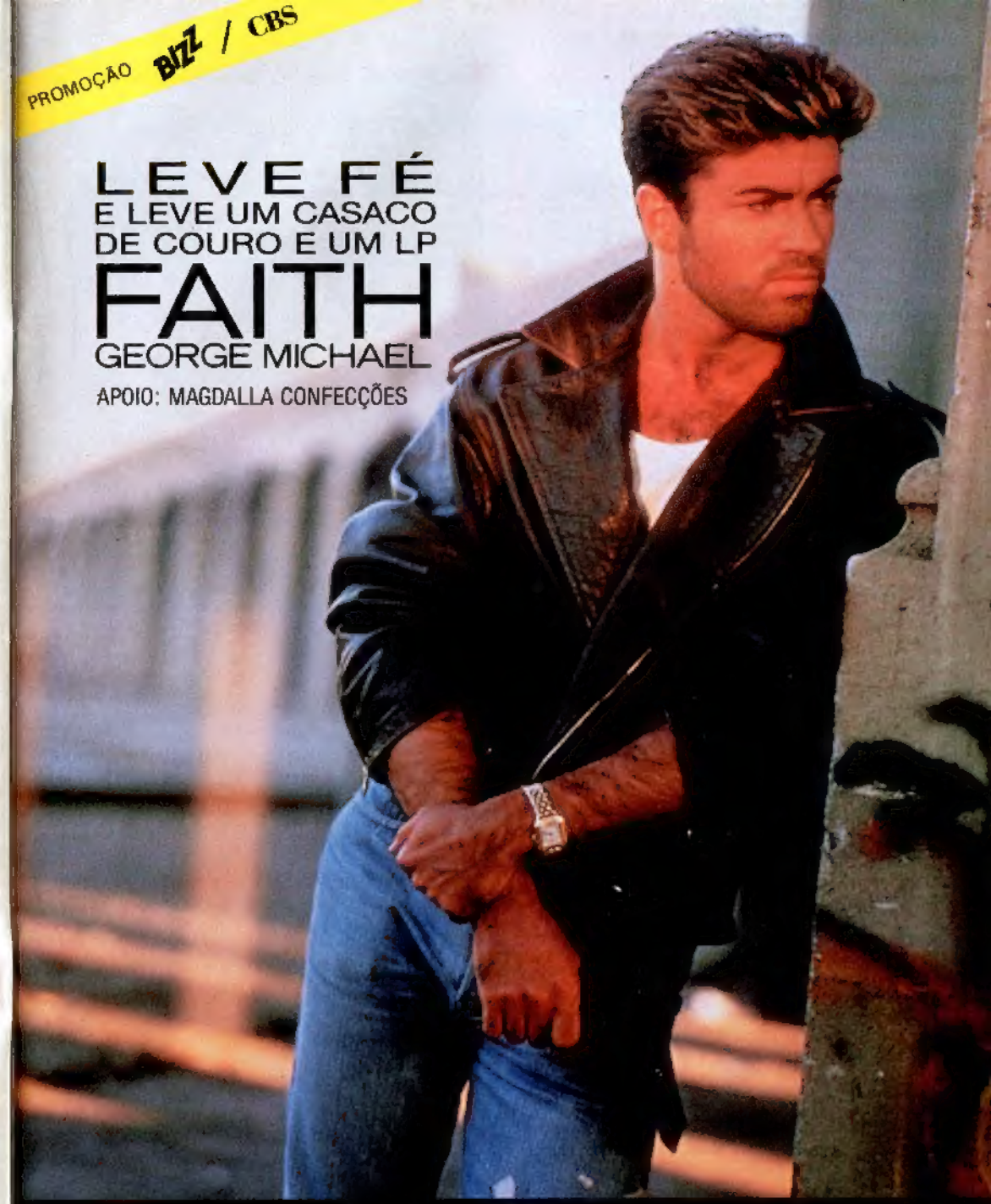
1 (N) "Atmosphere" — **Joy Division** (Factory)
2 (N) "The Mercy Seat" — **Nick Cave & The Bad Seeds** (Mute)
3 (2) "Doctorin' the Tardis" — **Timelords** (KLF)
4 (N) "Superfly Guy" — **S-Express** (Rhythm King)
5 (N) "Silk Skin Paws" — **Wire** (Mute)
6 (7) "Chains of Love" — **Erasure** (Mute)
7 (N) "Sciace" — **Sea Urchins** (Sarah)
8 (1) "Moonchild" — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
9 (N) "Smash Clause 28" — **Chumbawamba** (Agit Pop)
10 (3) "Love Will Tear Us Apart" — **Swans** (Product Inc.)

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB); de 2 a 30/07/88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 31/07/88.

PROMOÇÃO BIZZ / CBS

LEVE FÉ
E LEVE UM CASACO
DE COURO E UM LP
FAITH
GEORGE MICHAEL

APOIO: MAGDALLA CONFECÇÕES



É FÁCIL. BASTA TRADUZIR 4 LINHAS DO SUCESSO **ONE MORE TRY**, QUE VOCÊ ENCONTRA NO LP **FAITH**, DE GEORGE MICHAEL.
ESCREVA PARA DISCOS CBS (PRAIA DO FLAMENGO,200/15º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CEP 20210). NO ENVELOPE, ESCREVA PROMOÇÃO "LEVE FÉ". DEPOIS É SÓ AGUARDAR O RESULTADO.

WHODINI/ WORLD DESTRUCTION — Time Zone (BMG)/ THE LIGHT — Afrika Bambaataa & Family/ IN FULL EFFECT — Mantronix (EMI)/ ON THE STRENGTH — Grandmaster Flash & the Furious Five/ TROUBLE OVER HERE — Trouble Funk/ PAID IN FULL — Eric B & Rakim (WEA)

Hey, yo! Nunca houve tantos lançamentos da nova música negra americana. Antes tarde... Trouble Funk é o melhor representante da go-go music de Washington. Depois de seis anos de vinil, seu estilo ficou bastante acessível. Só falta tocar no rádio.

O primeiro LP do Whodini é puro abracadabra. Mas funciona. Thomas Dolby havia gravado um electro-funk que pedia um rap por cima. Alguém lhe apresentou Jalil Hutchins e Ecstasy. O resultado do encontro, "Mr. Magic's Hand", virou hit e puxou o LP, gravado na Alemanha (!) em 83, com uma sonoridade bem próxima do eurodisco.

Afrika Bambaataa foi quem começou com essa aproximação de drum machine, sintetizadores e break beats. Desde 84, o velho Bam tem andado bem acompanhado. A banda Time Zone nada mais é do que um mix de Material com seu texto. *World Destruction*, além de trazer o melhor dance track de 84 (a faixa-título, com a participação de John Lydon), ainda compila a fase do trio Shango, outra incursão transitória de Bam pelo mundo das parcerias. *The Light*, por sua vez, traz Bam ao lado de UB40, Yellowmen, Boy George, George Clinton e Sly & Robbie, entre outros, com um lado produzido pelo Material. O resultado, claro, é desigual.

Grandmaster Flash, um dos pioneiros do scratch, mostra que continua com gás para afanar instrumentos e frases (como a popular "I'm Bad") sem recorrer ao sampler. Sua única concessão é o cover de "Magic Carpet Ride", com a participação do vocalista original, John Kay, do Steppenwolf, que lembra a jogada do Run-DMC com "Walk This Way". O cover, porém, é um achado para as pistas de dança.

Mantronix e Eric B & Rakim são a vanguarda do hip hop. O DJ Curtis Mantronik segue a trilha abandonada por Kraftwerk e Art of Noise. Depois de lançar o primeiro LP totalmente sampleado, ele reedita sua fórmula favorita, a condensação de todo o repertório de um LP numa única faixa, e passa a samplear a própria voz de MC Tee, o responsável pelas palavras do duo. O produto final é o seu melhor disco sem faixas supérfluas. Já Eric B & Rakim são mais pesados. E mais conhecidos por coisas que outros fizeram, como samplear a cantora israelense Ophra Haza (façanha realizada por Coldcut num remix da faixa "Paid in Full", do duo) e ter lançado o refrão de "Pump Up the Volume" (o grupo MARRS sampleou a frase da faixa "I Know You Got Soul", que, por sua vez, sampleou partes da música homônima de Bobby Bird). Tudo isso pode ser conferido no LP *Paid in Full*, que ainda inclui o primeiro sample conhecido de James Brown, na faixa "Eric B Is President". *Marcel Plasse*

WORLD WITHOUT END — Mighty Lemon Drops (CBS)

Um dos grupos mais conhecidos da geração de 86, o ano da revitalização do pop independente britânico. *World Without End* é seu segundo LP e, conforme a tradição, não supera o primeiro. O que não significa o fim do mundo. O guitarrista Dave Newton e o baixista Tony Lineban continuam pulando no trampolim da psicodelia, compondo deliciosas *pop songs*. Seu problema, na verdade, é o produtor Tim Palmer, que tenta fazê-los soar como seu produto anterior, o Mission. Drops, assim, perdeu um pouco de sua simplicidade agressiva. Mas não abandonou suas referências aos Doors nem se livrou das comparações aos Bunnymen ou Julian Cope. Seu melhor está no lado um, onde, além do incontestável hit "Inside Out", encontram-se faixas que remetem aos excepcionais quatro singles e LP anteriores, ainda inéditos no Brasil, conforme a maldita tradição. *M.P.*

DIESEL AND DUST — Midnight Oil (CBS)

Somente agora materializado em nosso mercado, o grupo australiano não é nenhuma novidade no pop contemporâneo. Criado nos idos de 74 e mantendo ainda três membros do *line up* original (o baterista Rob Hirst, o vocalista Peter Garrett e o guitarrista Martin Rotsey), seu defeito continua sendo o mesmo do LP de estréia, lançado em 78: a indecisão em optar pelo Império da Descartabilidade ou pela preservação de suas raízes fincadas no hard pop-rock. *Diesel and Dust*, seu sétimo LP, flagra exatamente essa incerteza, sendo nesta trêmula corda bamba a nascente de suas canções. Desde popismos ortodoxos ("Beds Are Burning") até *cold ballads* de remotos tons góticos ("Arctic World"), o resultado — retocado por uma produção convencional — demonstra estar aquém do potencial individual de seus componentes. *F.N.*

CRIME PERFEITO — Virginie & Fruto Proibido (CBS)

Um fio de voz, uma banda armada em cima de músicos cujo currículo inclui temporadas com Fafá de Belém e Fábio Jr., e "canções singelas de perfeita assimilação e prontas para tocar no rádio", conforme garante o *release* da gravadora. Eis aí o primeiro disco de Virginie (ex-Metrô), um artefato letal, capaz de vitimar adolescentes incautos, diabéticos e ingênuos em geral. Para um crime desses, só mesmo a prisão perpétua. *A.G.C.D.*

SANGOMA — Miriam Makeba (WEA)

Antes de a moderna música africana fixar residência estratégica em Paris, Miriam já era sua imperatriz. Aos 56 anos, depois do sucesso mundial de "Pata Pata" no final dos 60, de muitas perseguições políticas e da participação especial na turnê *Graceland*, de Paul Simon, ela está de volta. E que retorno! São dezenove canções curtinhas, onde a percussão simples e mágica dá o tom certo para um vocal mântrico, sobre letras e arranjos adaptados por ela mesma, mostrando dores e alegrias do povo sul-africano. *The best.* *H.B.*

THE BEST OF OMD — Orchestral Manoeuvres in the Dark (BMG)

No que tange ao tecnopop, pode-se dizer que o OMD (criado há dez anos em Liverpool), além de ser um dos últimos sobreviventes, é um dos mais respeitáveis. As razões estão centradas na suntuosidade dos arranjos, na plasticidade *cold-pop* dos vocais e nas melodias fáceis e cativantes. Essa antologia de catorze faixas é uma boa retrospectiva de seus seis LPs, demonstrando que ser pop não é recair no universo da baba e que a concepção do *electropop* nem sempre necessita dos usuais chavões para surtir efeito. Composições mais antigas como "Electricity" (79) e "Messages" (80) ainda apresentam aspectos convencionais da safra *new romantic*. A partir de outras como "Enola Gay" e "Joan of Arc", porém, o duo sintetizou suas influências (Bowie, John Foxx), adquirindo um estilo pessoal e íntegro em seus limites. *F.N.*

CAPA EM PRODUÇÃO

MORE DIRTY DANCING — Vários (BMG)

O filme é uma baboseira como só os americanos sabem cometer. O primeiro LP nascido da trilha sonora era bem fraco, apesar de esconder um dos maiores hits dos *sixties*, "Be My Baby", das Ronettes, produzido pelo lendário Phil Spector. O ouro estava escondido neste segundo com duas faixas sublimes de Otis Redding ("Love Man" e "These Arms of Mine"); "Cry to Me", interpretada por Solomon Burke; "Do You Love Me", pelos Contours; sem falar dos Drifters, dos Surfaris, das Shirelles. Ouça o disco, evite o filme. *J.Y.N.*

OS CASCAVELLETES (Abreu)

É a estréia do quarteto gaúcho em vinil. Má estréia: os garotos até fazem um rockabilly convincente. Só que a precária produção se encarregou de varrer qualquer sinal de vigor dos sulcos. O resultado é uma pálida sombra de como poderia soar o grupo ao vivo ou com uma produção mais esperta. Sobra também a picardia das letras que chega aos limites do escracho. Como em "Menstruada", por exemplo, cuja execução pública está proibida, só porque conta a história de um namorado impaciente que quer transar com a garota, mesmo que ela esteja naqueles dias. *B.A.*

STAY ON THESE ROADS — A-Ha (WEA)

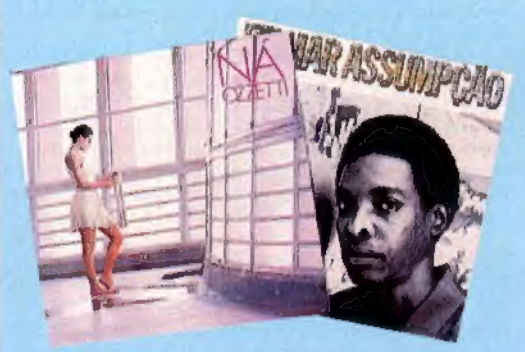
Esse trio norueguês, hoje mais famoso que o bacalhau de sua terra natal, chega ao terceiro LP tentando manter-se como um dos grupos de maior sucesso na Europa. Provando mais uma vez que o índice de vendagem nem sempre é compatível com o de qualidade, as dez composições deste álbum apenas confirmam que o A-ha é o supra-sumo da baba descartável. Desde o visual de galã de novela até o sentimentalismo meloso das letras, o A-ha possui os argumentos necessários para agradar o majoritário senso comum. Os arranjos seguem à risca os formatos mais convencionais do pop, enquanto a produção esbanja chavões, ou seja, vocais bem tratados e limpinhos, excessos de teclados com timbres ultramanjados, bateria eletrônica sintonizada com o tcheco-tcheco do swing senil e guitarras levemente afuncalhadas. *F.N.*

THE PEOPLE WHO GRINNED THEMSELVES TO DEATH — The Housemartins (CBS)

A primeira impressão que surge deste LP — nas prateleiras européias desde o final do ano passado — a respeito de "pessoas que ironizam as outras até a morte": *Os Smiths já fizeram isso*. Nem melhor nem pior. As semelhanças entre os Housemartins e os finados *Morrissey's boys* não param aí. Mesma atitude provinciana (os primeiros vêm de uma cidadezinha do norte da Inglaterra chamada Hull), mesmo ódio aos poderes constituídos de seu país, vozes parecidas de seus líderes, mesma maneira de impregnar suas canções de ingenuidade e leveza, guitarras límpidas e arranjos delicados, com nítida queda pelo soul dos Housemartins.

Estes, que começaram em 86 com o brilhante *London 0, Hull 4*, tragicamente inédito no Brasil, também anunciaram sua separação há alguns meses. Outro LP, *That's What I Call Quite Good*, que reúne lados B de compactos e inéditas, já foi lançado desde então. Ou, de como chegar quando a batalha já acabou.

J.Y.N.



INTERCONTINENTAL! QUEM DIRIA! ERA SÓ O QUE FALTAVA!!! — Itamar Assumpção/ NÁ OZZETTI (Continental)

Dois remanescentes da chamada "vanguarda paulista" fazem sua estréia em uma grande gravadora. Para quem conhece os três trabalhos anteriores de Itamar ou teve a sorte de assistir a uma de suas apresentações, este LP é decepcionante. A fase *Belelêu*, retrato fiel do caos urbano de Sampa, está definitivamente encerrada. É o romantismo que dá o tom ao disco, em faixas como "Oferenda" e "Mal Menor" — uma balada recheada de lugares-comuns. A produção deficiente — instrumentos abafados por trás dos vocais duplicados de Itamar — piora ainda mais as coisas. Salvam-se alguns bons momentos, como "Filho de Santa Maria", "Sexto Sentido" ou ainda o samba "Maremoto".

Itamar comparece com uma faixa no primeiro álbum solo de Ná Ozzetti, a voz mais afinada do grupo Rumo (com quem já gravou quatro LPs, todos independentes). Com seu estilo particular — uma espécie de "canto falado", desenvolvido dentro do Rumo —, Ná obtém resultados surpreendentes, tanto quando recria um clássico da MPB ("No Rancho Fundo", de Ary Barroso e Lamartine), como nas interpretações das melodias delicadas de José Miguel Wisnik. O melhor, porém, é a versão da cantora para "Sua Estupidez", de Roberto e Erasmo. Uma estréia memorável. *Marisa Adán Gil*

THE TOUGHEST PETER TOSH/ FILE UNDER ROCK — Eddy Grant/ APARTHEID IS A NAZISM — Alpha Blondy/ TIME BOOM X DE DEVIL DEAD — Lee "Scratch" Perry & Dub Syndicate (EMI-Odeon)/ **CONSCIOUS PARTY — Ziggy Marley & the Melody Makers** (BMG)

O reggae ainda tem algo novo a dizer? Segundo o ditado, as utopias nunca morrem. (Se o mundo inteiro hoje toca e ouve reggae em adaptações geralmente duvidosas, o gênero, em sua forma original, tem raízes bem plantadas num dos solos mais férteis e sagrados da música popular: o rhythm and blues, o ska, o rock-steady, o soul, o calipso são os epicentros da música negra.) Sua essência está no *feeling*, na forma e no espírito com que os instrumentos de base, o baixo e a bateria são tocados. Estes cinco LPs reivindicam essa tradição.

Primeiro, Peter Tosh, hoje sentado perto de Jah, em coletânea de seus melhores momentos desde 78. Obrigatória para quem não possui disco nenhum deste que foi um dos fundadores do gênero. Eddy Grant é macaco velho. Hoje encastelado no estúdio de sua gravadora independente Blue Wave nas ilhas Barbados, o homem está na luta desde 67, quando era vocalista de um grupo de pop-soul chamado The Equals. Em sua concepção do reggae, pouco ortodoxa, incorpora rock e disco. Simpático sem mais. De Alpha Blondy, todos esperavam *Revolution*, LP que sucede a *Jerusalem*, lançado aqui no ano passado. No contra-pé, recebemos o precedente, de 85. Blondy toca o reggae africano da gema e aproveita o domínio de vários dialetos de seu continente, do francês e do inglês para irradiar seu messianismo, centrado, neste álbum, no tema da unidade da África. De Ziggy Marley, pode-se dizer que a herança paterna pesa. A comparação é inevitável, a começar pela faixa-título, "Conscious Party", que lembra demais "Punky Reggae Party". Produzido pelo casal de Cabeças Falantes Chris Frantz e Tina Weymouth, na presença importante de mamãe Rita, o álbum se deixa ouvir sem nunca prender a atenção. Queixa principal: uma *party* séria e consciente demais, organizada por um adolescente muito jovem para carregar tão cedo o mundo nas costas.

De todos, aquele que segura melhor o rojão é sem dúvida Lee "Scratch" Perry. Para quem não conhece, ele era o dono do estúdio Black Ark, onde Bob Marley, Peter Tosh, Bunny Livingstone e os irmãos Carl e Aston Barrett, os Wailers originais, gravaram suas primeiras músicas, em 68. Esse jovem feiticeiro de 53 anos tirou do baú suas melhores composições em anos, chamou de Londres os melhores músicos da Jamaica e plantou no seu reggae um remelexo de efeitos eletrônicos do caramba. Se você achar que a coisa lembra um pouco o Big Audio Dynamite, não esqueça que Perry foi, durante anos, o guru de uma banda que se chamava Clash. *J.Y.N.*

CRAZY NIGHTS — Kiss/LIVE 1 — Frehley's Comet (PolyGram)

Ace Frehley demorou a voltar após deixar o Kiss, mas, quando o fez, foi com a corda toda. Este é seu segundo trabalho e outro já está vindo por aí. Neles demonstra estar em boa forma, com firme banda de apoio cujo batera Anton Fig segura todas como em "Rip It Out" e "Breakout", nesta aqui com batidas pesadas e nítidas. Frehley está bem.

Já do lado do descaracterizado Kiss, mais um LP comum apesar de bem produzido e do bom trabalho da guitarra de Bruce Kulick. Sete dos onze temas tratam de casos noturnos. Certa vez Simmons e Stanley declararam que o mundo do rock não teria graça sem o Kiss. É preciso repensar. *L.R.*

TATTOED BEAT MESSIAH — Zodiac Mindwarp & the Love Reaction (PolyGram)

Entre as diversas tendências que permeiam o pop contemporâneo, o grebo rock vem ocupando um lugar de destaque. São um bando de anarquistas que cresceram ouvindo punk e se apoiaram, de forma freak e desleixada, na estética do heavy metal, criando uma sonoridade apuncalhada e bastante receptiva às acepções do trash rock e do rock'n'roll, em letras de fundo místico-narcisista, em que o sexo aparece como única e *final solution*. Para quem não sabe, em meio a nomes como Batfish, Blyth Power, Gaye Bikers on Acide Crazyhead, Zodiac Mindwarp é o papa maior da filosofia grebo. Neste seu primeiro LP, precedido por quatro singles, o resultado são treze ensandecidas canções, absolutamente cáusticas, pesadas e ensurdecedoras. Um trabalho explosivo, em que o acabamento e os arranjos pouco importam. Como curiosidade, a regravação da clássica "Born to Be Wild" em versão trash metal, num LP que, se não é agradável, serve como uma aula de *raunch'n'roll*. *F.N.*

ETERNO GRITO (TOC)

Ao que parece, enxofre, fogo-fátuo e as trevas continuam sendo fonte inesgotável de inspiração para muita gente. No caso, para a rapazinada carioca do Eterno Grito, que não se faz de rogada e reproduz um trecho de Dostoievski no encarte que acompanha seu mini-LP.

As seis faixas gravadas pelo quarteto mostram-se bem desiguais, sendo as melhores os semi-hits radiofônicos "Archote" e "Fumaças". Para compensar, letras como a de "The Sin" que, num inglês colegial, proclama: "The day is blue, the cat is blue, the dog is blue and the tears stop..." Um grito que acaba parado na garganta. *A.G.C.D.*

SAVAGE AMUSEMENT — Scorpions (PolyGram)

Após longo silêncio, voltam os Scorpions. Mas acho que descansaram demais e seu veneno ou desgastou-se ou está sob controle. Os alemães têm LPs melhores que este, que no entanto deve tocar bastante em rádio, para o qual foram criados seus temas mais fortes, "Don't Stop at the Top", "Rhythm of Love" e "Believe in Love". A verdadeira pauleira tem pouco espaço, dado a uma elaboração maior sob cuidados do mestre produtor Dieter Dierks. *L.R.*

CHILDREN — The Mission (PolyGram)

Uma volta aos discos conceituais? Uma homenagem a Hannah, a recém-nascida filha de Wayne Hussey? O rastro de um zepelim de chumbo? As indagações são várias. Do título aos efeitos sugerindo crianças num *playground*, abundam indicações de uma busca pela inocência perdida ou, quem sabe, pela nostalgia do *Summer of Love*, que ironicamente não viveram. Mas, em vez da almejada espontaneidade, o Mission só consegue uma estudada recomposição. E nem John Paul Jones pode suprir a falta de material mais relevante. "Tower of Strength" é a grande exceção, mais de oito minutos de transe em torno de um tema de amor devocional pontuado por uma orquestração sinuosa, percussão e guitarras radiantes. Até Robert Plant bateu palmas. O Cult que se cuide... *A.G.C.D.*

RITCHIE VALENS (SBK)

Ritchie Valens não é o mais famoso nome do rock'n'roll, mas possui tantos ou mais hits do que a maioria dos astros, numa carreira incrivelmente curta — ele ainda não tinha 18 anos quando morreu. Ele também foi o primeiro de uma série de rock stars "chicanos" — cantores que misturam o rock com ritmos da fronteira mexicana. Valens fez algumas gravações lendárias, com seu estilo único de vocal leve contrastado com uma guitarra saturada dominante. Sua história foi recentemente levada às telas com o nome de seu maior sucesso: "La Bamba". É esta a música que abre a coletânea, que segue com a primeira gravação de Valens, "Come on Let's Go", e que inclui alguns hits póstumos como "Little Girl", "Cry, Cry, Cry" e "Hurry Up" — uma canção escrita por Sharon Sheeley e dada a Valens pelo noivo dela, Eddie Cochran — e não esqueça "Donna", que, como "La Bamba", é um dos melhores sonhos dos juke boxes dourados. *M.P.*

LIFE — Neil Young (WEA)

Finalmente! Depois de oito anos de separação, Neil Young volta a trabalhar com a fantástica banda Crazy Horse, com quem fez alguns de seus melhores trabalhos — vide os LPs *Crazy Horse* e o duplo ao vivo *Rust Never Sleeps* (1978). Agora, com a bateria ensandecida de Ralph Molina, o baixo de Billy Talbot e a guitarra e teclados de Frank Sampedro, a festa e o molho estão de volta. Rocks fortes e paranóicos, bem ao estilo da turminha, estão em "Cryin' Eyes", "Prisioners of Rock'n'Roll" e "Too Lonely" (o melhor). As bobagens — o outro lado de Young — estão em "Long Walk Home" e, em "Inca Queen", as baladinhas. *N.P.Q.*

AFTER HOURS — Aretha Franklin (CBS)

Os inícios de Lady Soul foram estranhos e são mostrados nesse LP. Ela começou na Columbia, onde gravou de 1962 a 1965. As onze faixas do disco guardam agudos primordiais de uma artista que logo depois, em 1966, refutaria a formalidade do virtuosismo jazzístico para adotar o derramamento lúdico do soul. São interpretações que já quebram a economia asséptica, revelando raízes da futura marca libidinal de Aretha. Agudos tensos para canções de segunda. Lindas em amanhãs. *L.A.G.*

DOCUMENT — R.E.M. (CBS)

Bendito seja o *new american rock* que, nos umbrais de 82, plantou sementes para ficar definitivamente estampado na história do pop. O R.E.M. foi o primeiro a desafiar o *MORrock* e a desafinar qualquer suposta "vá guarda" apenas com a simplicidade e a busca da originalidade perdida/esquecida no tecido pop. Em seus doze singles e sete LPs (um deles, uma antologia) o quarteto, adornado por influências e adereços do psicodelismo, reciclou a herança do *country rock* dos 60's sem as usuais concessões e os vislumbres da pasteurização.

Este "documento", o sexto LP de material original, em nada alterou suas proposições, mantendo o requinte e a espontaneidade em cada composição. No primeiro lado, os destaques seguem para as *sharp-hard* "Finest Worksong" e "Strange", e o *very-fast-country-apuncalhado* "It's the End of the World...". A segunda face tem seus momentos memoráveis na saudosista balada byrdeana "The One I Love" e no folk psicodélico "King of Birds". *F.N.*

TWIST WITH... — Chubby Checker/ THE SUN YEARS VOL. II — Roy Orbison/ SOLDIER BOY — The Shirelles/ THE BEST OF SUN ROCKABILLY VOL. II — Vários/ THIS IS THE... SAVAGE YOUNG BEATLES — Beatles/ THIS LOVE OF MINE — Ray Charles (Brasidisc)

O mais recente suplemento da Brasidisc continua fiel à sua elegante e necessária proposta de preencher nosso defasado mercado internacional em termos de 50's e 60's, mas simultaneamente comete os mesmos erros. As contracapas continuam horripilantes — algumas, como a de Chubby Checker, ainda mantêm textos num inglês primário e outras, como as de Roy Orbison e das Shirelles, trazem anúncios de outros LPs da série *Rarity*. Outro problema é a qualidade sonora de certos LPs — embora não seja culpa da Brasidisc.

Savage Young..., dos Beatles, por exemplo (gravado em Hamburgo, em 61), é um disco apenas razoável e já havia saído aqui pela Som Livre em 81. A vantagem está na capa, original, assim mesmo mais um fetiche de colecionador do que um interesse do grande público. A mesma observação vale para *This Love of Mine*, de Ray Charles (doze canções gravadas em 1950), que, independente de seu valor, tem um som ruim. O de Chubby Checker, por sua vez, além de não ter nada de *rarity* (e sim catorze hits do twist), é um relançamento com capa diferente do editado pela Fermata em 84.

Já The Best of Sun Rockabilly Vol. II é uma boa coletânea de dezesseis faixas com exímios *masters*, como Sonny Burgess, Ray Harris e Johnny Carrol. O LP de Roy Orbison reúne suas magníficas gravações na Sun Records. Quanto às Shirelles (excelente *girl-group* dos 60), pode-se dizer que, não obstante a quantidade de faixas — dez é pouco para um nome de tal envergadura —, trata-se de uma obra-prima com alguns dos mais deliciosos hits da *soul-ballad*. *Fernando Naporano*

HOWLIN' WOLF/ FOLK SINGER — Muddy Waters/ KOKO [illegible]

Mais três importantes discos no grande resgate que a WEA vem fazendo das obras-primas do blues e rhythm and blues todos os tres com os dedos do genial Willie Dixon, baixista e autor de classicos, a guns conhecidos do publico mais jovem, como "You Shook Me" e "I Can't Quit You Baby", gravados pelo Led Zeppelin. No caso do LP simples, básico, de Wolf, nascido Chester Burnett e feito no delta do no Yazoo, no Mississippi, Dixon é autor de praticamente todas as faixas. Wolf é sempre enfático sem ser excessivo em suas interpretações, e o destaque é a belissima "Going Down Slow" (esta, aliás, de St Louis Jimmy) Dixon tambem toca baixo em duas e é autor de uma das faixas do LP de Muddy Waters, que veio a se estabelecer mais tarde, no comeco da decada de 60, embora ha muito na estrada. *Folk Singer* foi gravado em 63 e conta ainda com um entao jovem mas já esfuziante Buddy Guy Nele Muddy sai um pouco da trilha que vinha seguindo eletrica, e volta ao som acustico do seu começo, tambem no Mississippi Dos três deste pacote, certamente o mais imperdível. Finalmente, Koko Taylor, produzida por Dixon, que assina algumas das faixas e toca no lado de Buddy Guy, em gravações feitas em 65 e 69. Um lado mais "lavado" e espetacular do blues, mais *jazzado*, com arranjos e tratamentos fora da linha tradicional de Waters e Wolf, mas que consegue fazer um disco de audicao agradavel, mesmo que sem o brilho de gênio

Jose Eduardo Mendonça

SPILLANE — John Zorn (Nonesuch WEA)

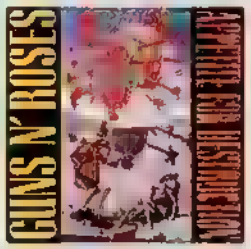
Um dos expoentes da *no wave* novaiorquina, um dos Golden Palominos em sua fase mais furiosa e famoso por sua coleção de apitos de caça (aqueles de chamar pato), que tocava com tanta desenvoltura quanto os saxes, Zorn é, em seu trabalho solo, bem mais cerebral e menos visceral. O lado A, que dá ao disco o nome do escritor responsavel por algumas das tramas mais sangrentas da literatura policial, é uma trilha sonora como aquelas da decada de 40. Sem filme. Sao dezenas de passagens curtas (cenas) entre o jazz, o "climatico" e o mudo ambiente Nove musicos e vozes eventuais — John Lurie fala pelo canalha Mike Hammer, o detetive de Spillane —, com textos de Arto Lindsay ("Idiotas. Odeio a chuva. Odeio essa gente. Eles não sabem o quanto a chuva pode ser molhada"). O lado B traz outra suite, mais "espontânea", com doze levadas conduzidas pelo bluesman Albert Collins e um excepcional septeto. Só essa já recomenda o LP. Uma incursão na musica erudita, "Forbidden Fruit", a cargo do Kronos Quartet e de scratches, de discos de conjuntos de cordas (!) é a curiosidade final.

A.A

THE HOUSE OF DOLLS — Gene Loves Jezebel (WEA)

O típico retrato de uma banda dividida em termos de acepção musical é a mais coerente definicao para este quinteto gaês. *The House of Dolls*, seu quarto LP (e segundo para uma multi), no qual foi baseado o repertório de suas apresentações no Brasil, é o que mais reflete essa divisao, ou melhor, essa indefinição Por um lado, resguardam influências do hard rock (Led Zeppelin, Stones, Aerosmith), por outro, sao excessivamente convertes com a mediocridade do *MORrock* — timbres carregados nas guitarras, mil efeitos nos vocais, *delays* nas baterias etc., e no meio resgatam sombras do *glitter* Steve Harley, Slade, Sweet). Mesmo assim, conseguem ter algum mérito em canções como as *popsters* "Gorgeous" "The Motion of Love" e "Suspicion". As restantes são realmente flacidas, carentes de uma identidade.

F.N



APPETITE FOR DESTRUCTION — Guns'n'Roses (WEA)

Gostem ou nao os ouvidos mais delicados, a porrada metálica deve prosseguir por bom tempo e, um dia, quem sabe, as radios também se renderão a ela, e não o contrário, como atualmente. Também existem muitas bandas soando, ou tentando soar, como Led Zeppelin e adjacentes. Seria propositado ou "numa boa" o resultado de uma semente brotando novamente? Isso, o tempo responde. E um dos que vêm nessa é o Guns'n'Roses, baseados em tudo que aprenderam de bom com um som mais hard e trazendo aqueles cabelos e jeitos rebeldes, tatuagens, couro negro, motos e prazeres

Colocaram tudo isso em doze temas curtos e certeiros, recheados de desafios instrumentais e ritmo pesado

O destaque maior fica com o vocalista AXL, bem na cola de Plant principalmente em "Welcome to the Jungle", a melhor faixa, ao lado de "Night Train" e "You're Crazy Apesar do xerox, pode e deve agradar.

L.R

RAISE YOUR FIST AND YELL — Alice Cooper (WEA)

Depois de longo jejum (aqui, desde 82), ha Alice *rides again* com seu teatro de horrores e pitadas de protesto. Um dos motivos do retorno foi ver onde certas bandas heavy se inspiraram, nos bons anos 70 da bita. E Cooper volta produzido pelo mestre metálico Michael Wagener e com uma banda que faz os climas certos, com destaque para o "Rambo" guitarrista Kane Roberts Pena que Alice tenha demorado tanto para refazer algo que nunca deveria ter deixado, e mesmo contando com "Freedom" pode ser um pouquinho tarde

L.R

CENTRAL AFRICANA (Plug/ BMG)

Como o próprio nome já diz, a banda carioca — apesar da maioria dos integrantes ser baiana — pretende passear por varios ritmos *made in Africa*. Essa polivalência nem sempre dá bom resultado, como é o caso de sua estréia em vinil, na qual rolam as participações especiais de Sandra Sá e Martinho da Vila. Letras, peso e sangue fracos, seja funk, reggae ou até mesmo um afoxe estilizado.

H B

1eaneration

ALIENS ATE MY BUICK — Thomas Dolby (EMI-Odeon)

Thomas Morgan Dolby Robertson é acima de tudo um grande produtor, pioneiro no uso do sampler. É quando um produtor resolve tocar, compor e gravar, pode-se esperar de tudo, idéias geniais e clichés execráveis. É exatamente o que acontece neste LP — o terceiro em seis anos — de capa *kitsch retro*, muito reveladora da concepção do disco. Cada música é recortada em seqüências variadas, numa costura onde o jazz percute a salsa que engata no funk que esbarra contra o afro-soul para voltar ao tecnopop. Os modelos são óbvios: Prince, Steely Dan, Material, George Clinton, Peter Gabriel, 10cc, Talking Heads, Bowie, para o melhor ("Budapest by Blink") e o pior ("Airhead"). *J V N*

BLOW UP YOUR VIDEO — AC/DC (WEA)

Seus fãs podem nem ter percebido, mas faz alguns anos que o AC/DC faz LPs com semelhança nos temas e com o mesmo esperto: gastar a adrenalina com muita porrada, bate-cabeça, sarcasmo, solos frenéticos de Angus Young e a voz esganiçada (e chata) de Brian Johnson. Há, no entanto, algo diferente neste trabalho, o que poderá manter o grupo na estrada por muito mais tempo ainda. Uma das diferenças, além da unidade, é a persistência sempre presente. As outras deverão estar nos concertos. É tudo isso apenas fazendo o feijão-com-arroz do hard blues e sem querer mostrar virtuosismo. Casos de "Heatseeker", "That's the Way", "Two's Up" e "Some Sin for Nothin'". *L R*

THE LION AND THE COBRA — Sinead O'Connor (CBS)

E então... o que há de *tão* especial na moça? A voz, um híbrido Siouxsie/Kate Bush, explorada em inflexões que lembram, inclusive Vange Leonel, do Nau. Não é a "salvação do pop" nem mesmo a "sensação de 88" — como pode fazer acreditar sua adoção pela mídia, que só comprova a força multitentacular da corporação que a está bancando — mas também não é má.

Além da voz, uma beleza peculiar. Mas com uma queda para o rococó (em "Troy"), outra para o folk celta ("Just Like U Said It Would Be") e uma terceira — a melhor articulada — para o *pop* ("Mandinka", "Jerusalem" e a deliciosa "I Want Your (Hands On Me)"). No fim porém, o lugar-comum dos arranjos — em alguns casos, puro "new" wave safra 80/81 — contrasta com o que a voz tem de única, pessoal, intransferível (também o caso da outra "sensação de 88", os Sugarcubes). *José Augusto Lemos*

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁP

Serão os ares da primavera? Ou sintomas do lento despertar das gravadoras para a qualidade de seus lançamentos? Mistérios... O fato é que este mês a seleção da seção maldita da BIZZ até que está bem interessante. Se não, vejamos: começa com a *Hollywood Series* da CBS/Brenno Rossi, que lançou uma verdadeira enxurrada de trilhas sonoras. Começando pela mais fraquinha: **Michel Legrand** assina a neoclássica **THE UMBRELLAS OF CHERBOURG**, com intervenções jazzísticas que servem para demonstrar uma velha tese — a breguice está em toda parte. A inspiração em música grega é o que há em comum entre a thrilling e interessantíssima trilha de **Z** por **Mikis Theodorakis** — que inclui um rock (!) e uma batucada (!!) — e a de **THE GUNS OF NAVARONE** de **Dimitri Tiomkin** o mesmo **Tiomkin** em companhia de **Paul Francis Webster**, pega um avião que pousa diretamente no Velho Oeste — **THE ALAMO** tem clímax heróicos, discurso de John Wayne e "The Green Leaves of Summer" cantada pelos **Brothers Four**. Mais uma viagenzinha no espaço-tempo e estamos na Rússia czarista pelas mãos de **Nino Rota** — o compositor predileto de Fellini — embalando **WAR AND PEACE**. Aquela famosíssima marchinha assobiada de **THE BRIDGE ON THE RIVER KWAI** é de autoria de **Malcolm Arnold**, que ganhou um Oscar pela trilha. E é a vez de **Duke Ellington** abrilhantar o clássico **ANATOMY OF A MURDER**. Preciso e elegante. A CBS fecha com **CLARA SVERNER E PAULO MOURA INTERPRETAM PIXINGUINHA**, uma competente e delicada homenagem ao grande compositor. ⊗ Você ainda está esperando Lumiar chegar? Então vá de **SOLO** (SBK). É **Lô Borges** "ao vivo no estúdio", com cuíca convocada e tudo, requentando os hits que fizeram a delícia dos universitários nos últimos dez anos. ⊗ **Rosa Emília** tem uma boa voz e convence como intérprete. O problema é o repertório de **ULTRALEVE** (Grapho). Misture tudo o que você já ouviu de MPB nos últimos dez anos e terá uma idéia bastante próxima. ⊗ Lançamento oportunista da Som Livre reúne a fina flor da negritude musical brasileira: **LUZ NEGRA** tem momentos bastante inspirados de **Jamelão** a **Luiz Melodia**, de **Cartola** a **Jorge Ben**. ⊗ Eu sei que vocês não agüentam mais, mas ainda tem uma trilha: **IMPÉRIO DO SOL** (WEA), de **John Williams**, tem os mesmos problemas do filme: quer arrancar lágrimas a qualquer custo do ouvinte. *Bia Abramo*

Jeaneration

ONDE ENCONTRAR

ALAGOAS
ARAPIRACA Uberato Modas • MACEIÓ Lojas Mashua Midera • PENEDO Toca do Bolinho

AMAPÁ
MACAPÁ Lolly Pop

AMAZONAS
MANAUS Marcy Play Boy

BAHIA
CAMAÇARI Di Kara • EUNÁPOLIS Star Jeans • FEIRA DE SANTANA Jinu's Modas Machaloom Boutique Ottan Center • JUAZEIRO Casa das Meias • SALVADOR Correct Star Emerillo Corteira Ferramenta do Corpo Gian Washi • VALENÇA Kousa a Bessa • VITÓRIA DA CONQUISTA Jaqueline Boutique Portão 65

CEARÁ
FORTALEZA Di Roma Homem Stilo

ESPÍRITO SANTO
CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM Marchine • VILA VELHA K.G.B. • VITÓRIA Master Munei Vila Jeans

MINAS GERAIS
ARAGUARI Donlui Modas Newman • BELO HORIZONTE Avenida Homem e Mulher Jeans Center Jeans Importadora Rota Sports Yankee Importadora Iaia Ioio • CORINTO Jeans Center • IPATINGA Danni Jeans • JUIZ DE FORA Crecvest Dolmonte São João Drops • MONTES CLAROS Etiqueta Sport Raio X • PATROCÍNIO Stock Jeans Stock Modas • POÇOS DE CALDAS Escala Modas Gardem Modas Tutti Modas • SÃO JOÃO DEL-REI Marco Vale Special • UBERABA Minerva Sport Tremendão Xinibica Modas • UBERLÂNDIA Casa Blanca Jon Fernando

PARÁ
BELÉM Le Barrou Lojas Visão • SANTARÉM Stylos Boutique

PARAÍBA
CAMPINA GRANDE Alason Modas Brasil Modas • JOÃO PESSOA San Diego Jeansurf Cogumelo

PARANÁ
ANDIRÁ Pro Quarenta Graus • APUCARANA Cartola • ARAPONGAS Cartola • CAMPO MOURÃO Loja Renascença • CIANORTE Toni Center • CORNÉLIO PROCÓPIO Cartola • CURITIBA Jeansrock Surf Lançamentos • LONDRINA Biboca • MARINGÁ A Brasileira Loja Gemko • PARANAVAÍ Chad Modas • ROLÂNDIA Cartola • UMUARAMA Nivaldo's Magazine

PERNAMBUCO
CARPINA Roupa Nova • MARABÁ Marabá Novidades • CARUARU Village Modas • RECIFE Hombre Má Fama Spelunka Velasa

PIAUÍ
TERESINA Ditador da Moda

RIO DE JANEIRO
BARRA DO PIRAÍ Agito e Uso • BARRA MANSA Carlos Modas Xicu's • CAMPOS A.P. Roupas Cipó Free Wave New Face • MACAÉ Pantaleon • NOVA FRIBURGO Amil Renwer Sensual Fashion • NOVA IGUAÇU Camisaria Flor de Maio Rosalem Roupas • PETRÓPOLIS A Predileta Casa Ideal Fiore Fiorentino La Moustache • RESENDE Jeans 47 • RIO DE JANEIRO Adonis Anderson Roupas Augustus Batty Casa Tavares Casas José Silva Delmon Erre Jeans Sport Esplanada Roupas Fidel Modas Lojas Alas Luk Urbano Mademoiselle Modas Maison Confecções Mountain Rosola Quinta Avenida Rei & CO Sitcon Modas Stop Light Sued Boutique Tempo Roupas Vareseina Com. Zeppelin • SAQUAREMA Charme • TERESÓPOLIS Canvas Yellow • TRÊS RIOS Alnaub • VASSOURAS Dani • VOLTA REDONDA Spon

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ Goretti Modas Mania de Vestir • NATAL Camisaria União Rio Center

RIO GRANDE DO SUL
BAGÉ Terraço • CAMAQUÃ Ferrão Confecções • CANOAS Bronson Fashion • CAXIAS DO SUL Comercial Pratavera Fechizo • CRUZ ALTA Treku's Moda Jovem • ERECHIM Casas Alegretti • Lila Burakus • JÚLIO DE CASTILHOS Moda Jim • LAJEADO Lojas Hoffner • NOVO HAMBURGO Casa Floriano • PASSO FUNDO Ecce's Mare Alta Via Moran • PELOTAS Timpano Modas • PORTO ALEGRE Cotia Dulce Casa ... Hut Renner • SANTA MARIA Venta Norte • SANTANA DO LIVRAMENTO Caggiani Modas Savan • SÃO BORJA Schan Moda Jovem • SÃO LOURENÇO R.C. Weitzel

SANTA CATARINA
BLUMENAU Lojas Hering Status Rio Toco Jeans • BRUSQUE Casa Avenida • CHAPECÓ Casas Lorenci Casas Vitória • CONCÓRDIA Casas Lorenci Casas Vitória • CRICIÚMA Lojas H.B. • FLORIANÓPOLIS Beco Vida Livre • JOAÇABA Lorenc Modas • JOINVILLE Apolo Casa Pieper • RIO SUL Status Rio • TUBARÃO A Preferida

SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ Unijeans Kayuni • SANTOS Pant's Jeans • SÃO BERNARDO DO CAMPO Apriori Dudu Modas Hot Sport Jeans Etc • SÃO CAETANO DO SUL Jeans Compeer Danny Fashion • SÃO PAULO Bacará Modas Baccok Cotton Store Dater Modas Dan's Modas Dampa Sportswear Ferramenta do Corpo J. Gondin Jeans Store Jeans Tarka Kaltan Modas Keep's L. Gondim Look Jeans Tunnel San Pablo Ramannus Dada Modas Estação 2000 Tina Benaville Joal Modas Nina Bela Baturno Modas Kathleen Bright Modas • SÃO VICENTE Pop Jeans Gudstore

INTERIOR DE SÃO PAULO
ARAÇATUBA Too Much • ARARAQUARA Bonnie & Clyde • ASSIS Free Jeans • BARRETOS Maçã Vermelha Tecidos Joia • BRAGANÇA PAULISTA Firenze Magazine • CAMPINAS Jeans Junction Victor Modas La Marca • GUARATINGUETÁ Jeans Valley • ILHA SOLTEIRA Loja Nova • ITAPETININGA Center Matarazzo • ITU Hobby Sports • JACAREÍ Rosaldo Martins • JAÚ Fredy Jeans • JUNDIAÍ Leopardi Jeans • LIMEIRA Culli Modas • MAUÁ Palladium Jeans Cartel Jeans • MATÃO Pub Jeans • PAULO DE FARIA Ana Rosa Boutique • PINDAMONHANGABA Cozzi Presentes • PORTO FERREIRA Vila Rica • PRESIDENTE PRUDENTE By Brasil Jeans e Allins Star Jeans Rodeio • SÃO JOÃO DA BOA VISTA Chiquito Bacana • SÃO JOSÉ DO RIO PRETO Sercel Modas • SÃO JOSÉ DOS CAMPOS B.R.C. • TAUBATÉ Ponto Quatro Levi Jeans • VINHEDO Desce Escada

SERGIPE
ARACAJU A Suprema Lord Pollana Modas

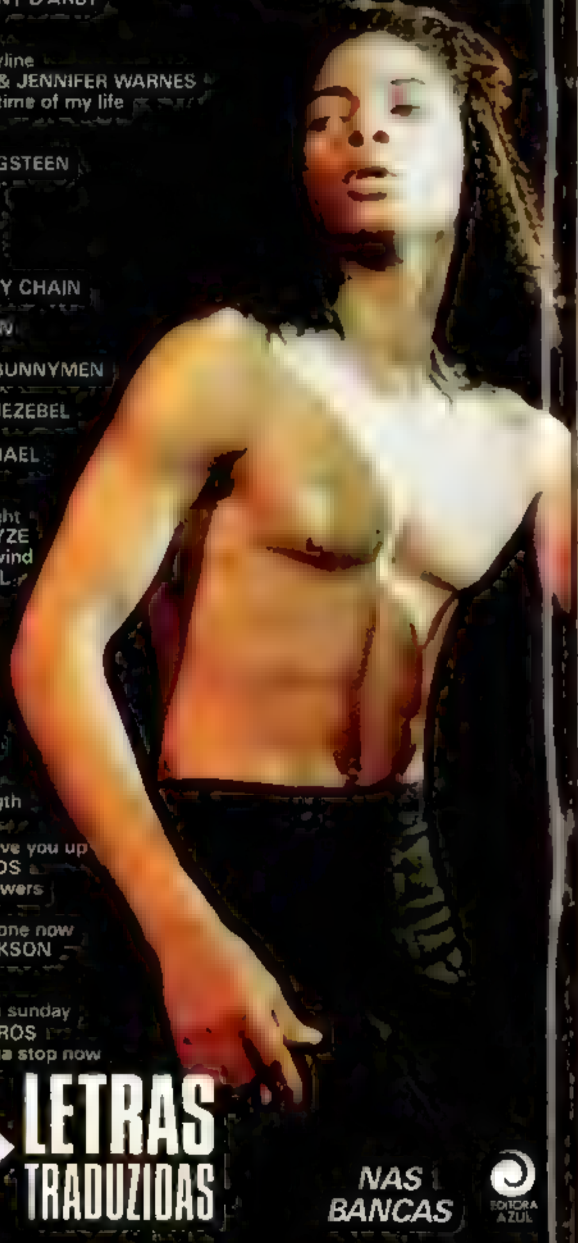
DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA Amoas Dallas Importadora Universal Livre Importadora

GOIÁS
GOIÂNIA Green House Boutique • JATAÍ Cintra Boutique

VOCÊ PEDIU, BIZZ TRADUZIU.

LETRAS TRADUZIDAS, uma edição especial com as letras mais solicitadas pelos leitores de BIZZ.

TERENCE TRENT D'ARBY
Wishing Well
A HA
Manhattan Skyline
BILL MEDLEY & JENNIFER WARNES
(I've had) The time of my life
BOLSHOI
Away
BRUCE SPRINGSTEEN
Tunnel of love
BRYAN FERRY
Kiss and tell
DAVID BOWIE
Modern Love
JESUS & MARY CHAIN
Darklands
DURAN DURAN
The reflex
ECHO & THE BUNNYMEN
New direction
GENE LOVES JEZEBEL
Desire
GEORGE MICHAEL
Faith
INXS
Need you tonight
PATRICK SWAYZE
She's like the wind
PETER GABRIEL
Biko
LEVEL 42
Lessons in love
U 2
Bad
UB 40
I got you, babe
DEF LEPPARD
Animal
THE MISSION
Tower of strength
RICK ASTLEY
Never gonna give you up
TALKING HEADS
Nothing but flowers
TIFFANY
I think we're alone now
MICHAEL JACKSON
Dirty Diana
MORRISSEY
Everyday is like sunday
GLENN MEDEIROS
Nothing's gonna stop now



BIZZ ESPECIAL
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

PACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COM

Os amantes do jazz são os grandes privilegiados pelo mais recente pacote de lançamentos em CD no mercado nacional. De cara, dois com a tapeçaria fina da banda de **Duke Ellington**, com convidados muitos especiais. Em *FIRST TIME! THE COUNT MEETS THE DUKE* (CBS), comparece **Count Basie**; em *JAZZ PARTY* (CBS), a orquestra ducal apresenta nomes como **Dizzy Gillespie, Jimmy Rushing** e **Johnny Hodges**. A mesma gravadora edita *THE BEBOP ERA*, coletânea desigual mas valorizada por "Ornithology" e "Round Midnight", dois dos momentos mais incendiários de **Charlie Parker**. Coletânea cinco estrelas é *GRANDES SUCESSOS DE RAY CHARLES* (Som Livre), onde baladas sedosas como "I Can't Stop Loving You" e "Georgia on My Mind" convivem com rhythm'n'blues suarentos como "Unchain My Heart" e "Hit the Road, Jack". No pop, o destaque é a preciosidade *STRONGER THAN PRIDE* (CBS) e ... é só. A não ser que a rota seja desviada para o pop brasileiro, onde temos os Paralamas atingindo a maturidade em *BORA BORA* (EMI). Já na prateleira dos "clássicos", entre *Boleros* de Ravel a granel e coletâneas do tipo *Os Clássicos Mais Populares*, as *VARIAÇÕES GOLDBERG* (CBS) pelas mãos de **Glenn Gould**, um marco na interpretação — quase uma "edição" — de Bach. *J.A.L.*

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Brasidisc R. Beneficência Portuguesa 53 São Paulo (SP) (011) 227-4990 SBK Songs R. da Glória 290 7 andar Rio de Janeiro (RJ) (021) ... 4168

BOLSA DE DISCOS

	STRONGER THAN PRIDE Sade CBS	BORA-BORA Paralamas do Sucesso EMI-Odeon	UNDER THE COVERS Vários WEA	FLOR DA ALIENAÇÃO Cão Pence & Mutantes Ameaçados BMG Ariola	DAWN RAZOR Fields of the Nephilim WEA	BRUMA Livio Tragtenberg Fermata
Arthur G. Couto Duarte	Bom	Interessante	Interessante	Razoável	Bom	•
Fernando Naporano	Razoável	Interessante	Bom	Interessante	Interessante	Razoável
Hagamenon Brito (A Tarde, Salvador BA)	Interessante	Ótimo	Ótimo	Razoável	Razoável	•
José Eduardo Mendonça	Ótimo	Interessante	Interessante	Razoável	Razoável	Bom
Jean-Yves de Neufville	Bom	Razoável	Razoável	Razoável	Interessante	Bom
Marcel Plasse	•	Razoável	Ótimo	Lixo	Interessante	•
Luis Antonio Giron	Razoável	Interessante	Bom	Interessante	Razoável	Ótimo
Bia Abramo	Bom	Interessante	•	Razoável	Interessante	Ótimo
Okky de Souza (Veja)	Razoável	Interessante	•	Razoável	•	Interessante
Celso Pucci	Bom	Bom	Interessante	Razoável	Razoável	Interessante

Ótimo
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

COMÉDIA

A GAROTA DE ROSA SHOCKING (Pretty in Pink, EUA, 1986)

Direção: Howard Deutch. Com Molly Ringwald, Andrew McCarthy, Jon Cryer, Harry Dean Stanton. CIC

O mais caduco dos totens — garota pobre & atraente se apaixona por rapaz milionário & vice-versa — se transforma, por um milagre da natureza, em um filme bastante simpático e eficiente. O nome do milagre é Molly Ringwald, de novo pelas mãos de seu "descobridor", John Hughes (que aqui cuida do roteiro e da produção), e no auge de seu encanto. As roupas "recicladas" de Molly — meio *à la* Madonna —, invariavelmente em tons de rosa, são a expressão de sua personagem, a um tempo terna e atrevida. Viraram moda nos EUA. O galã é uma das caras mais conhecidas da *brat pack*, a geração 80 do cinema americano: Andrew McCarthy (*Manequim* e *Abaixo de Zero*). Mas quem rouba as cenas em que aparece é o hilariante Jon Cryer, o "melhor amigo" de Molly, um ator do mesmo veio humorístico que Matthew Broderick. Sem falar no pai bebum — o incrível Harry Dean Stanton — e na trilha sonora, que inclui Psychodelic Furs (que regravaram sua "Pretty in Pink" especialmente para a ocasião), New Order e OMD. *A.A.*

O TERCEIRO TIRO (The Trouble with Harry, EUA, 1956)

Direção: Alfred Hitchcock. Com John Forsythe e Shirley MacLaine. CIC

Uma obra incomum do mestre do suspense e uma fábula cinematográfica de frio e macabro humor inglês. Em vez de tramas noturnas, Hitch filmou um paradisíaco recanto na Nova Inglaterra à luz do sol. Um cadáver aparece em uma planície e um velhinho caçador de coelhos pensa ter sido o assassino. Marlowe (Forsythe), um pintor, ajuda o velho a enterrar o corpo. Outras pessoas parecem saber de alguma coisa, ou de coisa alguma. Isso faz com que o cadáver seja desenterrado e enterrado boas vezes. Nisso se descobre que o defunto, que é tratado como um sapato velho, era marido da doce Jennifer (Shirley). Da tragédia nascerão alguns amores. Mas, até que se descubra a *causa-mortis*, diálogos absurdos farão do filme uma pérola do humor. Este terceiro tiro não sai pela culatra. *B.S.*

DE VOLTA À PRAIA (Back to the Beach, EUA, 1987)

Direção: Lyndall Hobbs. Com Frankie Avalon, Annette Funicello, Don Adams e Pee-Wee Herman. CIC

É um filme absolutamente estúpido, e aí reside seu maior valor — o que acontece também com outro impagável *trashmovie*, *Ataque dos Tomates Assassinos*. Frankie Avalon e Annette Funicello, ídolos dos *beach party movies* e ídolos ultrapopulares da década de 60, se tornaram um vendedor de carros de Ohio e uma dona de casa obcecada com manteiga de amendoim. Os dois resolvem voltar à Califórnia para rever o passado, e começa aí uma série genial de peripécias. Aparições especiais de Pee-Wee Herman, cantando "Surfin' Bird", do Trashmen, e do hilário Don Adams (o Maxwell Smart de *Agente 86*). Recheado de boas músicas da época. Vale ainda a interpretação de Demian Slade, o filho adolescente pentelho do casal. *J.E.M.*

DRAMA

O CLUBE DOS CINCO (The Breakfast Club, EUA, 1985)

Direção: John Hughes. Com Molly Ringwald, Emilio Estevez, Judd Nelson, Anthony Michael Hall e Ally Sheedy. CIC

O roteiro é sobretudo simples: cinco alunos de uma *high school* (mais ou menos equivalente ao nosso colegial) cometem pequenas faltas. O castigo é passar um sábado inteiro na escola e escrever uma redação sobre eles mesmos. Eles não se conhecem, nem o desejam de início. São quase caricaturas de tipos adolescentes: o c.d.f. (Michael Hall), o esportista descerebrado (Estevez), o marginal (Nelson), a esquisitinha (Sheedy) e a Miss Popularidade (Ringwald). Quase não há ação: os personagens apenas conversam num processo de autoconhecimento, de enfrentamento, de estereótipos. A estrutura quase teatral pode aborrecer quem anda atrás de aventura, mas o desempenho da *brat pack* (algo como "cambada de moleques") é digno de atenção. *B.A.*

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO (The Purple Rose of Cairo, EUA, 1985)

Direção: Woody Allen. Com Mia Farrow, Jeff Daniels, Danny Aiello, Dianne Wiest. Globo Vídeo

Comédia romântica e amarga em que Allen homenageia o cinema americano dos anos 30, que com suas imagens de sonho tornava mais suportável a vida durante a Grande Depressão. E poucas vidas eram tão cinzentas quanto a de Cecília (Mia Farrow), que, depois de trabalhar o dia inteiro como garçonete, apanhava em casa do marido bêbado. Sua única diversão era assistir filmes românticos. Um belo dia, o galã de um desses filmes, Daniels, sai da tela e junta-se a Cecília, como num sonho. Os dois se apaixonam, mas as tentativas de Daniels de se adaptar à "vida real" são ridículas: seu dinheiro é de mentirinha, seu romantismo é retribuído com porrada pelas pessoas de carne e osso. Esse fracasso é o que há de mais triste e ao mesmo tempo mais engraçado neste filme memorável! *J.G.C.*

POR VOLTA DA MEIA-NOITE (Round Midnight, EUA, 1986)

Direção: Bertrand Tavernier. Com Dexter Gordon, François Cluzet e Gabrielle Haker. Warner

Na década de 50, enquanto o swing dominava a cena do jazz, o nascente bebop era considerado intragável pelos americanos. Já na Europa, principalmente na França, os novos nomes do jazz eram reverenciados como criadores geniais. Quase um documento sobre essa época, *Por Volta...* conta a história de Dale (interpretado pelo saxofonista Dexter Gordon e inspirado nas personalidades de Bud Powell e Lester Young), um músico americano que vai para Paris e lá conhece Francis (Cluzet), que vira seu amigo e ama-seca. As tentativas desesperadas de Francis para tirar Dale da lama são tocantes. A trilha é excepcional. *B.A.*

ANIMAÇÃO

ASTERIX ENTRE OS BRETÕES (Asterix chez les Bretons, França, 1986)

Direção: Pino Van Lamsweerde. Do original de Goscinny e Uderzo. Poletvídeo.

Os gauleses têm alguma coisa do incrível exército Brancaleone: um bando de heróis desajeitados, mas com mais sorte. Vivem à custa da poção mágica (assim como o espinafre para Popeye) e da truculência natural de Obelix. Este segundo episódio em vídeo conta um pedido de ajuda e a história do chá. Os primos bretões estão sob as botas dos romanos e pedem a Asterix um barril da poção para que os fleumáticos bretões, que só pensam em tomar quente água, possam aniquilar os inimigos. Asterix, Obelix, Ideafix singram os mares para levar o barril, atropelando piratas e outras coisas. Os bretões dependem deles. Em terra se dá uma louca corrida em busca do barril, que passa por uma partida de rugby e termina num campo de batalha. Sabe quem ganha a guerra? *B.S.*

TERROR

MURALHAS DO PAVOR (Tales of Terror, EUA, 1962)

Direção: Roger Corman. Com Vincent Price, Peter Lorre e Basil Rathbone. Globo Vídeo

Roger Corman encontra Edgar Allan Poe. Tremei! São três episódios baseados em quatro contos do inventor da literatura de terror: "Morella", "O Gato Preto", "O Barril de Amontillado" e "Os Fatos Estranhos sobre o Sr. Valdemar". Isso porque Corman condensou "O Gato Preto" e "O Barril de Amontillado" em apenas uma história. A precariedade da produção é compensada com um clima realmente sombrio, um ator repelente em sua maldade (Lorre) e o canastrão do terror, Price. Para quem está acostumado com o terror explícito de *A Hora* (do qualquer coisa), é brincadeira de criança. Mas a criatividade de Corman sempre encontra soluções apavorantes. *B.A.*

GAROTOS PERDIDOS (Lost Boys, EUA, 1987)

Direção: Joel Schumacher. Com Jason Patric, Jami Gertz, Kiefer Sutherland, Corey Haim, Corey Feldman e Dianne Wiest. Warner

O velho tema dos vampiros de volta numa versão pouco inspirada. Lucy (Wiest), uma quarentona divorciada, e seus filhos Michael (Patric) e Sam (Haim) mudam para Santa Carla, uma cidade com parque de diversões, surfistas mais ou menos calhordas e muitas crianças desaparecidas. É claro que o rapagão Michael se envolve com a pior turma da cidade e ainda cultiva um rabicho pela namorada (Gertz) do líder da turma (o excelente Sutherland). É o maninho mais esperto (Haim) e seus novos amigos que vão tirar o mini-Jim Morrison (há alusões o tempo inteiro) e o rapaz parece realmente com ele) dos apuros em que se meteu. Doses exatas de humor e suspense, mas exatas demais, quase geladas e óbvias. *B.A.*

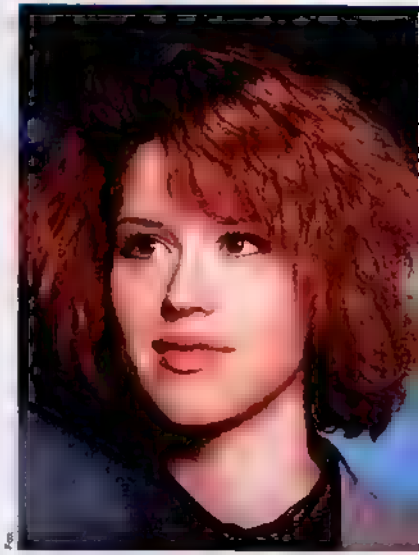
MUSICAL

TERRA DOS BRAVOS (Home of the Brave, EUA, 1986)

Direção: Laurie Anderson. Com Laurie Anderson, Dolette McDonald, Joy Pendarvis, Adrian Belew. Look Vídeo

"Stand by!" Duas máscaras da feiticeira digital. A Laurie cineasta atrás da câmera não extrapola o mero registro amador e empobrece até seu inquieto experimentalismo. Teste de cadências computadorizadas, flertes bem-sucedidos com orientalismos, alterações eletrônicas e colagens pop de sons (mescladas de sarcasmo poético). Seu filme vale apenas como amostra da Laurie escultora, poetisa, compositora e performer num dos mais inteligentes shows da história musical. Aqui ela expõe seu perfeito domínio estético-tecnológico de várias linguagens, ao lado de vocoders, sintetizadores polifônicos e do ancião junkie William Burroughs. *A.Q.N.*

MOLLY RINGWALD



Antes dos 18 anos, ela já tinha trabalhado em três filmes de sucesso, gravado um disco, atuado em várias peças de teatro, abocanhado um Globo de Ouro e amealhado admiradores famosos como Paul Mazursky, Warren Beatty e Ellen Burstyn. Até a ácida Pauline Kael, crítica de cinema do *New Yorker*, famosa por suas opiniões cortantes, se rendeu aos encantos dessa ruiva falsa (seus cabelos são castanho-avermelhados).

A verdade seja dita: Molly Ringwald, nascida em 1968, em Sacramento, Califórnia, começou bem cedo. Aos 3 anos, ela já se apresentava com a banda de jazz do pai, Bob, pianista e banjoísta cego desde os 10 anos de idade. Aos 4, gravou um disco, *Molly Sings*. Seus ídolos eram Billie Holliday, Ella Fitzgerald e Bessie Smith. Sua paixão era tanta que, quando garotinha, Molly achava que "ia crescer negra e se tornar cantora de jazz".

O talento de Molly não passou despercebido à sua mãe, Adele. Aos 5, já frequentava aulas de canto, dança e interpretação, e começou, junto com seus irmãos mais velhos, Kelly e Beth, a tomar parte em peças. Em geral, seus papéis eram pequenos e sem falas, mas Molly se divertia decorando os papéis de outros atores. Depois das primeiras experiências com teatro, ela tomou gosto pela coisa e, encorajada pela família que chegou a se mudar para Los Angeles para facilitar sua participação no musical *Annie*, não parou mais. As câmeras de TV também a atraíram: Molly era convidada especial do *New Mickey Mouse Show* e de um seriado chamado *The Facts of Life*. A dispensa deste último, depois de apenas algumas aparições, foi o primeiro revés de sua já brilhante carreira.

Até que apareceu sua primeira "grande oportunidade". Molly foi selecionada entre cinquenta outras garotas para fazer o papel da filha de John Cassavetes e Gene Rowlands, na versão moderna de Paul Mazursky, da comédia de Shakespeare, *A Tempestade*. Ela ganhou o Globo de Ouro de melhor atriz jovem de 82, com 13 anos. John Hughes foi outro que prestou atenção na mocinha. Hughes, antigo roteirista de TV, preparava-se para escrever e dirigir seu primeiro filme para o cinema. Impressionado com a jovem atriz, Hughes descolou uma foto 8 x 10 de Molly e escreveu o roteiro de *Gatinhas e Gatões* com a imagem dela pregada em seu processador de texto. Foi o início de uma parceria frutífera. A mão leve e terna de Hughes e a "carismática normalidade" (como definiu muito bem Pauline Kael) foram as armas secretas que lotaram as salas de cinema em *O Clube dos Cinco* e *A Garota de Rosa-Shocking*, os outros dois da trilogia Molly-Hughes. Mais do que a bilheteria — *A Garota...* rendeu nos Estados Unidos US$ 12 milhões, sendo 4 só nos primeiros dez dias de exibição, e uma capa da *Time* para Molly — Hughes renovou a comédia adolescente, fazendo filmes sob o ponto de vista dos *teenagers*. E o talento genuíno de Molly completou o apelo irresistível desse filme.

Mas mesmo depois de três sucessos, era hora de mudar. Warren Beatty, velho fã e amigo da moça (e segundo as más-línguas, namorado), há tempos que vinha acariciando a idéia de produzir um filme com ela. As relações com Hughes já andavam meio estremecidas; então, já não faltava mais nada: em *O Rei da Paquera* (produção de Beatty), Molly mais uma vez está estraçalhando corações. E não parou por aí: já estreou nos Estados Unidos seu mais recente filme, *A Cegonha Não Pode Esperar*. Como se vê, pelo título, Molly está crescendo.

Apesar da vida profissional um tanto quanto agitada, ela leva seus estudos a sério (é capaz de interromper uma entrevista e ir para casa estudar álgebra), coleciona alguns namorados (Dweezil Zappa e Anthony Michael Hall são alguns nomes da lista) e tem ambições de se tornar escritora. Sem esquecer, é claro, de seu futuro quase que garantido em Hollywood. É mole? É Molly. *B.A.*

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes com sinal * estão disponíveis em vídeo): *A Tempestade (The Tempest*, 82), *Spacehunter: Adventures in the Forbidden Zone* (83), *Gatinhas e Gatões (Sixteen Candles*, 84), *O Clube dos Cinco* (The Breakfast Club*, 85, inédito no cinema), *A Garota de Rosa-Shocking* (Pretty in Pink*, 86), *O Rei da Paquera (The Pick-Up Artist*, 87), *A Cegonha Não Pode Esperar (For Keebs*, 88)

HIP HOP

GRANDMASTER FLASH

Não há dúvida: o som dos anos 80 é o resultado de mais de uma década de mutação na música dos guetos negros nova-iorquino. Música acusada de ser de baixo calão, machista e de incitar a violência, mas que, na verdade, representa o sonho molhado da vanguarda. Uma colagem de estilhaços eletrônica/urbanos, rachando asfalto e assoalhos. Uma trilha marginal composta por ladrões armados de sampler em meio a uma saraivada de balas. A cara da realidade

RUN-DMC

À SOMBRA DOS ARRANHA-CÉUS

AFRIKA BAMBAATAA

Tudo começou por volta de 74 no Bronx, como reação à disco music. Disco não tinha swing, era uma forma dura (branca) de dançar. A saída era encontrar inspiração em outros estilos. Mas os DJs da época se frustravam ao perceber que seu público só se entusiasmava com as quebradas, os breaks, que originalmente duravam apenas segundos. Desse modo, os primeiros *sound systems* foram adaptados para realizar ao vivo o alongamento de certas passagens de uma música, através da utilização de dois toca-discos, um mixer e duas gravações da mesma música. O pioneiro desta técnica foi um imigrante jamaicano chamado Kool Herc, mas o mais famoso, sem erro, era Grandmaster Flash.

A popularização desse tipo de discotecagem acabou acirrando a rivalidade entre os DJs. Ganhava a guerra quem conseguisse monopolizar maior audiência, tocando breaks que nenhum outro tivesse. Assim, além de funk e soul, os embalos passaram a ser animados por qualquer coisa que tivesse uma boa batida: rocks dos anos 60, eurodisco etc. Essa época também viu o surgimento do scratch.

O passo seguinte da competição foi abrir o microfone para o discurso (rap) dos mestres de cerimônia (MCs), que a princípio visava encorajar a platéia a dançar. Entretanto, o rap e a break dance acabaram se tornando mais conhecidos pelo público *outsider* do que a discotecagem. Razão: breaks não eram criações próprias. A depreciação deste trabalho acabou levando os rappers a se lançarem com bandas de verdade em suas primeiras gravações. Mesmo assim, o som deixava claro sua procedência. O primeiro hit do rap, ▶

LL COOL J

Andy Catlin/LFI

Angela/LFI

A loucura musical do Mantronix (acima) é totalmente sampleada, já os Beastie "suck my dick" Boys (acima) são da turma da baixaria

"Rapper's Delight" (79), da Sugarhill Gang, por exemplo, era totalmente calcado em "Good Times" (Chic).

Os primeiros registros de hip hop são raríssimos por causa das leis de *copyright*, que condenaram as primeiras coletâneas de break beats, no final dos anos 70, a circular como lançamentos piratas. No entanto, a tentativa de vender o rap como uma tendência musical baseada em cantores (como Kurtis Blow) não logrou o êxito esperado. Em consequência, muitos artistas passaram a driblar o copyright misturando o material roubado sob uma poderosa beat de drum machine e alguns ralos de sintetizadores. Afrika Bambaataa, o pioneiro do electro-funk, abocanhou a melodia de "Trans-Europe Express" (Kraftwerk) para lançar (auxiliado pelo produtor Arthur Baker, que depois trabalhou com New Order) seu maior hit, "Planet Rock", em 82. A música do Kraftwerk também foi a responsável pela criação do electro-go-go de Washington, através do hit "Trouble Funk Express", do grupo Trouble Funk. Por isso, uma porção significativa de DJs americanos chega a considerar o início da música negra de dança não com James Brown, Sly, George Clinton ou Chic, e sim com o electro e o tecnopop europeu. Tendência cristalizada no LP de estréia do Whodini, gravado em 83 na Alemanha (!), com faixas produzidas por Thomas Dolby. Mas o exemplo mais radical é o de Curtis Mantronik, o DJ do Mantronix e criador do primeiro LP totalmente sampleado, *Music Madness* (86), que não aceita ver seu grupo caracterizado como um grupo de rap.

A nova música negra é tão fragmentada que pessoas como Rick Rubin, um dos produtores/proprietários da Def Jam, denunciam o electro como a antítese do hip hop. E, claro, recebem críticas da facção mais tradicionalista, que vê sua música como rock e não rap. A verdade é que a Def Jam não está criando a música negra definitiva, mas uma categoria onde hip hop pode se aliar ao hardcore e heavy metal e compor a música jovem definitiva.

A idéia de combinar hard beats, guitarras heavy e rap ainda pode parecer um sacrilégio para muitas pessoas. Não há nada mais branco do que metal e nada mais negro do que rap. Mas Larry Smith, um dos produtores dos primeiros LPs do Run-DMC (que grava pela Profile com o *cast* de produtores da Def Jam), costumava dizer a quem ficasse perplexo com suas ideias de *crossover*. "Negros também tocam rock'n'roll..."

A canção "Rock Box", incluída no primeiro LP (84) do Run DMC, foi a pioneira no uso da guitarra de rock (tocada por Eddie Martinez, membro adjunto do grupo Blondie). Não por acaso, este foi o primeiro disco de rap a alcançar a vendagem de um disco de ouro e ter uma música apresentada na MTV. Façanha superada pelo terceiro LP do trio, *Raising Hell* (86), que se tornou disco duplo de platina — mais de 2 milhões de cópias só nos EUA —, forçando a revista *Rolling Stone* a admitir, em matéria de capa, que Run-DMC era o grupo mais quente da América.

E os brancos chegam ao rap... Poucos sabem que os Beastie Boys começaram como uma banda hardcore, em 79. Afinal, eles só se tornaram críveis quando assinaram com a Def Jam (em 84). Seu LP de estreia, *Licensed to Ill* (86), alcançou o primeiro posto das paradas, sampleando um incrível repertório roqueiro: AC/DC, Led Zep, Black Sabbath, Clash... Como se não bastasse, os Boys reviraram o estômago da mídia com suas performances de legítimos herdeiros do Zep e do Who na arte de promover orgias e baixarias. Mas quem se consagrou como ídolo da juventude black foi um garoto de Hollis, Queens, um bairro black classe média de onde também veio o Run DMC. Seu nome: LL Cool J.

Tanto LL quanto Run-DMC se vestem com as correntes e as marcas esportivas (Adidas, Fila etc.) que caracterizam as gangues do Bronx. Entretanto, ambos são barra limpa. A química da rua, aliada à pouca idade de Ladies Love Cool James (17 anos quando seu primeiro LP, *Radio*, 85, virou platina), acabou por tomá-lo o Elvis do rap, o símbolo sexual e o ídolo mais egocêntrico na mesma embalagem. Seu segundo LP, *Bigger and Deffer* (87), resumiu de vez quem é o *bad bad bad* da cena americana.

Fora da Def Jam, o rap encontra o rock via Skinny Boys, formado por garotos de 18 anos, que consegue ser mais barulhento do que Test Department e mais experimental do que Beefheart ou Pere Ubu. E, se Run-DMC, LL Cool J e Beastie Boys sampleiam riffs de guitarras metálicas, Skinny Boys fazem tudo com scratch.

Ainda mais barulhento é o Public Enemy, um grupo de seguidores da ideologia de confronto dos Panteras Negras. Eles nem ligam para o fato de serem contratados da Def Jam e detonam a atitude de seus parceiros de gravadora. Chuck D, o polêmico líder da banda, afirma: "Uma porção de rappers diz coisas que nem sequer fazem sentido. Todos eles parecem dizer que é hora de ficar estúpido". Sua dose de barulho tem o mesmo sentido de seus protestos: irritar os ouvintes. Como se não bastasse, apresentam-se armados com metralhadoras Uzi. Por isso são temidos pelas rádios e donos de teatros e arenas.

Kurtis Blow, que chegou inclusive a utilizar Run como DJ antes deste formar sua própria banda, também critica a geração Def Jam. "As letras são ruins. *'Time to Get Ill'* significa hora de pirar e se chapar. O que Run-DMC está fazendo é se passar por uma turma de gângsteres durões, quando não são. E os garotos os vêem agindo assim e então tentam ser gângsteres também."

A verdade é que o concerto dado pelo Run-DMC em agosto de 86 no Long Beach Arena foi a maior arruaça já vivida pelo rock, com brigas que duraram mais de três horas entre as gangues Crips e Bloods. Não foi à toa que Dennis Hopper retratou as duas maiores gangues rivais de Los Angeles em seu filme *Colors* utilizando uma trilha repleta de rap. As gangues adoram rap! E o persuasivo som de tiros se tornou a percussão inevitável das ruas da América. A maior parte dos gângsteres está em torno de 20 anos, possui um código de macho que é respondido pelas letras do rap e se chama Yo Boys. Por troma, a palavra "yo" é um cumprimento corrente na cultura black. Mas diga "yo" para um dos Yo Boys e esta poderá ser a última palavra que você usa na vida. Eles vivem se matando uns aos outros e a quem cruzar a linha de fogo. O rap já tem, inclusive, uma vítima famosa: Scott La Rock, um dos mais talentosos DJs da segunda geração do Bronx.

Scott La Rock era considerado o DJ mais hardcore do Bronx. Foi um dos poucos que conseguiram misturar reggae, rap e rock. Sua música não seguia a tradição da dance music, tendo um pulso mínimo de skank, criando um estilo mais direcionado para a cabeça do que para os pés. Em 25 de agosto de 87, Scott deixou de cumprir um contrato com o selo Sleeping Bag para produzir o próximo disco de outra fera do reggae/rap, Just Ice, e encerrou a carreira que mantinha com seu parceiro KRS 1. Culpa de dois tiros fatais.

KRS 1 acaba de lançar o LP *By All Means Necessary*, sob o nome Boogie Down Productions, posando com um revólver de plástico na capa e cantando raps como "Stop the Violence in Hip Hop". Essa violência tem sido a desculpa de muitas rádios negras americanas para não tocar "a música de sua gente" — palavras de um divulgador da Def Jam. Além da tradicional obscenidade das letras, as rádios agora apontam para a apologia da violência e das gangues. "Wild Wild West", de Kool Moe Dee, e "Colors", de Ice T, o principal rapper de Los Angeles, falam explicitamente das gangues de rua. Mas o caso mais controvertido é o de Scholly D. Suas letras são pura *street*. Os brancos empalidecem ainda mais com as frases de seus raps — tipo "Ponha meu revólver na cabeça. Eu disse, *'sucker ass nigger'*, vou te matar a bala!"

"Violência é uma característica da América", diz Scholly D, que foi, aos 15 anos, membro da gangue Park Side Killers, da Filadélfia. "Eu não uso grandes palavras como LL Cool J, eu apenas faço rap como as pessoas na rua, sobre coisas como drogas, roupas, mulheres e revólveres. Não fui eu quem fez a lei que permite a qualquer americano comprar armas." O boato corrente é que Scholly ganhou seu contrato por colocar um revólver na cabeça do patrão e o mandar prensar seu disco. Scholly também odeia rock'n'roll e chegou a compor uma música que diz: "Vocês, amantes de rock'n'roll, tomem um revólver na cara!"

Mais dramático é o caso de Just Ice, um dos membros originais da Zulu Nation, grupo criado por Afrika Bambaataa como uma utopia capaz de trocar as brigas entre gangues por disputas entre DJs, breakers, rappers e grafiteiros. Aos 12 anos ele brincava de MC nas festas do rei do hip hop, DJ Kool Herc. Mas logo teve que desistir de seu primeiro projeto porque Kool Herc tentou matá-lo. Hoje, Just Ice, cujo nome é um trocadilho com a palavra "justiça", é acusado de ter cometido um assassinato. Muito embora tudo indique que ele apenas estava na hora e no lugar errados, a má fama dos rappers pode acabar lhe condenando.

O novo filme do Run-DMC, *Tougher than Leather*, produzido pela Def Jam, vem firme na denúncia do preconceito contra os rappers. O filme está na fase final e, segundo os integrantes da banda, vai fazer *Krush Groove* (o anterior, que ainda tinha a participação dos Fat Boys, Beastie Boys e Kurtis Blow) parecer "um filme de Walt Disney". Ele se

Retna

As pimentinhas de Salt'n'Pepa (acima) conquistaram as vinte mais nos EUA. O Reino Unido rebate LL Cool J com Derek B (abaixo)

Retna

10 LPs FUNDAMENTAIS

Uma seleção básica para entender as múltiplas facetas da nova música negra americana. Dos break beats e electro-funk aos ataques dos samplers assassinos. Do rap inconsequente ao rap politizado. Do utopia ao crime. *The best!*

Planet Rock - Afrika Bambaataa & Soulsonic Force (Tommy Boy, 82)
Greatest Messages - Grandmaster Flash & the Furious Five (Sugarhill, 83)
Radio - LL Cool J (Def Jam, 85)
Raising Hell - Run-DMC (Def Jam, 86) *
Licensed To Ill - Beastie Boys (Def Jam, 86) *
Music Madness - Mantronix (10 Records, 86)
Scholly D (Live, 86)
Yo! Bum Rush the Show - Public Enemy (Def Jam, 86)
Criminal Minded - DJ Scott La Rock & KRS 1 (aka Boogie Down Productions) (B-Boy Records, 87)
Pond in Full - Eric B & Rakim (Island, 88) *
* Lançados no Brasil

desenvolve em torno da busca do grupo pelos assassinos de seu querido roadie, Runny Ray, morto na vida real. "Desde que os criminosos plantaram drogas no seu corpo, os tiras viram o caso como 'apenas outro negro morto'." Enquanto isso, seu novo LP começa a disputar com George Michael o primeiro lugar nas paradas.

Apesar de todos os contras, o hip hop está vendendo como nunca. O novo cover dos Fat Boys, "The Twist", com participação de Chubby Checker, é uma das musicas mais executadas nas rádios americanas. Mas o fenômeno mais evidente de sua aceitação é a receptividade ao disco do DJ Jazzy Jeff & the Fresh Prince, *He's the DJ, I'm the Rapper* (88), o primeiro álbum duplo do hip hop, que já é disco de ouro. Outro fato significativo: a abertura deste terreno de machos a rappers femininas. "Supersonic", o hit de JJ Fad, está tocando até no Brasil. E "Push It", das Salt'N'Pepa, é uma das vinte musicas mais executadas nos EUA, com sua batida electro reminiscente do rock robótico do Devo. Sem esquecer de MC Lyte, a rapper de 17 anos que conquistou Sinéad O'Connor.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, o espírito punk colide com o ruído urbano e dá luz à geração britânica do hip hop. Malcolm MacLaren, o produtor mais odiado da História, foi (outra vez) o visionário que colocou no vinil a primeira colagem de hip hop com sotaque europeu, no LP *Duck Rock* (83). As garotas que utilizaram suas vozes sobre o scratch de "Buffalo Gals", o hit do LP, agora se chamam Cookie Crew e se preparam para lançar o primeiro LP.

O grupo britânico mais importante é o Three Wise Men, um quinteto (!) multirracial que tem atraído atenção por seus raps de protesto. Mas há ainda Derek B, a resposta inglesa a LL Cool J. Thrashpack, os Beastie Boys britânicos, brancos e fãs de thrash metal. She Rockers, um duo adolescente de garotas ligadas em rap hardcore. Longsy D e London Posse, que veneram Shinehead, o jamaicano/nova-iorquino responsável pelas melhores misturas entre reggae e rap. Renegade Soundwave, o trio branco londrino que dispara violência sônica contra a moralidade vitoriana. Age of Chance, uma banda de rock branco que faz música inspirada em hip hop, cuja versão de "Kiss", hit de Prince, é o melhor exemplo de seu estilo sonic metal disco. Mas nada disso supera o sucesso dos DJs armados com Casios SK 1, que sampleiam hip hop, house music, rai (música pop argelina) e canções exóticas, resgatando as pesquisas etnopops de David Byrne e Brian Eno no LP *My Life in the Bush of Ghosts* (80). É o caso de CJ Mackintosh, o DJ mais requisitado da Inglaterra, que hoje lidera o Nasty Rox Inc. Ele foi responsável, junto às bandas Colourbox e Ar Kane, pelo acachapante "Pump Up the Volume", sob a assinatura M/A/R/R/S — o primeiro single independente a chegar ao nº 1 britânico. O refrão de "Pump Up the Volume" saiu de uma frase do rap "I Know You Got Soul", do duo americano Eric B & Rakim, o corpo musical de um hit de Stock, Aitken e Waterman e o molho de preces islâmicas.

Eric B & Rakim também foram alvos de Coldcut, outro grupo de ladrões britânicos, que remixou seu hit "Paid in Full" adicionando passagens de uma música da cantora israelense Ophra Haza. O duo, por sua vez, tem em seu histórico o fato de ter sido a primeira banda a samplear James Brown. E seu LP *Paid in Full* (88) já é um clássico.

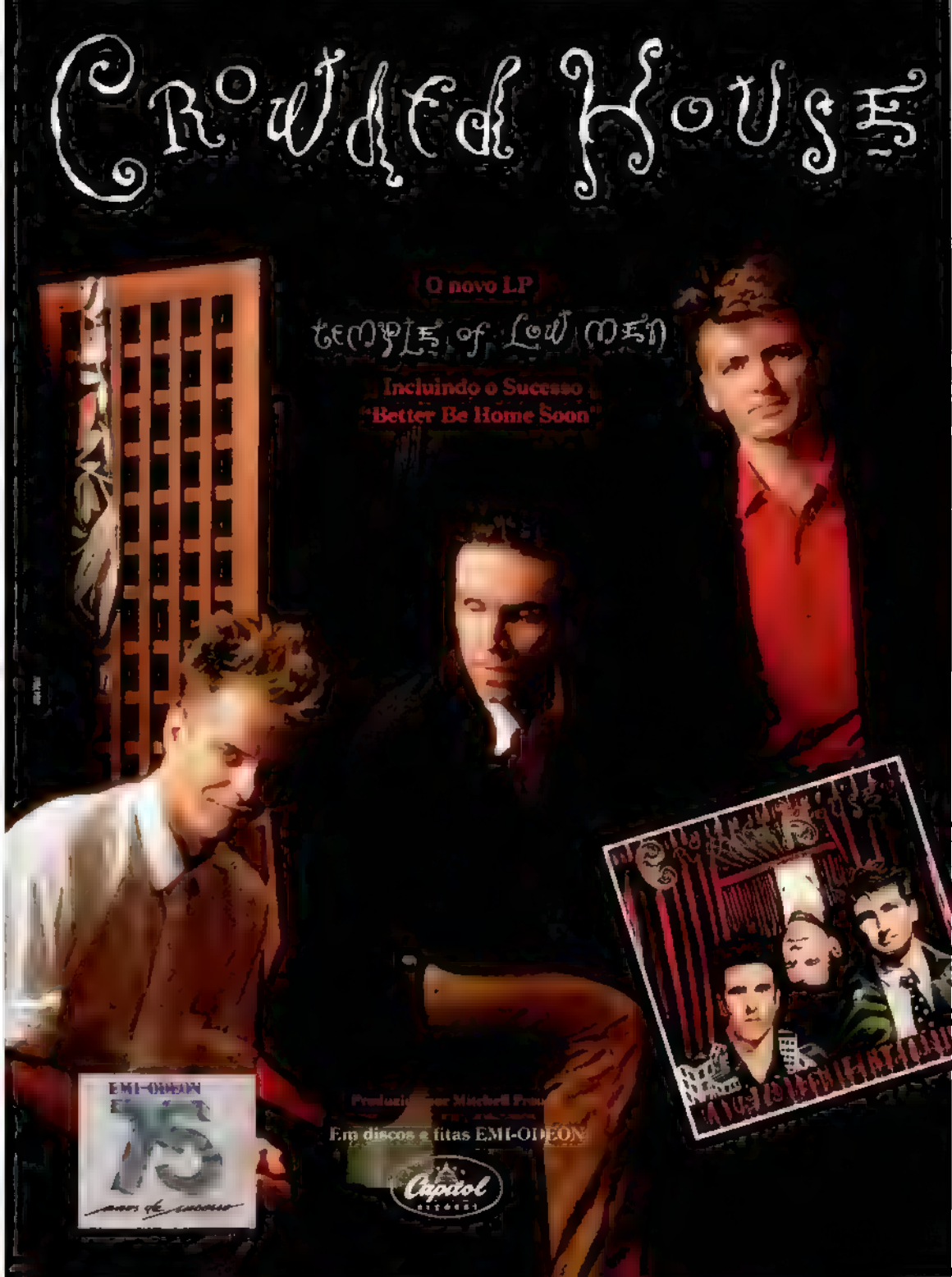
Ao mesmo tempo, nos clubes de dança, a house music começa a brigar pela primazia. O termo house tem sido usado em soul music há décadas, mas desde 86, através de uma série de pequenas gravadoras independentes, tornou-se um estilo, uma cena, uma estratégia de mercado e uma linguagem particular, criadora de termos como "jack your body". Longe de ser original, house são dez anos de club music remixados por produtores DJs. A jackbeat está dividida entre Chicago house — mais tradicional — e Detroit techno — acid house, brutal, robótica, clonada diretamente de Gary Numan.

O hip hop, por sua vez, continua em mutação. Com seus novos contratados Tashan, Oran Juice Jones e Chuck Stanley, a Def Jam aposta em uma nova tendencia, a cruza com o soul. Ao mesmo tempo, a comunidade latina emplaca seu hip hop produzido por feras como Curtis Mantronik, combinando a pulsação eletrônica do hip hop com ritmos latinos. Seus vocalistas, porém, não fazem rap. Na maioria dos casos são cantoras como Lisa Lisa, SA-Fire, Tina B e outras *dream girls*. O som foi criado por DJs nova-iorquinos a partir da beat do hip hop mixada com vocais femininos *a cappela* de compactos de soul. O próximo passo foi substituir a voz negra original por belas *chicas* latinas. A comunidade cubana de Miami acabou adotando o novo ritmo, batizando-o de be-bop e o tornando ainda mais popular.

A verdade é que hip hop é a música independente que mais vende nos anos 80. E já deu cria, bastarda, claro: o brutal disco europeu. Vide covers de LL Cool J por World Domination Enterprises. Vide a radicalização do sampler e do barulho de Young Gods e cia.

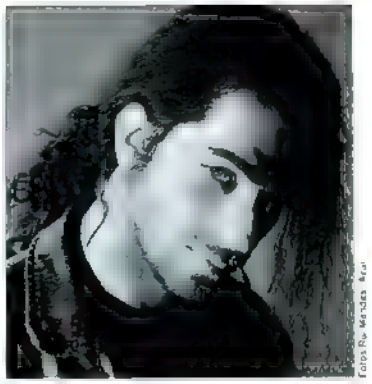
Nos anos 50, selos como Specialty e Chess deram a artistas negros como Little Richard e Chuck Berry uma chance de serem ouvidos. Hoje, gravadoras como Profile, Def Jam, Jive, Next Plateau ou Sleeping Bag estão lançando a música que vai marcar as próximas gerações. *Marcel Plasse*

A vertente latina combina vozes femininas (como a da salerosa Lisa Lisa) com a batida dura e sincopada do melhor hip hop



Eles envelheceram pelo menos dez anos em três. O fato de terem conquistado rugas prematuras em plena juventude nada mais é do que "estrada". Eles não saem dela. Chegaram até a interromper as gravações do novo LP para dar shows. São, com certeza, do grupo mais arrogante do cenário brasileiro. É, talvez, a primeira banda do mundo a chegar ao estrelato sem um fã-clube. E podem, sem dúvida, anunciar a saída de campo com o time ganhando. Acompanhe o bate-bola entre BIZZ e o trio gaúcho...

JOGANDO UMA PELADA NA PRIMEIRA DIVISÃO



Fotos Ro Mendes Azul

Eles não tiveram torcida organizada nem torceram muito. Mas a verdade é que ganharam o campeonato. Suas músicas estão tocando direto nas rádios, seus shows são comemorados com matérias de página inteira e sua presença já se tornou comum no *Globo de Ouro*. Humberto Gessinger brinca: "E, mas Domino já apareceu muito mais do que a gente..." Domino não é banda. E ele se enfurece: "Quem disse? Isso precisa ser dito. E essa mina aí, Rosana, Silvana, sei lá. Não me interessa se ela canta legal, ela não tá a serviço de p* nenhuma a não ser do bolso dela. Vá se f*! Pô, querer ganhar dinheiro com música em 1988 é um p* atraso intelectual. Eu não consegui ganhar dinheiro pra sair de casa, morar sozinho. Aparecer no *Globo de Ouro* não mudou nossa condição social. A gente continua sendo o primeiro colocado da terceira divisão. Mas tampouco nos interessa ser o último da segunda. Não tenho a menor fissura de ser um RPM pobre! Pô, a profecia do Andy Warhol já se cumpriu, todo mundo é famoso por cinco minutos. A gente

Divulgação

Da esquerda: Carlos Maltz (bateria), Augusto Licks (guitarra) e Humberto Gessinger (principal compositor, letras e baixo), nos campos do Sul, 1987

ja tocou e até caiu no Maracanazinho (refere-se ao tombo que ele levou logo na primeira música, N.R.). Mas, depois desse show, fomos jogar sinuca e uns caminhas nos ofenderam porque a gente tava falando alto.

E o sucesso? "Poucas pessoas têm a oportunidade de ver o mundo mudar ao seu redor como a gente tá vendo. Pô, apareci na Globo e estão me tratando diferente..." Verdade. Ninguém apostava em "Infinita Highway", uma música longa demais, e "Terra de Gigantes", sem baixo e pouca bateria. Contudo, "Terra..." acaba de ser gravada por Dulce Quental e agora até o Barão Vermelho está cantando uma letra de Humberto Gessinger — "O Que Você Faz à Noite?"

"Se te disserem pra não virar a mesa, se te disserem que o ataque é a melhor defesa/ouça o que eu digo: não ouça ninguem." Este é o eixo motriz do novo LP do grupo, *Ouça o Que Eu Digo, Não Ouça Ninguem (A Verdade a Ver Navios)*. "O disco definitivo", segundo Augusto Licks. "Depois desse, só ao vivo ou os maiores sucessos. O futuro da banda está aqui." Mas o título pode fazer a banda parecer arrogante. Humberto concorda. "Ah, pra caramba! A gente vai tá dando a cara pras pessoas baterem. Mas a gente não podia abrir mão de alguma sutileza e ambiguidade pelo medo de não ser entendido. Depois de três discos, não tem mais som de bumbo que te satisfaça o ego."

A conclusão a que se pode chegar é que nenhum som lhes satisfaz. Depois de vender 100 mil cópias do LP de estréia, eles mudaram a formação e optaram por uma sonoridade mais rústica, menos popular. Agora que essa sonoridade foi assimilada, resolveram mudar de produtor... A reação da gravadora? Humberto responde: "Largaram nosso próprio feitiço contra a gente, tipo: 'acho que o Maluly (o novo produtor, que trabalhou com o RPM, mas também produziu as faixas dos Engenheiros na coletânea *Rock Grande do Sul*, N.R.) não é pro som de vocês...' Acho que até hoje eles não sabem qual é o nosso som". Augusto diz: "Não há como fazer uma avaliação sensata de uma banda. Uma banda não precisa ser sensata. A exigência de profundidade é de quem vai falar sobre ela. Há quem viaje e ache o nosso som a f*. Em Porto Alegre só escreveram 'letras intimistas...'." E Humberto acrescenta: "Eu li uma crítica que dizia que as minhas letras eram redundantes e chatas. Eu acho exatamente isso. Pois vêm aí mais letras redundantes e chatas!"

"Se nunca sei onde ando/se ando sem direção/é porque nunca se sabe..." — "Nunca Se Sabe", do novo LP, reverbera "Infinita Highway" ("Eu posso estar completamente enganado/posso estar correndo pro lado errado"). É inútil ter certeza? Humberto afirma que "não existe certeza, certo ou errado, apenas tu contigo mesmo..." E ri. "As pessoas devem pegar minhas letras e achar uma tristeza, uma depressão. O cara não abre as janelas, não leva fé nenhuma em nada..." Sei que soa arrogante chamar um disco de *A Revolta dos Dandis* (o título vem de um capítulo do ensaio *O Homem Revoltado* de Albert Camus, N.R.). Na verdade, a gente nunca quis chamar tanta atenção pro texto. Eu vejo nossas músicas como uma coisa tipo Herman Hesse, que é um escritor menor. O que abriu minhas portas foi Pink Floyd e Hesse, e eles não têm a mínima importância pra música ou literatura. Ninguém respeita Hesse e Pink Floyd, ninguém que se leve a sério."

Autodepreciação, é a *highway* favorita dos Engenheiros. Eles não querem ser foco de nenhuma expectativa. "As pessoas que vão num show pagam pra banda fazer coisas que elas não conseguem. Mas eu não vou ser louco por ninguém, vou tocar meu instrumento e só. Não vou comer a Monique Evans por ti," diz Humberto. Receio de um *replay* do jogo do Legião em Brasília? "Pessoas se machucaram lá, mas, se acabasse o risco de um show ao vivo, não haveria o menor sentido em se continuar tocando. Agora, eu acho que a gente não gera esse tipo de atitude. Não consigo enxergar um sentido nítido pra nossa mensagem. Não somos como aquele flautista que conduz ratinhos. Eu acho nossa música muito confusa." Mas as pessoas também não são confusas? "Sim, sim. O que a gente faz é oferecer um espelho dessa confusão — eu acho."

A mensagem dos Engenheiros do Hawaii? "A gente não tem voz bonita, não somos bons instrumentistas e não mascaramos isso nas gravações. A banda que eu queria montar sempre foi uma coisa anônima, de três caras anônimos,

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro, e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. E ainda me dão liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

Conheça também as lentes de uso prolongado exclusivas da Bausch & Lomb. Muito mais conforto para você.

BAUSCH & LOMB

PATROCINADOR DA EQUIPE OLÍMPICA BRASILEIRA DE 1988

sem nenhum brilho, nenhuma ponta de genialidade. Eu queria um futebol uruguaio, igual, aborrecido, mas consistente. O que a gente não admite é ser porta-voz de alguma coisa porque nós não representamos p* nenhuma! Pô, eu e o Carlinhos (bateria) nunca ganhamos porcaria nenhuma antes da banda, nem fliperama nem garotas. Em suma, falta um pouco de heroísmo da nossa parte. Eu sempre fui o Sargento Garcia, não vai ser agora que eu vou ser o Zorro!"

O novo LP traz uma dezena de citações futebolísticas... "Futebol é uma chave de leitura para o mundo." E se vocês fizerem outro p* gol? Carlos Maltz responde: "O Maluly veio com um papo: 'Pô, o disco tá ficando legal, vamos mixar em Los Angeles?' Aí, claro, a gente começou a pensar, 'vamos ter que passar pela alfândega, ser explorados pelos taxistas e tratados que nem castelhanos...'" "A gente não consegue se levar a sério. Eu troquei a guitarra pelo baixo e acho que isso diz tudo", diz Humberto.

E a patrulha? "Nosso discurso tem sutilezas que num momento inicial foram tachadas de reacionárias. Muita gente também acha que nós escolhemos o Augustinho pela transa musical dele, e não foi nada disso. É que o Augustinho, de certa forma, era tão estranho no ninho quanto a gente em Porto Alegre. Não me interessa tocar com um cara fresco, lindo, leve e solto. A gente quer pessoas com a mesma dificuldade de chegar no microfone que a gente. O lado musical dele veio até como bônus," Augusto explica. "Eu sou realmente o único músico da banda (seguidamente apontado como o melhor guitarrista de Porto Alegre, N.R.), mas isso não acrescenta ou diminui nada na história da banda. Ser músico é ser técnico de um instrumento. Ser banda é ter três existências em conflito pra produzir alguma coisa, um risco total. Eu sempre quis tocar numa banda."

Estranhos no ninho? Carlos fala: "Engenheiros deve ser a banda mais mal-humorada e mal vestida do Brasil." Humberto emenda: "Se eu dissesse o que faço fora do palco, nossa vendagem diminuiria pra caramba! *(risos)* Eu passo a noite em casa tocando guitarra desligada e vendo TV sem som. Durmo, durmo... Não gosto de encontrar pessoas à noite. O inferno deve ser um restaurante com pessoas comendo umas ao lado das outras sem saber quem são." No palco, porém, é o céu: "Só me sinto à vontade tocando. E mesmo assim tropeço. Foi a maior tensão o tombo. O Augustinho vai solar, eu dou uma corrida e tropeço, caio, quebro meu baixo, ganho um p* dum hematoma... Isso não acontece com RPM, Paralamas ou Legião. Pô, uma 23 mil pessoas ali e eu fui o único que caiu! Meus ídolos nunca tropeçaram!"

Há uma teoria cabalística, segundo Humberto: "Eu tinha um crucifixo colado no baixo que se perdeu. Isso é coisa do *devil*, cara! Naquele dia acabou o estoque de gato preto em Porto Alegre. E as esquinas nunca estiveram tão iluminadas! Pô, isso não acontece só com Jimmy Page!" Por que tanta azaração? "A gente era uma banda na qual ninguém acreditava, tem um clima de que furamos a fila..." De fato, os Engenheiros nunca foram considerados *underground*, apesar de terem começado a tocar em lugares minúsculos... "E maiores do que a gente. Mas os caminhos que fazia uma banda *underground* em Porto Alegre nós fizemos. Fizemos o mesmo circuito do DeFato e tivemos as mesmas dificuldades. Só alguém muito leviano pode achar que nossos caminhos foram diferentes." Mesmo assim, uma semana depois do show no Maracanazinho, podia-se ler nas páginas da imprensa gaúcha o seguinte aviso: "É claro que qualquer pessoa de bom senso neste país sabe dar o devido desconto às empolgações cariocas (sic)... Cuidado, Engenheiros!" Levar a sério? "Eu acho do c* tu abrir um jornal ou uma revista e ler uma coisa engraçada. Eu acho chato ter que salvar o rock nacional. O Lobão chama os Paralamas de chupadores, o outro diz que o cara botou a mulher pelada na capa pra vender discos... Isso é muito engraçado! Rusgação de seda é que é um saco! Aquela vez que a Paula Toller bateu com a baqueta na cabeça não sei de quem, isso vai passar pra História. Uma vez o Pitz, nosso ex-baixista, chamou o Marcelo Nova de demagogo enquanto o cara tava dando uma entrevista na TV! Muito engraçado", diz Carlos.

"O ápice da nossa carreira vai ser o dia em que a gente puder contar piadas nos shows, no meio das músicas" (Carlos Maltz)

E as brigas? "Quando a gente não quebra o pau, resolve acabar com a banda. Tudo é muito intenso na estrada. A gente vai parar de tocar depois que saísse *A Revolta*... Mas daí o disco saiu por baixo, não tocou, a gravadora ficou putinha porque tinha música de seis minutos... Pô, eu não vou parar de jogar com o time perdendo. Daí, não acabamos o disco começou a vender, pintaram shows e a gente nunca mais falou sobre isso. Não sei se a banda vai durar mais um disco. As pessoas não podem se iludir com a ideia de que a gente vai virar uma superbanda. Se este país não está preparado para uma banda de porte médio, então f*!"

"Na hora certa afundaremos o navio", previne a letra de "Filmes de Guerra, Canções de Amor". "A tendência é ficar careta como Legião e Paralamas, as grandes bandas nacionais, na minha opinião. Eles alcançaram um status que não lhes permite mais leviandades. Essa trilha é que a gente quer evitar. Se tiver que chegar lá, que seja com irresponsabilidade", afirma Humberto.

O ápice de nossa carreira vai ser o dia em que a gente puder contar piada no meio das músicas nos shows", Carlos acrescenta, passando a bola para Humberto. "Já pensou? Vão todos os nuístas do lugar ver o show bem tristes, e aí o cara começa a contar piada... *(risos)* Agora eu tô planejando minha grande queda no *Globo de Ouro*." Carlos trapudia: "Vai ser a nossa grande marca. Pete Townshend quebrava a guitarra, o cara cai com o baixo!" "Pô, o Domino dança o tempo inteiro e ninguém cai. A gente superparado e eu consigo cair!", diz Humberto, voltando para Carlos. "Os caras nos tiram pra superseríos, nuístas... Mas isso é nuísmo! Se nada vale a pena, tudo vale a pena. Fazer o que, ficar chorando em casa porque as coisas tão uma merda?" Humberto: "Saiu um guia de fã-clubes na BIZZ e eu acho que Engenheiros do Hawaii é a única banda sem fã-clube no Brasil. Isso é muito engraçado. Quem nos representamos? Ninguém, cara! Engenheiros do Hawaii? Não sai coelho dessa cartola!" E tem alguém tirando coelho da cartola hoje em dia? "É a imagem que se vende. Mas os tempos são outros. Se tirar, o negumho dá um tiro, assa e come." *Marcel Plasse*

Fotos CBS

O DESERTO É FÉRTIL !!!

Continente das vastidões desérticas, dos animais improváveis, do bumerangue... e da melhor banda de rock do mundo? Será possível que a Austrália vai roubar o cetro, habitualmente na ponte Estados Unidos/Inglaterra? Confira...

Existem bandas australianas — no sentido de que repartem uma mesma nacionalidade, uma só origem comum. E existe o Midnight Oil, uma banda Australiana (com maiúscula), que carrega "no coração um país verdadeiro (que) jamais será roubado", uma banda que vai saboreando uma popularidade crescente no supermercado pop/rock dos Estados Unidos sem ter precisado, em momento algum, abrir mão de traços culturais ou convicções políticas particularmente específicas.

Enquanto conterrâneos meguestelares vão degluttndo como podem o banquete de recompensas pop internacionais (leia-se INXS e Crowded House, por exemplo), ao longo de 1988 o MO está comendo pelas bordas um prestígio comercial e artístico inédito na carreira do grupo fora de seu país. Curiosamente, o álbum de maior sucesso do MO nos Estados Unidos, *Diesel and Dust*, é o que se poderia chamar de o mais regional de sua discografia norte-americana. Os anteriores — *10-9-8-7-6 5 4-3-2-1* e *Red Sails in the Sunset* — eram igualmente politizados e vigorosos, qualidades que motivaram a imprensa a enxergar no grupo a infame e proverbial "grande nova sensação". Mas não "aconteceram". Isso ficou a cargo do novo disco e do single "Beds Are Burning", uma inflamada reclamação dos direitos aborígenes na Austrália que acabou ganhando espaço nobre na MTV e na parada da *Billboard*.

No palco, entretanto, é que todo o potencial do Oil vem à tona. Liderados por um gigantesco e carequíssimo vocalista — o bacharel em Direito Peter Garrett, ex-candidato ao Senado Australiano que só não se elegeu por uma diferença de 30 mil votos —, Jim Moginie (guitarra e teclados), Rob Hirst (bateria), Martin Rotsey (guitarra) e Peter Gifford (baixo) redefinem as canções dos discos com uma intensidade e uma energia capazes de converter o mais cínico dos entediados. Não raro sai-se de um show do Oil com a nítida impressão de ter-se descoberto a melhor banda de rock do mundo.

Essa combinação — autoconvicção e shows arrasa-quarteirão — rendeu ao Oil frutos invejáveis. Como ocorreu no Brasil com o Legião Urbana, o público abraçou o Oil não pelo que ele tentava ape-

rentar, mas pelo que ele era. Por mais australiana que a banda fosse, por mais que custasse a entender 100% do que o Oil queria dizer a respeito de um país pouco conhecido e de uma cultura moribunda, como a dos aborígenes.

"Mas a natureza do problema (dos aborígenes) e a maneira como ele se apresenta não está ausente em outros países." Quem explica é a voz de Garrett, trazida, via telefone, da Costa Leste para Los Angeles. Peter tem uma fala firme, articulada, letrada, anos-luz distante do blablá blá monocórdico e autocongratulatório do astro de rock típico. O que há de cinético e desbundado nos shows — dançando, Garrett lembra um robô hiperativo sofrendo uma sucessão de curtos-circuitos — transforma-se num papear sereno e bem focado, de palavras escolhidas meticulosamente, de raciocínios completos à perfeição. E é com essa clareza que Peter tenta explicar o sucesso de "Beds Are Burning", o hit de tema aborígene.

"É claro que o rock tem outra função, além do puro entretenimento. Precisa ter!" (Garrett)

"O que a situação aborígene na Austrália proporciona é uma visão microcósmica do que aconteceu (no mundo) desde a Revolução Industrial, desde que os poderes imperiais entraram e saíram da África, da Ásia ou da América do Sul. O que temos, na verdade, na Austrália, é uma cultura parcialmente intacta que, pelo menos para alguns — decerto para mim —, coincide com um tempo em que a cultura ocidental está passando por um notável período de reajustes e, em alguns casos, de colapso. Em conseqüência disso, algumas das essências e das experiências que repartimos em algumas das canções (de *Diesel and Dust*), como 'Beds Are Burning', alcançam além da Austrália."

Sem dúvida *Diesel and Dust* fala de assuntos que não apenas os nativos da Austrália. Porém, muito do disco foi inspirado numa excursão, parte artística, parte autodescoberta, que o grupo realizou em 1986, percorrendo terras aborígenes localizadas no sertão australiano com uma banda legitimamente nativa, a Rumpy Band. Batizada *The Black Fella/White Fella Tour*, a turnê era "uma tentativa de fazer três coisas: primeiro, quebrar as barreiras (que existem nos estúdios) para mostrar que dois grupos de músicos, de cores diferentes, são capazes de tocar juntos e bem. Conseguimos isso. Segundo, para que pudéssemos explorar e descobrir o que realmente estava acontecendo no sertão. O que também conseguimos e fizemos um documentário de tudo isso. E, por último, para sentar e conversar com o povo aborígene de diferentes áreas, para saber o que está acontecendo com suas comunidades, com suas vidas, e para melhor desenvolver nossas relações. E isso nós também conseguimos."

"Mas, muito embora haja um determinado número de canções que carregam muito do deserto e dos aborígenes — a própria capa do disco tem isso —, existem outras que não trazem (essa carga). Portanto, não é um álbum conceitual, mas um disco que foi profundamente influenciado por essa viagem."

"Nós tentamos fazer um disco que criasse alguns espaços com essas músicas, para que onde quer que as pessoas estivessem prestando atenção — fosse no Brasil, ou na Bulgária, ou em Hong Kong — conseguissem usar a imaginação e captar um pouco daquele sabor, um pouco daquela atmosfera."

O que impediu, então, que os discos anteriores tivessem a mesma repercussão de *Diesel and Dust*, um álbum, até certo ponto, cifrado? O que aconteceu? "Na verdade, quase nada aconteceu! Acho que o que aconteceu foi um certo grau de resistência a *10 ..1*, aquele primeiro disco (lançado nos Estados Unidos). Por razões jamais totalmente compreendidas, nas rádios algumas pessoas achavam o disco político demais, outras achavam demasiadamente punky, outras achavam australiano em excesso. Era isso demais, ou aquilo de menos, entendeu? Mas não era nenhuma dessas coisas. Era só música. O fato é que as rádios não tocaram. Por outro lado, para ser sincero, não tínhamos como vir aqui e passar muito tempo na estrada. Não tínhamos os recursos. Nem queríamos, sabia? Havia uma série de coisas que desejávamos fazer em casa. Eu estava no meio de uma campanha política (pelo Senado, através do Partido de Desarmamento Nuclear, hoje extinto)."

"A resposta curta para essa pergunta é: a banda (e seus ideais) foi tratada com um certo grau de suspeita, de incerteza — 'precisamos (dela) ou não?' E aqueles tempos eram muito conservadores." Se, aparentemente, só agora o Oil está sendo compreendido, no passado essa situação teve contornos patéticos. Formada, originalmente, como uma banda *de* e *para* surfistas, em Sidney ("ondas de dia, rock à noite"), o Oil começou a procurar uma gravadora. De uma delas — Garrett não se lembra se foi a WEA ou a EMI — recebeu a sugestão de que, "para dar certo", ele precisaria vestir-se de Surfista Prateado no palco. Ou de Batman.

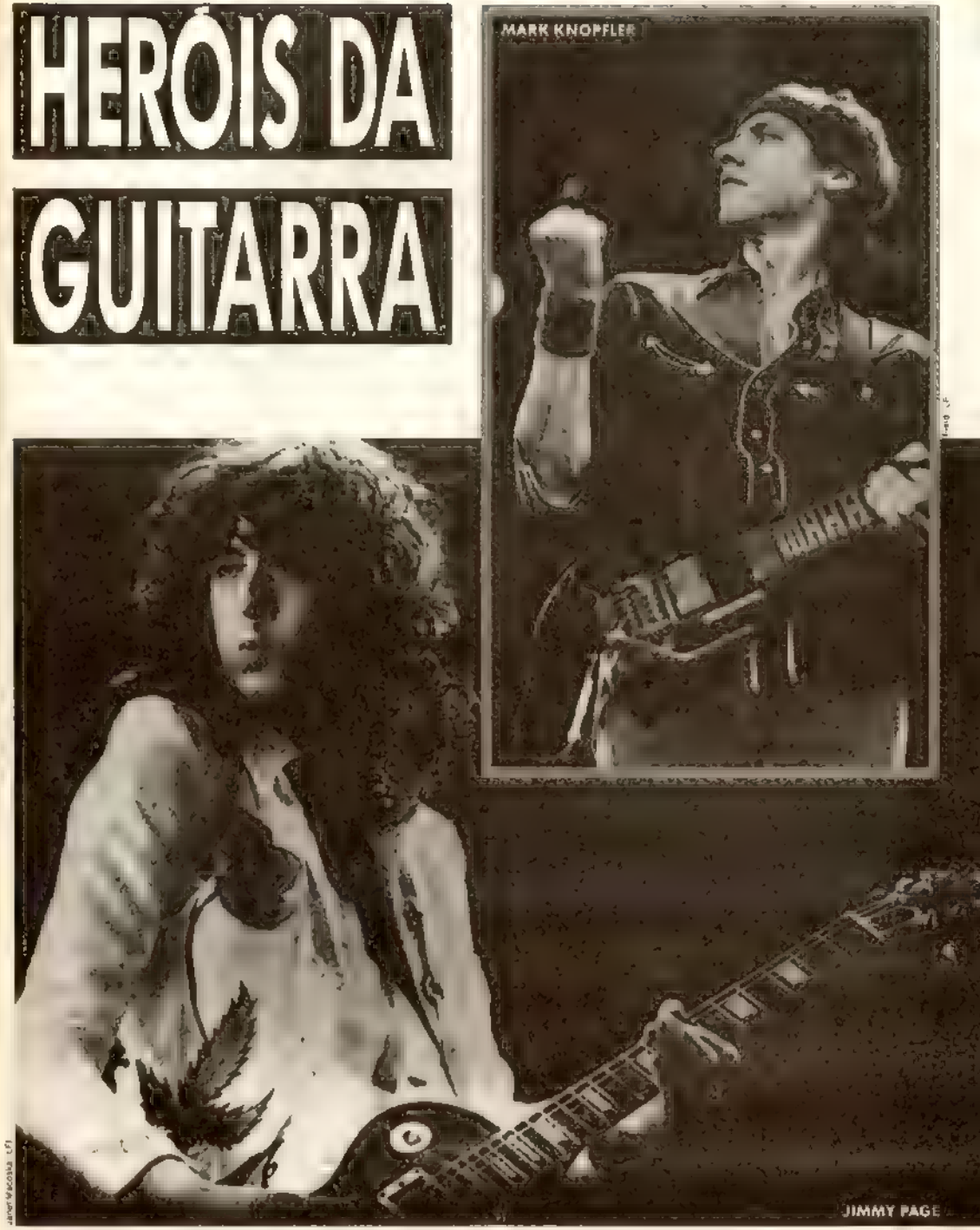
"Valeu a pena que (esse grau de popularidade) só tivesse acontecido agora. Nunca demos tanto valor assim ao sucesso. Prezamos mais a capacidade de nos mantermos vivos escrevendo músicas que, achamos, precisam ser escritas."

"É claro que o rock tem outras funções, além do puro entretenimento. *Precisa* ter! O fato de que a maioria das músicas (que existem) é papel de parede — para tapar as rachaduras de nossas vidas, buracos que precisamos explorar e compreender — não deixa de ser lamentável. Mas faz parte da natureza do *business*. Só que a melhor música faz mais do que isso."

"Não vemos o Oil como uma banda ideológica. Apenas nos vemos dentro de um contexto do mundo em que vivemos e do país de onde viemos. Se cantamos sobre alguma coisa é porque estamos apaixonados por aquele assunto e queremos agir sobre ele da maneira que pudermos."

José Emilio Rondeau,
de Los Angeles

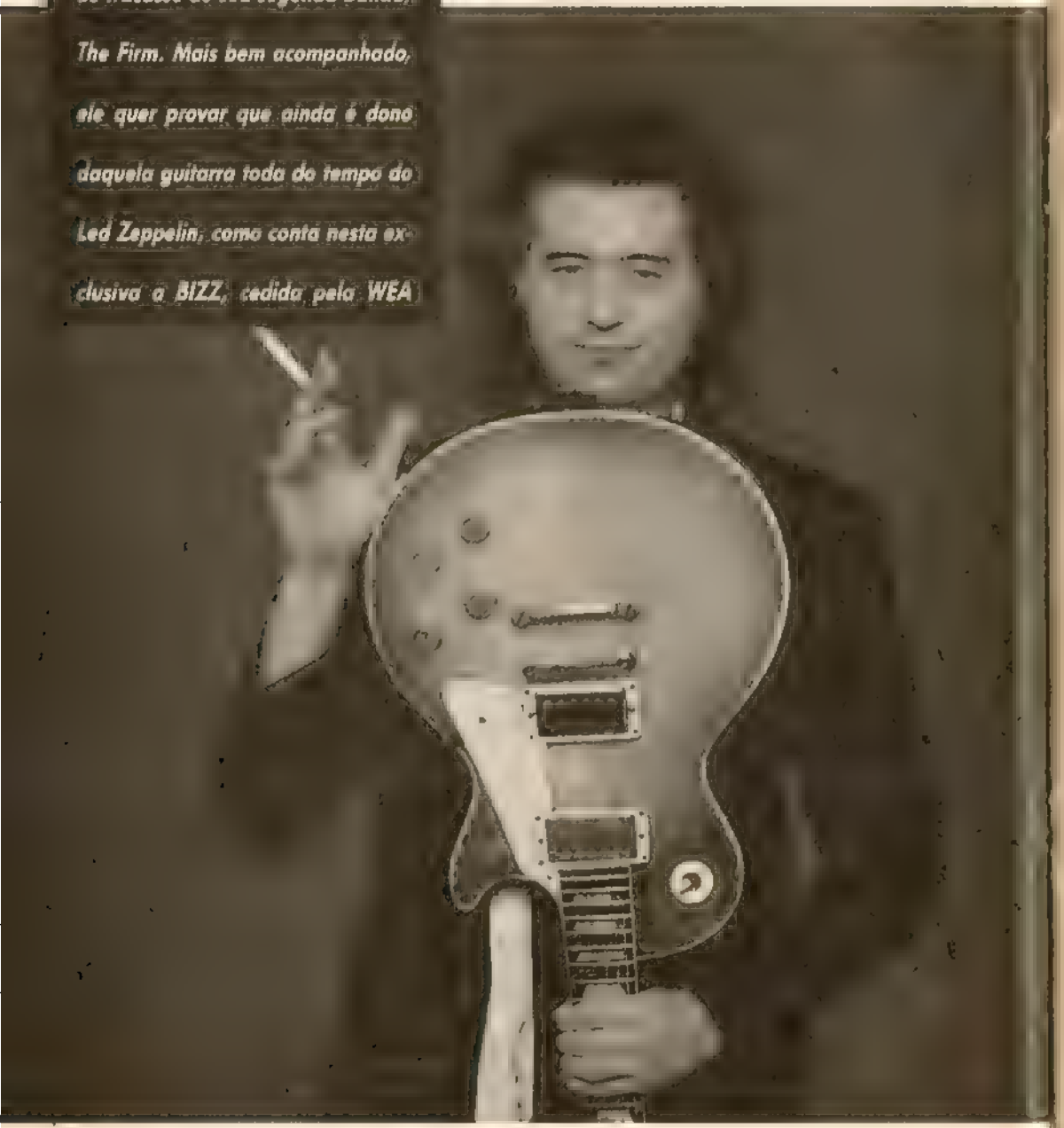
HERÓIS DA GUITARRA



JIMMY PAGE

SÓ... E BEM ACOMPANHADO

James Patrick Page está de novo sob os refletores, desta vez solo, depois do fracasso de sua segunda banda, The Firm. Mais bem acompanhado, ele quer provar que ainda é dono daquela guitarra toda do tempo do Led Zeppelin, como conta nesta exclusiva a BIZZ, cedida pela WEA



BIZZ — *Seu último LP, Outrider, está sendo lançado agora. Quanto tempo você levou gravando?*

Page — No total, foi um período de nove semanas, com intervalos. Se a gente contar o tempo que eu realmente me concentrei nele, foram duas semanas.

BIZZ — *Originalmente, não era para ser um álbum duplo?*

Page — Era, eu gravei faixas suficientes, mas era um esforço muito grande de gravação, com todos aqueles *overlays* de guitarras. Por isso, eu achei mais seguro lançar um só *(risos)*

BIZZ — *Não foi estranho para você trabalhar sozinho, depois de só ter trabalhado com bandas?*

Page — Na verdade, foi. Chega um ponto em que você tem de fazer os overdubs de guitarra e se você está num dia bom as coisas fluem numa boa, se não está, então é uma batalha, a gente perde tempo mexendo com estruturas de acordes, coisas assim.

BIZZ — *Outrider é um disco de dois lados distintos, não? Um deles mais roqueiro, muito agressivo; o lado dois é blues.*

Page — Tem razão. Tem muito blues. Eu quis tentar incorporar, além da guitarra elétrica, o violão acústico.

BIZZ — *Você teve algum motivo para dividir assim os lados?*

Page — Não. Só acho que as músicas soam melhor dispostas deste jeito.

BIZZ — *É muito um disco de guitarra. Nós não ouvíamos você assim tão solto provavelmente desde os dias do Led Zeppelin. Concorda?*

Page — É, eu uso guitarras o tempo todo, e também guitarras-sintetizadores.

BIZZ — *Eu perguntei isto porque senti você mais amarrado nos dois álbuns do Firm (*The Firm, *de 86, e* Mean Business, *de 86). Eu imaginei que você poderia ter pensado: "Bem, eu fiz daquele jeito, agora quero me soltar e arrebentar de novo"*

Page — Com o Firm, havia o poder da guitarra *dentro* das canções, como em "Living Peace", a guitarra entrava em seções. E agora ataco com a guitarra mais frontalmente.

BIZZ — *Das nove faixas do disco, três são instrumentais, e nas seis restantes você usa três cantores diferentes: John Miles, Chris Farlowe e, é claro, Robert Plant. É uma mistura interessante de estilos, porque eles também escreveram suas letras, não?*

Page — É, eu acho. Quis usar Chris Farlowe porque sua voz tem uma identidade forte. Depois de trabalhar com alguém tão imediatamente identificável, eu precisava de alguém com esta personalidade vocal forte, própria. John Miles é um cara mais técnico.

BIZZ — *Vamos falar sobre John Miles. Ele teve uma carreira solo na década de 70, e depois esteve na banda de Tina Turner. Como é que vocês foram parar juntos no estúdio?*

Page — Eu participei de uma jam com ele, e foi a primeira vez que o encontrei nos EUA. Achei que ele tinha uma grande voz, e perguntei se ele não queria gravar comigo.

BIZZ — *E é ele quem vai sair com você na turnê, não?*

> *"Acho que é hora de gravar solo de novo agora mesmo. Foi o tempo certo para ganhar coragem"*

Page — E. Como eu disse, ele é um cara extremamente versátil. O tipo de som que ele faz comigo é totalmente diferente do que fazia com o Alan Parsons Project.

BIZZ — *O que mais intriga é a participação de Robert Plant. Ele compôs e cantou apenas uma das músicas. Como aconteceu?*

Page — Bem, eu toquei algumas músicas em seu disco (*Now and Zen* 88) e temos esta coisa de trabalhar juntos, somos grandes amigos. Eu ouvi a música e disse que seria perfeita só se ele a cantasse. Ficamos ouvindo um cassete e brotaram páginas de letras *(risos)*. Nós nos divertimos muito.

BIZZ — *Trabalhar com Plant no estúdio ainda é como nos tempos do Led Zeppelin, ou hoje é completamente diferente?*

Page — Ahhh. . Acaba sendo diferente, com o tempo, mas a gente consegue ainda construir aquele ambiente de trabalho.

BIZZ — *Você mencionou seu trabalho no disco de Plant. Há uma música em particular, chamada "Tall Cool One" que tem todos aqueles velhos trechos do Zeppelin sampleados. De quem foi a ideia?*

Page — Foi dele. Para mim foi uma surpresa, foi ele quem colocou. Teve um trecho de "Whole Lotta Love", e nós rimos muito quando ouvimos aquilo.

BIZZ — *Você gostou? Acha que funcionou?*

Page — É bom, ficou uma coisa incomum.

BIZZ — *Jason Bonham (filho de John Bonham, baterista do Led Zeppelin) toca em sete das nove faixas do LP. Ele também vai tocar em seus shows. Como vai ser?*

Page — Eu acho que muita gente vai estar de olho nele, de maneira favorável, especialmente nos shows.

BIZZ — *Você acha que ele toca como o pai?*

Page — Bom, foi John quem o ensinou a tocar, e sempre deu a maior força...

BIZZ — *Jason costumava aparecer para ver o Zeppelin?*

Page — Ele aparecia. Tem uma história divertida sobre isso. Nós estávamos fazendo nosso último show na Inglaterra e fazíamos um *sound check*, com "Trampled Under Foot", e eu estava concentrado na guitarra quando percebi que era Jason quem estava na bateria. Eu não tinha percebido que era ele. Foi uma grande surpresa.

BIZZ — *Além de Jason Bonham e Miles, quem é que vai estar com você na estrada?*

Page — No baixo, Durban Laverde, que é um sul-americano. Ele tocou também no disco.

BIZZ — *John Miles vai também tocar guitarra?*

Page — Pode ser que ele toque um pouco, mas vai fazer principalmente vocais e teclados. Eu tomo conta das guitarras *(risos)*.

BIZZ — *E que show o público pode esperar?*

Page — Vai ser uma coisa muito variada. Muito rock'n'roll, mas algo de blues e algumas das coisas que marcaram meu passado. Acho que vou tocar tudo do LP, mais coisas do Firm e umas três músicas da trilha de *Death Wish* (*Desejo de Matar II*, 81). E, possivelmente, músicas do Led Zeppelin. Não sei quais porque a gente ainda não começou a ensaiar, mas elas vão estar lá.

BIZZ — *Há coisas que você julga intocáveis, como "Stairway to Heaven"? Você a tocaria?*

Page — Claro. Esta vai estar nos shows com certeza, mas só instrumental.

BIZZ — *Por quê? Você acha que*

além de Plant ninguém pode cantá-la?
Page — Pode. Possivelmente todo o público vai estar cantando *(risos)*
BIZZ — *No tempo do Firm, com Paul Rogers, você parece que evitava deliberadamente tocar Led Zeppelin. Agora, como artista solo, você se sente aliviado em poder dizer "vamos fazer uma e dane-se"?*
Page — É, agora eu toco o barco e posso fazer como bem entender. A coisa boa com relação ao Firm é que tivemos reações ótimas, como no Hammersmith Odeon, em Londres, e o disco ainda nem tinha sido lançado lá. Tocamos duas horas, material todo inédito. Isto recompensou muito.
BIZZ — *Em retrospecto, você preferia ter gravado um disco solo antes de montar o Firm?*
Page — Do jeito que as coisas rolaram, não poderia ter sido de outro jeito. Acho que a hora de gravar solo era agora mesmo. Foi o tempo para eu ganhar coragem *(risos)*.
BIZZ — *Você e Paul Rogers começaram a pensar na formação do Firm durante a turnê do Arm, com Jeff Back?*
Page — É, fizemos a turnê nos Estados Unidos e Inglaterra e depois eu e Paul achamos que poderíamos seguir juntos
BIZZ — *Antes disso, você chegou a pensar em desistir, se aposentar? Chegou a ficar mal assim?*
Page — Bem, eu fiquei séculos sem pegar na guitarra. Fiquei dando um tempo até que um dia chamei meu manager e disse: "Tire a Les Paul do depósito". Ele foi lá e a caixa da guitarra estava vazia. Eles não deviam ter feito isto, mas acho que emprestaram a guitarra. Ela acabou aparecendo, graças a Deus
BIZZ — *Senão você poderia ter parado ali...*
Page — É mesmo *(risos)*.
BIZZ — *Olhando para trás, para os tempos do Led Zeppelin, existe algum período particular que você mais curtiu?*
Page — Ahhh... É difícil responder isto, eu poderia falar horas e horas. Sempre foi excitante, de um jeito ou de outro. Um dos períodos mais surpreendentes foi quando voltamos aos EUA, possivelmente em 74. Nós tocamos em dois festivais ao ar livre e tivemos mais de cinqüenta mil pessoas em cada um deles. Foi só o Led, nós nem tínhamos uma banda abrindo, e foi difícil entender o que estava acontecendo

Ebet Roberts/L.F.I.

"A energia que a gente colocava no Led emociona muita gente e é maravilhoso fazer parte de uma coisa assim"

BIZZ — *E foi a primeira vez que você reparou como o Led era uma coisa grande?*
Page — De certa maneira, sim. A gente sabia que a banda era muito famosa, mas não achava que a escala era tão grande. Mesmo hoje eu ainda acho complicado avaliar o que rolava na época e mesmo o quanto o Led ainda significa hoje
BIZZ — *Você acha que se John Bonham não tivesse morrido, a banda hoje ainda estaria tocando, gravando?*
Page — Eu acho que sim, sinceramente. Porque a gente estaria voltando aos EUA até hoje e estaria se revitalizando na estrada. Tenho certeza de que isto seria o maior estímulo para a gente entrar de novo no estúdio e fazer sabe Deus o quê *(risos)*
E cada LP era diferente do outro, e a banda sempre estava peitando um desafio
BIZZ — *Nos últimos anos tem acontecido este enorme ressurgimento de interesse no Led Zeppelin. Como você explica a influência que vocês ainda têm em tantas bandas novas de hoje?*
Page — Não posso explicar. É óbvio que a energia que a gente colocava naquilo, que a gente fazia, emociona muita gente e é maravilhoso ser parte de alguma coisa assim, é o sonho de qualquer músico
BIZZ — *E, quando vocês pararam, você foi bombardeado pelas pessoas que cobravam o passado. Como você se sentiu?*
Page — Bom, teve horas em que eu me sentia como um fantasma ambulante... *(risos)*. Um fantasma de mim mesmo, de tantos anos atrás
BIZZ — *Quais são as suas memórias do dia em que você tocou no Live Aid?*
Page — São memórias de um pânico total. Inicialmente, eu só ia para tocar com Robert Plant, fazer o som do Honeydripper ("Sea of Love", de 84), mas virou uma bola de neve porque John Paul Jones chegou lá virtualmente no mesmo dia do show. Daí nós tivemos cerca de meia hora de ensaio antes de entrar no palco. Soa meio kamikaze, mas, sob as circunstâncias, parece ter sido a hora certa de a gente se reunir. Foi em cima da hora, mas fizemos até pela razão que gerou o Live Aid
BIZZ — *Agora você não tem só o disco solo para lançar. Tem uma banda novinha, um novo empresário, novo contrato para discos. Será que tudo isto vai levar você a romper com seu passado?*
Page — Não é um rompimento com o passado, tem mais a ver com a história, é uma extensão. Eu quis ter uma equipe nova para batalhar com ar renovado.
BIZZ — *Como você acha que a cena do rock contemporâneo se compara com a que você viveu nos anos 60?*
Page — Até que os Beatles chegassem, havia gravadoras como Decca, EMI, com produtores de staff que levavam os artistas e construíam os singles. Eles chegaram, os Beatles, e abriram as portas para que os músicos fizessem seu trabalho. Hoje há um paralelo semelhante. São todos discos de produtores. A coisa se fechou, mas há muita coisa rolando nas ruas, ao vivo. São duas coisas muito diferentes, o que acontece nas ruas e o que acontece na televisão.
BIZZ — *Você pretende seguir sempre solo ou está disposto a entrar em outros projetos?*
Page — Eu quero mudar a direção de cada novo LP que surgir na carreira solo. Esta é a idéia de ficar solo
BIZZ — *E com músicos diferentes?*
Page — Possivelmente
BIZZ — *Nos últimos anos, foram escritos centenas de livros sobre você e o Led Zeppelin. Você já pensou em encomendar um livro para contar o seu lado da história?*
Page — O livro seria proibido de ficar nas prateleiras *(risos)*. Acho que colocaria o livro numa cápsula do tempo para ser liberado quando todo mundo tivesse esquecido o Led Zeppelin.

Camera Press/Keystone

MARK KNOPFLER

UM ÍDOLO TRANQÜILO

Os Dire Straits estão com os dias contados? Se depender (e depende) de Mark Knopfler, parece que sim. Nesta entrevista traduzida com exclusividade para BIZZ (a segunda depois do lançamento de Brothers in Arms, em 85) ele falou ao jornalista Simon Garfield, do semanário inglês Time Out, sobre essa e outras facetas do calvário de um rock star

Ele nunca é chic, raramente está na moda — é de se temer que seus amigos o cutuquem de vez em quando só para verificar se ele continua respirando. Não só ele vive fora do baile que é o meio musical como parece ter-se esquecido do esquema segundo o qual o jogo funciona. Não deixa de ser impressionante que um artista que já vendeu mais de trinta milhões de cópias no mundo todo praticamente tenha pulado fora. Ele vive com a segunda mulher entre Londres e Nova York e, em novembro último, tornou-se pai de gêmeos, um acontecimento que atualmente domina a sua vida.

Knopfler fundou os Dire Straits há onze anos com o seu irmão guitarrista David, o baterista Pick Withers e o baixista John Illsley. Antes, ele já tinha batalhado como professor e jornalista e era veterano de várias bandas de bar. Nestes últimos dez anos — desde o lançamento de *Dire Straits*, o primeiro LP — sua banda lançou apenas mais quatro LPs de estúdio, com diferentes formações (da original, apenas o baixista permanece). Knopfler começou a aparecer como músico convidado e/ou produtor em discos de Bob Dylan, Sting, Joan Armatrading, Tina Turner, Aztec Camera e Wily De Ville.

Com vocês, o escocês recluso.

BIZZ — *O que fez você reunir a banda para tocar no show para Nelson Mandela?*

Knopfler — Bem, se você fosse um músico e te chamassem, você iria, não? Este show é muito especial, para nós e para mim. Acho que fomos os primeiros a fazer esse tipo de coisa com a Anistia Internacional, em 1979. Quando nosso LP chegou ao primeiro lugar no mundo todo, alguém um dia chegou para mim e disse que estava em primeiro lugar também na África do Sul e eu disse: "Esse dinheiro eu não quero". Demos tudo para a Anistia Internacional. Na mesma época, soltamos uma declaração pública condenando o apartheid. Como resultado, fomos instantaneamente boicotados por toda a mídia da África do Sul. Ainda acho que foi um belo elogio. Talvez tenha ajudado a deslanchar o movimento e tenha estimulado a Anistia a entrar em contato com os músicos. Logo depois veio o projeto Sun City. Temos apoiado a Anistia praticamente durante toda a nossa carreira.

BIZZ — *Os discos de vocês estão a venda na África do Sul?*

Knopfler — Acredito que sim. O boicote imposto pelo governo não pode impedir as pessoas de porem as mãos nos discos.

BIZZ — *Vários músicos têm instruído suas gravadoras a não lançarem seus discos na África do Sul, para fortalecer o boicote cultural.*

Knopfler — Não vejo nenhuma conquista nisso. Primeiro, porque não vão conseguir impedir que os discos cheguem lá — eles simplesmente serão importados. Em segundo lugar, se eu e você fôssemos sul-africanos, teríamos as mesmas opiniões que temos agora, mas eu não ia querer privar você do nosso trabalho só porque nasceu na África do Sul. Acho legal, em certo sentido, que a música esteja disponível, embora censurada pelo governo.

BIZZ — *Não te preocupa que a maioria das pessoas que vão ver você, George Michael e os outros no tributo a Nelson Mandela não esteja nem aí com Mandela?*

Knopfler — Obviamente, seria desejável que todo mundo estivesse comprometido com a idéia de tirar Nelson Mandela da prisão antes de querer ver o George Michael, mas — às vezes — os fins justificam os meios, você sabe.

BIZZ — *Você nunca fala muito no palco. Não foi tentador falar algo sobre a África do Sul, se considerarmos que havia milhões de pessoas no mundo todo assistindo via satélite?*

Knopfler — É tentador .. Se você é um artista, tem que tomar muito cuidado com coisas desse tipo. Eu não quero ser usado por ninguém, com nenhuma intenção. Da mesma forma, não quero usar ninguém. É perigoso. Mas acho que o simples fato de estar lá, tocando a sua música, já deveria indicar qual a sua opinião a respeito. Talvez não seja tão necessário cutucar as pessoas no peito e fazer discursos. Tenho minhas suspeitas em relação ao modo como o engajamento anda sendo usado atualmente, como um artigo de consumo. Algumas vezes não importa a qualidade do compromisso... tem-se a impressão quase certa de que há gente de marketing atrás, utilizando isso como um chamariz de vendas.

> *"Quando a babá disse que eu era o melhor pai que ela tinha visto, foi o melhor elogio que já recebi"*

BIZZ — *Existe ainda muita gente com a qual você gostaria de colaborar?*

Knopfler — Deve haver milhares. É engraçado ver filmes e discos sendo lançados, para os quais você foi convidado a contribuir e não pôde por alguma razão ou outra.

BIZZ — *De que filme você não pôde fazer a trilha?*

Knopfler — De *O Último Imperador*, por exemplo, porque estava fazendo a de *O Noivo da Princesa*, na época. Foi divertido me encontrar com Bertolucci *(imitando o sotaque e o gestual italiano do diretor)*: "Meu filme será... um grande sucesso!"

BIZZ — *Será que tem gente que vai ver um filme só porque Mark Knopfler fez a trilha sonora?*

Knopfler — Eu espero que não. Acho que não.

BIZZ — *Sua vida mudou muito depois que nasceram os gêmeos?*

Knopfler — Ora... mudou total e completamente. Ficar longe deles é muito difícil *(sua esposa e os garotos estavam em Nova York)*. Me surpreendo estudando fotos deles um tempão. É o que eu sempre quis durante anos e anos. Quando nossa babá disse que eu era o melhor pai que ela já tinha visto, foi o melhor elogio que já recebi em toda a minha vida. Significa muito para mim, muito mais do que isso aqui *(acena na direção do equipamento musical)*. Eles vêm em primeiro lugar. Tudo o que você faz muda, tudo passa a girar em torno deles. Somos uma geração bem egoísta, eu acho. Quando estou longe deles e vejo bebês na TV ou pais com problemas com seus bebês, fico comovido até as lágrimas.

BIZZ — *Que esperanças e medos você tem em relação a eles?*

Knopfler — Provavelmente eu sinto o mesmo que qualquer outro pai. Me sinto bastante encorajado pelo fato de eles serem tão felizes e parecerem tão espertos, por isso acho que sairá tudo bem com eles. Fico um pouco preocupado com Nova York e com as coisas fora de controle, mas acho importante eles conhecerem tanto a cidade como o campo. É importante ter um mínimo de percepção e consciência urbana hoje em dia.

BIZZ — *O que você ama e odeia em Londres?*

Knopfler — Eu tenho um caso de amor com Londres desde garoto. É um tanto romântico, eu nunca gostaria de perder isso. Odeio a mentalidade bitolada da Inglaterra, a hipocrisia, o clima materialista que parece ter tomado conta no momento. Odeio o fato de a Previdência Social ter sido sabotada. Odeio o modo como se tornou quase aceitável atacar sindicalistas com a polícia montada. É como um pesadelo, a clareza dessa coisa num belo dia de verão.

BIZZ — *E as coisas boas?*

Knopfler — Há uma tremenda quantidade de heroísmo aqui. Gentileza. Muita nobreza de caráter. E capacidade.

BIZZ — *Houve um papo, um tem-*

Flávio Gutfreind

"Não acho que evoluí muito como instrumentista. Gostaria de ter um pouco de paz e tempo para tocar meu instrumento"

po atrás, de que talvez nunca mais haja um novo disco do Dire Straits

Knopfler — *Yeah*. Você sabe, as pessoas mudam — quando se tem filhos, por exemplo. Ficar num camarim de um ginásio em algum lugar *outra vez*, ficar num quarto de hotel em algum lugar *outra vez*. Chega-se ao ponto de, num ano, passar nove meses num quarto de hotel. Não quero que isso soe como uma reclamação — "Rock Star Milionário Resmunga: Estou com Bolhas nos Dedos", na manchete , isso seria deselegante, sem dúvida. Eu amo o que faço. Sou um cara muito feliz, mas eu quero ver os garotos crescerem. Lembro-me da última vez em que excursionamos (*86*), passando por todos aqueles países e pessoas falando sobre a maior banda de rock do mundo aqui e ali. Acho que isso me tirou o tesão mais do que qualquer outra coisa. Eu não quero isso. Aquela excursão talvez tenha sido o momento de parar. Sabe, você já foi lá e fez aquilo. Essa escala de grandiosidade não me interessa mu to.

BIZZ — *Você tem contrato para gravar mais discos com o Dire Straits?*

Knopfler — Sim, mas eles poderiam fazer uma coletânea e aí eu faria mais de um disco. Todo o profissionalismo pode levar a um nível em que se perde a vontade de pegar a guitarra e tocar.

BIZZ — *O tesão ocasionalmente se perde?*

Knopfler — Ummm-humm *(afirmativo)*.

BIZZ — *Você chega a pensar que teria sido melhor se não tivesse feito tanto sucesso assim?*

Knopfler — Sem dúvida. Eu adoraria tocar em clubes. Um amigo meu abriu um pequeno restaurante e nós tocamos na inauguração. Foi sensacional.

BIZZ — *Você já se flagrou tendo uma atitude típica de pop star? Você já teve que se retratar?*

Knopfler — *Yeah*. É impossível não perder a paciência quando se está sob pressão. É importante então ser capaz de fazer coisas por conta própria, como pegar um avião ou chamar um encanador. Existe muita gente no meio musical que é incapaz de fazer as coisas mais simples. Eu não sou assim. Atualmente eu ligo para o meu empresário uma vez por mês. Não vou ligar para ele às duas da manhã só porque morreu um dos peixinhos do meu aquário.

BIZZ — *Existe ainda alguma coisa que você gostaria de conquistar profissionalmente que ainda não conquistou?*

Knopfler — Gostaria de aprender a tocar um pouco melhor. Não acho que evoluí muito como instrumentista, não mesmo. Gostaria de ter um pouco de paz e tempo para poder tocar o meu instrumento. E poder compor — eu não componho muito. É ridículo eu não compor mais. O que aconteceu comigo que me deixou tão preguiçoso a ponto de preferir assistir TV a compor?

BIZZ — *Que tipo de coisa nova na música pop tem te agradado?*

Knopfler — Não gosto particularmente dessas coisas cheias de máquinas. George Harrison reapareceu agora e ele está dedilhando a sua guitarra, chega a parecer uma cruzada. Recebo muitas fitas. Gosto muito de rap, gosto de Salt'n'Pepa. Gosto de Crowded House. Vi, nos Estados Unidos, um vídeo dos Hothouse Flowers de que eu gostei muito. Vi Loise Goffinna na TV só com o violão e gostei dela. Gostei daquela coisa "Letter from America" *(compacto dos Proclaimers)*.

BIZZ — *Você disse uma vez que se esse sucesso todo tivesse chegado antes, quando tinha 18, 19 anos, não teria segurado a barra. Mas a que tipo de excesso se sucumbe numa idade mais madura? Você alguma vez já se afundou em drogas ou em bebida?*

Knopfler — A ponto de afundar, não. Obviamente, no começo, todo mundo fumava muito, mas hoje estamos completamente diferentes. Estamos muito mais esportivos — windsurf, tênis, golfe.

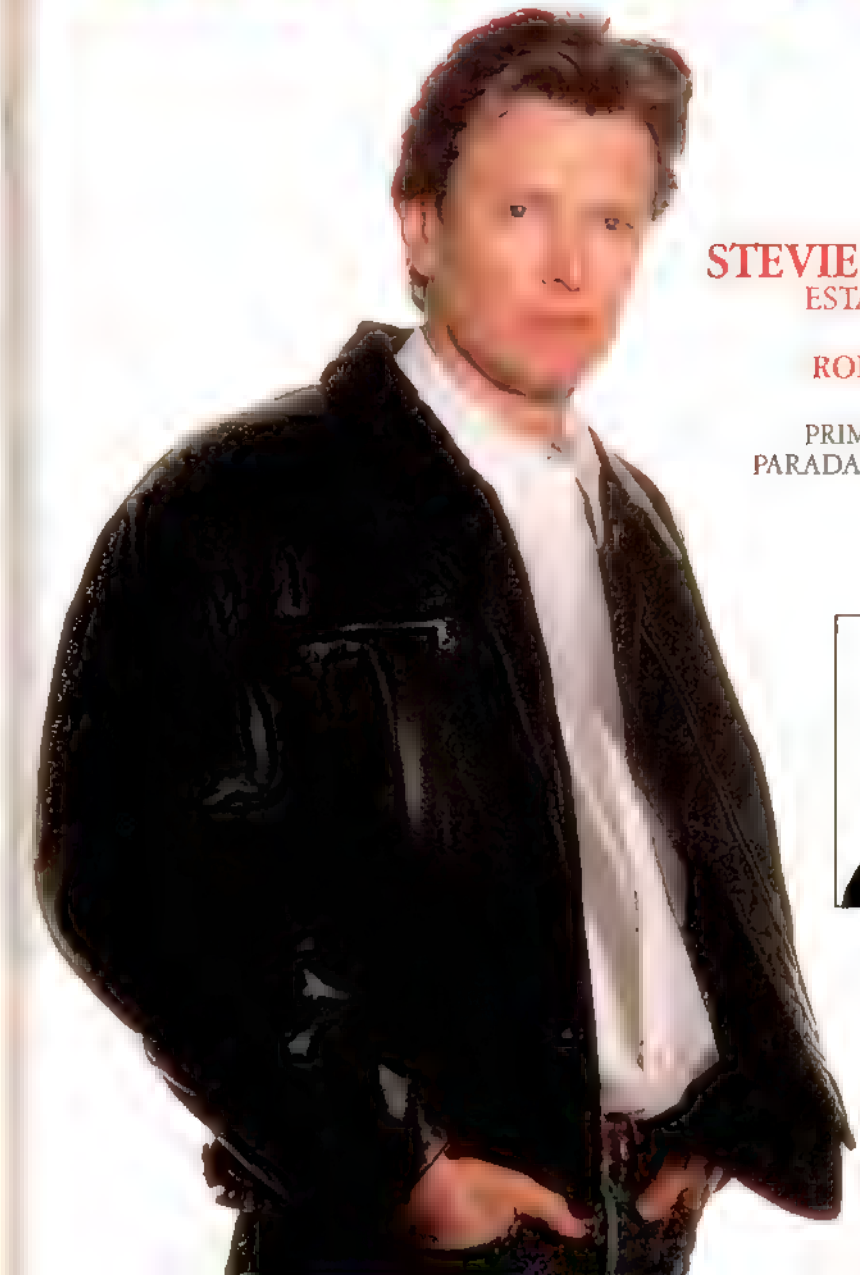
BIZZ — *Como você se sente quando ouve falar de músicos arruinando suas carreiras com drogas?*

Knopfler — O de sempre... O que você pode fazer? A escala dos prejuízos é enorme. Acho que hoje em dia os músicos estão mais sóbrios. A cocaína toda está sendo consumida em Wall Street. Mas eu sou um covarde. Nunca cheirei coca porque eu sei que ia gostar. Eu sei, por isso não me meti. E, conversando com viciados em heroína, sei que fazer música tomando heroína seria simplesmente sensacional. Não tenho dúvida nenhuma de que eu adoraria.

BIZZ — *Mas você só adoraria por uns seis meses e aí, fim.*

Knopfler — Eu não sei. Eu não sei.

WINWOOD



STEVIE WINWOOD
ESTÁ DE VOLTA

ROLL WITH IT

PRIMEIRO LUGAR
PARADA BILLBOARD-EUA

Virgin

EMI Discos e Fitas
EMI

PELOS BECOS DO ÊXTASE ESTÉTICO

Depois de emplacar um dos maiores hits de 87, "Kátia Flávia", Fausto Fawcett retorna com *Império dos Sentidos*. E garante que o LP terá uma malha musical correspondente ao seu delírio textual. Com a palavra, o moço que tirou o Rio de Janeiro da letargia

Nada contra as campanhas ecológicas, a defesa das matas etc. Mas, quando todo mundo fugir das cidades, o que será da cidade? Há quem prefira percorrer como um rato as avenidas e becos, se inundar na tempestade de informações do mundo urbano e fazer dessa aparente superficialidade algo substancial. Fausto Fawcett é um deles.

"O homem é a face escondida entre o aquém e o além dele", diz o próprio, citando Nietzsche.

"Você nem precisa viver intensamente para saber que o Homem é isso. Basta ligar a televisão. É uma coisa freudiana velhíssima: você está aqui, tem impulsos anti-sociais, anticulturais fortíssimos. São essas coisas racionais que dão graça à vida..." Fausto cita, no outro oposto, o livro que caiu no gosto popular: *Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída*. Fala de sua infância nos becos, "que lembram os de Irajá". De como ela, enquanto criança, transformava aquele universo horrível num conto de fadas. E cita, por último, o nosso cada vez mais diminuto espaço, o geográfico, pelas demarcações militares do planeta, o histórico, pela condensação jornalística dos fatos, e o espaço mental e o vital, pelo excesso de população nos grandes centros. O que resta? "Pô, a TV é uma das primeiras coisas que nos deu o êxtase neste mundo. Fico pensando quando vai ter parque de diversão cerebral... Porque você pode usar drogas, como a Cristiane F., ou sua imaginação."

Como aquela garotinha do segundo andar da rua Santa Clara com Figueiredo Magalhães (RJ) — o local de maior índice de poluição sonora do mundo — lendo seus gibis, sentada confortavelmente em sua almofada na sacada de seu "apê", com uma Coca-Cola ao lado, tranquila, apesar do rush lá em baixo. "Ela é a ecologia em si. O resto é conversa. Levo a maior fé nesse tipo de coisa. E acho que o disco é um mergulho profundo nesse prazer em descobrir os atalhos do êxtase estético."

Império dos Sentidos, o LP, parte de Copacabana e ganha o mundo. Um mundo real pictorizado e ficcionado pela pena afiada de Fausto. Algo que lembra muito as histórias em quadrinhos de primeira linha; algo que lembraria muito uma trilha sonora de palavras; algo que lembraria um cinema de musicas.

No elenco, como atores principais, estão: Fausto Fawcett (vocal/letras), Laufer (compositor e guitarrista) e Herbert Vianna (produtor). "Só tem uma palavra para definir o trabalho junto ao Herbert: uma delícia", frisa Fausto. O roteiro é pura literatura pop século XXI. E aqui vale abrir todas as aspas para o autor.

"O disco abre com 'Império dos Sentidos', e tem uma locução feita por uma japonesa, superlírica, pinkfloydiana total. A segunda é 'Facada Leite Moça' e conta a história de uma fotógrafa canadense hiper-realista que se suicida na prisão com leite condensado. Ela tem uma nostalgia pela matéria bruta, gosta de fotografar naturezas mortas — crimes passionais, desastres ecológicos... Até o momento em que ela está pagando pessoas para se matarem. Então, o FBI descobre, ela é condenada e se suicida. A outra é uma homenagem à Cicciolina e conta um pouco da história dos antepassados dela na Hungria medieval. A quarta música é 'Shopping Vudu'. Um fotógrafo atravessando um lugar na Europa — que vai ser unificada em 92, então pode ser Paris, Bruxelas, —, onde ele encontra todo tipo de macumba e o melhor do lixo civil."

"O segundo lado abre com uma música chamada 'Mapas Alemaes' e tem uma locução linda, de rádio, completamente Lili Marlene, superemocionante, com uma coisa marcial marcando no fundo. E em alemão, tudo em alemão. Depois vem 'Santa Clara Poltergeist'. É a história de um negão eletricista que sai nas noites de São Paulo provocando poltergeists em microcomputadores e, com isso, consegue captar o espírito de Santa Clara de Assis — uma loira telepática. Aí vem uma disco music chamada 'Androide Nissei'. Fala de um rapaz, piloto de raides subterrâneos, que faz amor na Liberdade *(bairro tradicional japonês de São Paulo)* com uma andróide nissei. Nesta, tem a participação da Fernandinha, da Blitz. Depois vem 'Judith Raquel', que é nosso hit hebraico. Ela é a vedete Santa Uzi — uma homenagem ao armamento mais famoso do Rio de Janeiro, a Uzi usada na Rocinha. Quanto a essa tem uns detalhes..." Corte! Explicação rápida da redação: trata-se de uma junção da notícia sobre Natdo, o traficante capturado e morto, cuja foto foi estampada nos jornais com uma arma em posição de tiro e um capuz sobre a cabeça. Mais ou menos na mesma época, Fausto assistia ao filme sobre a vida de Jesus, onde Maria aparecia de manto. Volta o foco para Fausto. "Aquelas duas imagens ficaram na minha cabeça e aí eu fundi tudo. Então a Raquel trata desse tema, uma coisa da Uzi com Antigo Testamento, Rocinha pop. Ela era uma oficial israelense que abandona tudo e vem para cá como cantista bélica de Uzis corde-rosa. E usa um manto rosa-choque."

E a última é 'Sílvia Pfeiffer'. É a única que não foi feita pelo Laufer e sim pelo Marcelo de Alexandre. É a única que fala de Copacabana, transformada num gueto de capitalismo. Uma espécie de Hong Kong, paralela total a Sarney. Um lugar dominado por empresas estrangeiras, com fronteira, passaporte e tudo o mais... As únicas indústrias brasileiras permitidas são as bélicas, pois são as únicas que acontecem de maneira satisfatória. Tem centenas de telões e, entre eles, o maior do mundo, simplesmente descomunal. E é neste que passam imagens ininterruptas da Sílvia Pfeiffer, a modelo número 1." Afinal, como diz o próprio Fausto, "qual é a última emoção espiritual? É a fascinação por imagens cada vez mais artificiais".

Pode parecer absurdo Fausto Fawcett pensar que a gama de informações dispersas pode ser condensada, dando algum sentido a uma época sem lógica ou sentimentos. Pode parecer redundância transformar o caos em arte. Mas redundante e chato é quem não consegue tirar algum humor de tudo isso... *Sônia Maia*

Sex Pistols Clash

MARCADOS PARA MORRER

David Hill/LFI

PARTE II

Doloroso mas fugaz — era esse o destino da ferida aberta pela legião de jovens que detonaram o coquetel molotov de 77. Os estilhaços ainda machucaram por algum tempo, mas já era o fim...

Minado por uma série de adversidades, o movimento punk chegou ao final de 77 marcado para morrer — aliás, como acontecera com todas as demais "revoluções" geradas pelo rock. Decodificado e assimilado pela sociedade, nem mesmo o aspecto puramente musical seria poupado do desgaste levando grupos precursores como Eater Chelsea, The Cortinas e Cocksparrer a um final prematuro

Em Londres, Zandra Rhodes, a mais influente estilista de vanguarda, criara a moda *high punk* ao incorporar estratégicos rasgões em vestidos de rayon e seda. Nova York não ficou atrás — na 5ª Avenida podiam-se ver camisetas com motivos punk ornamentando as vitrinas mais sofisticadas. A paródia chegou às raias do absurdo quando o decorador Richard Mauro lançou a mobília punk (!) e em Chicago uma equipe de ourives produziu uma coleção de jóias tendo por base alfinetes de ouro com diamantes incrustados. E, quem diria, até Johnny Rotten acabaria incluído na lista das personalidades do ano da revista *Vogue*... Em meio a tantas contradições, nem mesmo o advento do primeiro LP do Sex Pistols foi capaz de trazer algum alento

Se é inegável que *Never Mind the Bollocks, Heroe's the Sex Pistols* se inclui hoje em qualquer listagem dos melhores discos de rock de todos os tempos, por ocasião de seu lançamento ele foi recebido com certa indiferença pelo público. Isso era compreensível; afinal, quatro das faixas haviam sido previamente editadas em compactos e outras já circulavam há muito em gravações piratas. Produzido quase que integralmente por Chris Thomas, cujas credenciais incluíam uma mãozinha a George Martin no "álbum branco" dos Beatles e vários trabalhos com Procol Harum, Badfinger, John Cale e Roxy Music, *Bollocks* foi concluído em menos de um mês. No geral, o disco resulta no mais fiel registro da época, mostrando do que é feito o melhor rock n roll — energia, frustração, urgência, altos decibéis e diversão — em canções que abordam temas tão incômodos quanto a prática do aborto e o jogo sujo da indústria do vinil. Embora subestimado na ocasião, Glen Matlock teve aí um papel fundamental, pois além de co-autor de nove dos doze títulos pre-

sentes muitas das bases que ele gravara meses antes foram reaproveitadas. Outro detalhe curioso foi a ausencia de Sid Vicious dos estudios durante praticamente todas as sessoes, fato que obrigou Steve Jones a também tocar baixo. Para variar, a edição americana trouxe uma capa em cores diferentes e a seqüência das faixas alteradas, tendo porem a seu favor a inclusão de uma musica extra "Submission".

Em 1978, o grupo embarcou para uma miniexcursao pelos Estados Unidos, cujos resultados foram catastróficos. Tocando tremendamente mal, o Sex Pistols ainda foi o pivo de cenas deprimentes, tais como notadas com travestis, porres homéricos, brigas envolvendo fãs e seguranças e uma tentativa frustrada de suicidio por parte de Sid Vicious, que se atirou pela janela de um hotel. Para piorar as coisas, o relacionamento entre MacLaren e Rotten, que, diga-se de passagem, nunca fora nenhuma maravilha, havia se deteriorado ao ponto da conspiração, com o empresario propondo a Paul Cook e Steve Jones a expulsao do cantor assim que a excursao terminasse. Ciente da tramoia, Rotten adiantou-se e os abandonou. Assim, no dia 14 de janeiro, ele anunciou em Nova York a dissolução dos Pistols. Horas antes da comunicação, um Sid Vicious inconsciente dera entrada na UTI de um hospital da cidade após ter supostamente ingerido uma mistura de álcool e anfetaminas.

Por sua vez, o Clash também começara o ano de 78 com o pé esquerdo. Depois de uma curta temporada na Jamaica com Mick Jones, quando ia ser escrito o material para o virtual segundo LP, Joe Strummer pegou hepatite, segundo consta, ao engolir uma cusparada infectada que um fã mais afoito dera dentro de sua boca.

Foi tambem a partir dai que o quarteto radicalizou de vez a música em nivel da atitude politica. Em abril, vestindo camisetas com o slogan das terríveis Brigadas Vermelhas, os membros do Clash se apresentaram de forma memorável num show para a Rock Against Racism, uma entidade de esquerda mobilizada contra a crescente atuação de organizações neonazistas na Inglaterra, especialmente a do chamado National Front. Essa postura de confronto ocasionou problemas. O entusiamo que geravam ao vivo muitas vezes era interpretado como violência pelos "leoes de chácara", que desciam o pau na platéia a qualquer sinal de agitação. O próprio Joe Strummer resumiria os fatos: "Fora pequenas brigas, parece que tem acontecido pelo menos um acidente de grandes proporções por mes em nossos shows. Talvez nos mesmos estejamos suscitando esta confusao, mas nao achamos que seja muita paranoia tentar estar atento ao que acontece à nossa volta. Estamos conscientes da responsabilidade que tem sido depositada sobre nos".

Nesse interim, Paul Cook e Steve Jones haviam viajado para o Rio de Janeiro, onde realizaram um velho sonho: conhecer Ronald Biggs, o assaltante do trem pagador inglês". Este encontro, entre outras efemerides, originou o compacto "No one Is Innocent", onde Biggs deu uma de cantor. No lado B, Sid Vicious mandava ver uma versão para "My Way", canção que ficou famosa na voz de Sinatra. Desde a derradeira turnê dos Pistols, Sid e a namorada Nancy Spungen passaram a morar em Nova York e esta gravação marcou uma reaproximação com os colegas.

O relacionamento tempestuoso entre Sid e Nancy também tivera seu quinhão na implosão dos Pistols. Fisgados pela heroina, ambos viviam às turras e não raro suas aprontaçoes viravam manchetes nos jornais. No dia 12 de outubro de 78, o romance acabou tragicamente: Nancy foi encontrada morta no banheiro do quarto que ocupava no Hotel Chelsea. Ela sangrara até a morte, a partir de um único corte feito a faca na boca do estômago. Horas mais tarde, Sid Vicious foi preso nas vizinhanças. Em estado semicomatoso, ele perguntava incessantemente "Onde está Nancy?".

Apesar de o autor e as circunstâncias do crime nunca terem sido realmente esclarecidas, Vicious acabou sendo julgado e condenado por assassinato em segundo grau. No entanto, ele permaneceria solto, já que, acreditando na sua inocencia, a gravadora Virgin pagara uma fiança de cinquenta mil dolares. Dez dias apos a morte de Nancy, Sid cortou os pulsos com uma navalha, sendo imediatamente internado na ala psiquiátrica do Hospital Bellevue. Mal se recuperara e já se via outra vez atras das grades, desta feita por ter surrado o irmao da cantora Patti Smith numa discoteca. Detido, ele iniciaria um programa de desintoxicaçao. Em vão. Graças a outra fiança, ele saiu do tribunal e foi direto com a propria mae a uma festa dada em sua homenagem por Michelle Robinson, uma nova namorada. Aí, ele injetou heroina e na manhã seguinte foi encontrado morto na cama, ao lado da garota. Overdose foi a *causa mortis* divulgada. Sid estava com 21 anos.

Neste mesmo mês, o Clash dispensaria o empresário Bernie Rhodes. A moda de MacLaren, ele vinha tentando ditar ordens, chegando mesmo a sugerir a certa altura que Mick Jones deveria ser substituído por Steve Jones, do extinto Pistols. De um angulo mais positivo, o novo LP *Give 'Em Enough Rope* obteve uma boa resposta de publico e crítica. Ao contrário da estreia, desta vez a mixagem mereceu trato especial e nem mesmo a exigente Epic hesitou em lançá-lo nos Estados Unidos. Isto, claro, depois de alterar discretamente a capa... A produção de Sandy

Sid cumpriu seu destino trágico. Lydon apostou na imagem pública

Mick Rutherford/FI

Mick Jones e Joe Strummer tentaram até o fim segurar a onda de porta-vozes da geração

Pearlman, espécie de braço direito do Blue Oyster Cult, mostrou-se eficiente, mas causou polemica entre a ala punk, que temia que o Clash pudesse ser transformado num grupo de heavy metal. Ainda neste disco, é interessante notar que os creditos de capa mencionam uma faixa chamada "That's No Way to Spend Your Youth", que, todavia, nao chegou a fazer parte do LP.

Em função da receptividade, o Clash finalmente fez sua primeira turnê americana, que contou com a participação especial do veterano Bo Didley como suporte. Todas as noites, sem exceção, tiveram lotação esgotada. Com o ego inflado e de volta ao lar, a banda ruminaria ao longo do segundo semestre de 79 algumas mudanças deflagradas durante a temporada nos EUA.

Fugindo da estagnação, várias formações surgidas do punk e outras tantas recém-montadas passaram a incursionar noutras frentes operacionando aquilo que veio a ser identificado como new wave. Atento à situação, o Clash nao se furtaria a alterar sua imagem, ampliando inclusive as fronteiras de sua musica a limites inimaginaveis. O resultado deste processo foi exposto a apreciaçao no inicio de dezembro, através do álbum duplo *London Calling*.

Nas maos do lendario Guy Stevens, responsavel anos atras pelos mais brilhantes discos do Mott The Hoople, *London Calling* (que por pouco escapou de ser pretensiosamente chamado de *New Testament*) apontava em multiplas direções, arriscando investidas pelo rockabilly (via "Brand New Cadillac", de Vince Taylor), reggae ("The Guns of Brixton") e até bebop ("Jimmy Jazz"). E isso não era tudo. Atingindo a maturidade, a parceria Strummer/Jones exibia de cabo a rabo uma consistencia poetica impar, com o engajamento e a verve habituais lado a lado a ganchos melodicos de fazer inveja a qualquer artifice pop. Sem duvida, uma obra-prima.

Se *London Calling* acabou proporcionando ao grupo acesso a um publico maior e mais heterogeneo, ele também lançou as sementes da discórdia entre os músicos. Embora o Clash continuasse participando das chamadas causas nobres (sendo o concerto para os flagelados do Cambodja a mais celebrada destas), as divergências internas eram cada vez mais visiveis. Enquanto Strummer declarava seu compromisso com o socialismo à imprensa, Jones ao mesmo tempo fazia questao de negar que ele e os outros membros levassem tao a sério as questões politicas. E mais: aos que o acusavam de se comportar como um *guitar hero*, ele dizia: "No que diz respeito ao palco, nao vejo nada de errado num bom solo de guitarra, já que você está lá também para divertir as pessoas".

Em dezembro de 80, o album triplo *Sandinista* (uma óbvia referencia ao exercito popular que derrubara a ditadura de Anastasio Somoza na Nicarágua) manteve acesa a discussão, a guinada para as experimentações com dub, funk e disco — cortesia de Jones — desagradaram aos antigos fas. Quando o lançamento de *Combat Rock*, em maio de 82, levou um critico a comparar o som do Clash ao do Fleetwood Mac, o desastre tornou-se inevitavel. Paradoxalmente *Combat Rock* seria o LP mais bem-sucedido da carreira deles, a ponto de ganhar um disco de platina, um certificado que, quer gostassem quer não, os elevava ao megastatus na arena do rock.

Atordoado com tais acontecimentos, Joe Strummer sumiu do mapa durante um mês. No seu retorno, Topper Headon deixaria o Clash em circunstâncias mal esclarecidas (hoje, sabe-se que o desligamento se deveu à dependencia de heroina), sendo substituído por Terry Chimes temporariamente. Um desiludido Strummer declararia aos jornais: "Nós estavamos tentando fazer algo mais, acreditavamos que havia verdades para serem ditas pela musica. Nós realmente estavamos empenhados em catalisar uma nova era, mas ela não aconteceu. E por isso que hoje o Clash é um anacronismo". Enquanto isso o ano de 83 corria, com a taxa de desemprego em alta na Inglaterra e sem nenhum sinal de que a recessao estivesse para acabar.

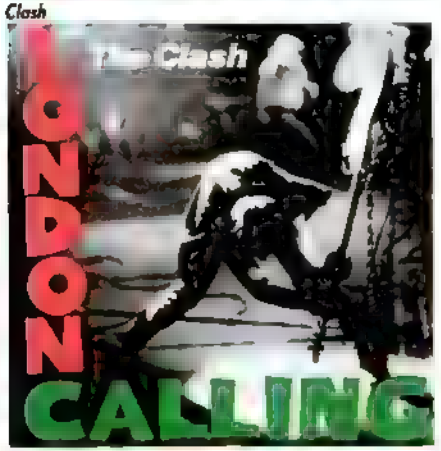
Em maio, foi anunciado o nome do substituto definitivo para Topper Headon — Peter Howard, um sujeito de 23 anos que tocara anteriormente com o desconhecido Cold Fish. O grande cisma aconteceria mesmo em agosto com a expulsão de Mick Jones, em cima de um alegado afastamento das premissas originais do Clash. O novo *line-up* da banda foi anunciado em 84: além de Simonon, Strummer e Howard, dois novos guitarristas tinham sido recrutados, Vince White e Nick Sheppard (ex-membro do Cortinas). Assim, o Clash gravou o último disco oficial de sua história, *Cut the Crap* — um fiasco em todos os sentidos. A ideia que o norteou foi um retorno as raizes punk, cujo co-autor foi o antigo empresario Bernie Rhodes. Em busca do tempo perdido, Strummer & cia naufragavam de vez. Os três novatos demitiriam-se. Simonon desapareceria e Strummer ficaria só. Marcava-se o final de uma era.

Hoje, a herança do punk pode ser avaliada pelos milhares de jovens em todo o mundo que, a partir de 76, iniciaram-se na musica sem levar em conta possiveis obstaculos como a falta de dinheiro ou formação tecnica, intransponiveis até então. E o mais importante, ao expor as entranhas das multinacionais e os mecanismos do sucesso, tanto o Sex Pistols como o Clash estimularam artistas e publico a manter constante questionamento e vigilancia sobre a cena do rock e suas vicissitudes.

Arthur G. Couto Duarte

DISCOGRAFIA COMPLETA

Clash



Sex Pistols

Os clássicos testemunhos de uma época: Never Mind the Bollocks, o primeiro dos Sex Pistols (Discoteca Básica de BIZZ 12) e London Calling, o terceiro (e duplo) do Clash

SEX PISTOLS

CS — *"Anarchy in the U.K."* (76, EM... retirado do mercado e relançado pelo selo Glitterbest de Malcolm McLaren); CS — *"God Save the Queen"* (77, Virgin); CS — *"Pretty Vacant"* (77, Virgin); CS — *"Holidays in the Sun"* (77, Virgin); LP — *NEVER MIND THE BOLLOCKS, HERE'S THE SEX PISTOLS* (77, Virgin); CS — *"No One Is Innocent"*/*"My Way"* (78, Virgin). CS — *"Something Else"*/*"Friggin' the Riggin'"* (79, Virgin) CS — *"Silly Thing"*/*"Who Killed Bambi"* (79, Virgin); CS — *"C'mon Everybody"* (79, Virgin); CS — *"The Great Rock n Roll Swindle"*/*"Rock Around the Clock"* (79, Virgin); LP (2) — *THE GREAT ROCK'N'ROLL SWINDLE* (trilha sonora do filme homônimo, 79, Virgin); LP — *SOME PRODUCT CARRY ON* (compilação de trechos de entrevistas e comerciais para o rádio, 79, Virgin); CS — *"I'm Not Your Stepping Stone"* (80, Virgin). LP — *FLOGGING A DEAD HORSE* (coletânea de lados A e B de sete compactos, 80, Virgin); Cassete *THE HEYDAY* (compilação de entrevistas, 80, Factory); EP — *THE MINI ALBUM* (85, Chaos). LP — *THE ORIGINAL PISTOLS LIVE* (ao vivo de shows de 76, 85, Receiver). EP — *AFTER THE STORM* (85, Receiver). LP — *LIVE WORLDWIDE* (ao vivo, 85, Konexion); LP — *BEST OF SEX PISTOLS LIVE* (ao vivo, 85, Bondage). LP — *NEVER TRUST A HIPPY* (85, Hippy); LP — *WHERE WERE YOU IN '77* (85, ??); LP — *POWER OF THE PISTOLS* (85, ??); LP — *BETTER LIVE THAN DEAD* (ao vivo de show de 77, 86, Restless).

SID VICIOUS

LP — *SID SINGS* (79, Virgin)

GLEN MATLOCK

LP — *GHOSTS OF PRINCES IN TOWERS* (como membro dos Rich Kids, 78, EM...

PAUL COOK/STEVE JONES

LP — *I DIDN'T SEE IT COMING* (com os Professionals, 81, Virgin). LP — *SO ALONE* (participação especial no disco de Johnny Thunders, 81, Real); LP — *BAD REPUTATION* (participação especial no disco de Joan Jett, 81, Epic).

STEVE JONES

LP — *MERCY* (87, WEA); LP — *CHEQUERED PAST* (participação como guitarrista, 84, EMI); LP — *SID & NANCY* (trilha sonora, com a música "Pleasure and Pain", 86, WEA); LP — *SOMETHING ELSE* (trilha sonora, com a música "With You or Without You", 87, MCA); LP — *BLAH, BLAH, BLAH* (disco de Iggy Pop, co-autor de três faixas e solo de guitarra em "Cry for Love", 86, A&M); LP — *INSTINCT* (disco de Iggy Pop, participação como guitarrista e co-autora de quatro faixas, 88, A&M). LP — *SO FAR SO GOOD, SO WHAT* (disco do grupo Megadeth, onde toca guitarra em "Anarchy in the U.K.", 88, Capitol)

JOHN LYDON

Como membro do P.I.L. — LP — *PUBLIC IMAGE FIRST ISSUE* (78, Virgin); LP (2) — *METAL BOX* (edição limitada, 79, Virgin); LP (2) — *SECOND EDITION* (com as mesmas faixas do *Metal Box*, 80, Virgin); LP — *PARIS AU PRINTEMPS* (ao vivo, 80, Virgin). LP — *FLOWERS OF ROMANCE* (81, Virgin); LP 21 — *LIVE IN TOKYO* (ao vivo, 83); LP — *THIS IS WHAT YOU WANT... THIS IS WHAT YOU GET* (84, Virgin); LP — *COMMERCIAL ZONE* (co-creditado a Keith Levine, inclui totais alternativos de músicas já gravadas pelo PIL); LP — *ALBUM* (86, Virgin). LP — *HAPPY?* (87, Virgin). Participações especiais. LP — *GOLDEN PALOMINOS* (na faixa "The Animal Speaks" do Celluloid); LP — *WORLD DESTRUCTION* (disco do grupo Time Zone na faixa "World Destruction" 87 Celluloid).

MALCOLM MACLAREN

LP — *DUCK ROCK* (83, Charisma); LP — *SWAMP THING* (85, Charisma); LP — *FANS* (85, Virgin)

THE CLASH

CS — *"White Riot"* (77, CBS); CS — *"Remote Control"*/*"London's Burning"* (77, CBS). CS — *"Complete Control"*/*"The City of the Dead"* (77, CBS). LP — *THE CLASH* (77, CBS); CS — *"Clash City Rockers"*/*"Jail Guitar Doors"* (78, CBS); CS — *"White Man (In Hammersmith Palais)"*/*"The Prisoner"*. CS — *"Tommy Gun"*/*"One Two Crush on You"* (78, CBS). LP — *GIVE 'EM ENOUGH ROPE* (78, CBS). CS — *"English Civil War"*/*"Pressure Drop"* (79, CBS); CS — *"London Calling"*/*"Armagideon Time"* (79, CBS); EP — *THE COST OF LIVING* (79, CBS); MS — *"London Calling"*/*"Armagideon Time"*/*"Justice Tonight"*/*"Kick It Over"* (79, CBS); LP (2) — *LONDON CALLING* (79, CBS); CS — *"Bank Robbers"*/*"Rock Castore... Ok Tour"* (lado B creditado ao músico de reggae Mickey Dread, 80, CBS); CS — *"The Call"*/*"Stop the World"* (80, CBS); LP — *BLACK MARKET CLASH* (editado em dez polegadas nos EUA com faixa dos lados B dos compactos, editado apenas na Inglaterra, 80, Epic); LP (3) — *SANDINISTA!* (80, CBS); CS — *"Hitsville UK"*/*"Radio One"* (o lado B creditado a Mickey Dread, 81, CBS). CS — *"The Magnificent Seven"*/*"The Magnificent Dance"* (81, CBS). CS — *"This Is Radio Clash"*/*"Radio Clash"* (81, CBS); MS — *"The Magnificent Seven"*/*"The Magnificent Dance"*/*"The Call"*/*"The Cool Out"* (81, CBS); MS — *"This Is Radio Clash"*/*"Radio Clash"*/*"Outside Broadcast"*/*"Radio 5"* (81, CBS). CS — *"Know Your Rights"*/*"First Night Back in London"* (82, CBS); CS — *"Rock the Casbah"*/*"London Calling"*/*"The Jerk"* (82, CBS); CS — *"Should I Stay or Should I Go"*/*"Straight to Hell"* (na edição americana o lado B é "Cool Confusion", 82, CBS); MS — *"Rock the Casbah"*/*"Long Time Jerk"*/*"Mustapha Dance"* (82, CBS); LP — *COMBAT ROCK* (82, CBS); MS — *"This Is England"*/*"Do It Now"*/*"Sex Mad Roar"* (85, CBS); LP — *CUT THE CRAP* (85, CBS); CS — *"I Fought the Law"*/*"City of the Dead"*/*"1977"* (88, CBS); CS — *"London Calling"*/*"Brand New Cadillac"*/*"Rudie Can't Fail"* (88, CBS); MS — *"I Fought the Law"*/*"City of the Dead"*/*"Police on My Back"*/*"48 Hours"* (88, CBS); MS — *"London Calling"*/*"Brand New Cadillac"*/*"Rudie Can't Fail"*/*"Street Parade"* (88, CBS); LP (2) — *THE STORY OF THE CLASH VOLUME 1* (coletânea, 88, CBS).

Participações especiais: CS — *"Loose This Skin"*/*"Indestructible"* (creditado ao violonista Tyrone Dogg, o Cash toca no lado A, 80, Ghosdanced); LP — *ROCK AGAINST RACISM* (com a faixa *"White Man in Hammersmith Palais"* ao vivo, 81, RAR); LP — *LIFE IN THE EUROPEAN THEATER* (com a faixa "London Calling" ao vivo, 81, WEA). LP — *CONCERTS FOR THE PEOPLE IN KAMPUCHEA* (com a faixa *"Armageideon Time"* ao vivo, 81, WEA); LP — *SPIRIT OF ST LOUIS* (disco de Ellen Foley, 81, Epic); LP — *SHORT BACK 'N' SIDES* (disco de Ian Hunter, 81, Chrysalis); CS — *"House of the Judo Queen"*/*"Sex Machine"* (de Jane Jones & the Trash, conta com as presenças de Strummer, Simonon e Jones, 83, Big Beat); CS — *"The Scapades of Futura 2000"* (creditado somente a Futura 2000 and His Scapades, mas o Clash compõe e interpreta, 83, Charly)

TOPPER HEADON

LP — *WAKING UP* (86, Mercury)

TERRY CHIMES

LP — *THE ORIGINAL SIN* (como membro do Cowboys International, 79, Virgin); LP — *KISS ME DEADLY* (como membro do Gen X, 81, Chrysalis)

JOE STRUMMER

LP — *ELGIN AVENUE BREAKDOWN* (como membro dos 101'ers, 81, Andalucia); LP — *SID & NANCY* (com a faixa "Love Kills", 86, WEA); LP — *PERMANENT RECORDS* (trilha sonora junto com a banda Latino Rockabilly War, 88, Epic); LP — *BACARD* (trilha sonora, 88, Virgin)

MICK JONES

Como membro do B.A.D. — LP — *THIS IS BIG AUDIO DYNAMITE* (85, CBS); LP — *NO. 10 UPPING ST.* (86, CBS). LP — *TIGHTEN UP VOLUME 88* (88, CBS)

CONVENÇÕES: LP — *Album Simples*, LP (2) — *Album Duplo*; LP (3) — *Album Triplo*, CS — *Compacto Simples*; MS — *Maxi Single*; EP — *Extended Play*; Flexi — *Flexidisc*; Cassete — lançado apenas em Cassete; CD — lançado apenas em Compact Disc.

As datas e gravadoras nos parênteses correspondem à edição inglesa.

O FUNK COMEÇA EM CASA

Aos cinco anos, Ed Motta ganhou um violão. Agora, doze anos depois, ele pilota o Conexão Japeri, uma banda promissora que não quer compromissos nem com o rap nem com o hip hop...

Ed Motta tem apenas 17 anos. Ou melhor, ia fazer 17 quando deu esta entrevista a BIZZ em julho passado. Ou seja, tinha ainda 16. Quando perguntei sobre seu passado musical, ele desfilou uma série de fatos e concluiu: "Mas esse tempo é muito curto, porque eu sou muito novo, entendeu? As mudanças foram uma perto da outra. Sei lá, se eu tivesse 30 anos, poderia falar: 'Ah, quando eu era novo...'"

Esse garoto, nascido no berço esplendido de Tim Maia (seu tio), garfou um contrato por uma grande gravadora, chamou músicos, autoproduziu seu disco e... bem... já basta, por enquanto. Ed ainda vai dar muito pano para mangas. O vinil é o retrato fiel do quanto sua alma é musical — *soooul music*. Crítica e autocrítica não faltam, já que ele não gosta de quase nada do que rola no rock brasileiro, não curte muito hip hop, rap etc... O maior crítico que ele pode encontrar pela frente é o próprio tio. A primeira vez que Ed mostrou uma fita do Conexão Japeri para ele, Tim Maia foi impiedoso: "Não tem melodia, não tem harmonia, você está cantando desafinado! É uma merda!"

As primeiras lições começaram em casa mesmo. Discos da irmã, show do Earth, Wind & Fire, soul music, um bongô e um violão ganhos do tio aos 5 anos. A idéia de se profissionalizar chegou junto com o ódio pela escola: "E aí, fazer o quê?", relata Ed. "Não podia fazer nada, né? (*risos*) Comecei a fazer música para ganhar dinheiro. Não suportava a escola."

Ele fala num tom de raro espírito — tem o humor dos novos e a bagagem dos veteranos. Os caras que tocam com ele são mais ou bem mais velhos. Bom Bom (baixo) tem 26 anos, Luiz Fernando (guitarra), 24, Fran (percussão), "32, 31, 30...", e Marcelo Pereira (bateria), 21. Fábio Fonseca (26) é quem faz as letras e divide algumas parcerias musicais. "Nunca escrevi uma letra na minha vida", diz, sem pudor. Os produtores requisitados para dividir o serviço foram Barone (Paralamas) e Vitor. A estréia de Ed na produção provocou-lhe coceiras: "Quero que os convites pintem. Estou a fim de produzir." Por exemplo? "Por exemplo qualquer som, sabia?"

Sua trajetória está muito parecida com a do Prince, não é? Você está se inspirando nele? "Orra, lógico! Eu vou atacar tudo, todos os instrumentos. Comecei a ter aulas ontem. Pô, o cara toca tudo no disco. Essas egotrips eu acho da pesada! Quando ouvi os LPs *Lovesexy* e *Sign O' the Times* comprei um Fostex (*gravador de 4 canais*) para fazer umas coisas sozinho. Mas, o Prince, bem, tenho de estudar muito ainda."

"Como Ed Motta não gosta de hip hop e rap?" — perguntaria alguém. "Não tem harmonia, não tem melodia, não tem nada. É só *pum tá cum pá* — bateria e o cara falando. Quer dizer, acho que é uma coisa deles, lá de fora. Mas aqui no Brasil eu já acho que rola esse lado brabo, de neguinho, de repente, botar bonezinho e agasalho Adidas. Lá os caras devem usar esse tipo de roupa, porque deve ser uma coisa barata. Eles não têm grana para comprar outra e aqui esses agasalhos são muito caros. E neguinho gasta a maior grana para ficar igual aos caras dos Beastie Boys. Eu não vou botar uma roupa igual a do James Brown só porque eu canto funk, entendeu? Pô, o hip hop é uma coisa feita deles para eles. Assim como tem o samba feito da gente para a gente. Então, de repente, o cara do Whodini vai subir o morro, vai ouvir uns caras fazendo um pagode e não vai entender nada. Pode até curtir. Mas você acha que ele vai botar uma sandália Franciscano, um chapéu e vai ficar vendendo cachaça com ovinho? Não vai... Para mim funk não é Run DMC. Funk é Chic, Brass Construction. O que veio na frente e atrás é outra coisa."

Ed mostra assim a lucidez que existe também em dois momentos especiais no LP *Ed Motta e Conexão Japeri*: "Seis da Tarde" e "Caminhos (Não É So o Meu)", duas canções com sabor de Motown.

Sónia Maia

BARÃO VERMELHO TENTA OUTRO VÔO

Depois do fracasso (comercial) de Declare Guerra e Rock'n'Geral, eles apostam todas as fichas em Carnaval. Tudo vai depender do cacife da banca, ou seja, do público que eles pretendem reconquistar

O Rio de Janeiro está em tédio, embora ainda não tenha visto nenhum surfista de prancha e calções pretos em busca de uma onda ao luar... O Barão Vermelho não concorda. Falam em tristeza, mas jamais em tédio. A cidade, porém, está muito distante daquela que jogou para o showbiz o rock Brasil através do próprio Barão, Blitz e, mais adiante, Kid Abelha e Paralamas. Não há casas para apresentações de novos grupos e, conseqüentemente, não há renovação no cenário jovem. Correm até boatos de que as gravadoras estariam planejando mudar suas sedes para São Paulo.

O efeito colateral deste quadro está na versão do Alternativa Nativa de julho passado no Maracanãzinho, sem nenhum nome carioca puro-sangue.

É justamente nesse contexto que se encaixa o último trabalho do Barão Vermelho, não à toa intitulado *Carnaval*, segundo eles o LP definitivo do grupo em sua segunda fase (ou seja, pós-saída de Cazuza). Querem acentuar a identidade. "De repente, neste momento do rock, as bandas que fazem sucesso são de Brasília ou do Sul. Então acho legal o Barão, que é muito mais altamente carioca, vender diversão, festa", diz Frejat. O conceito do disco como um todo não fecha aí. Antes de completar o assunto, um pouco do passado...

Declare Guerra, primeiro LP pós-dissolução com Cazuza, vendeu infimamente, ainda mais levando-se em conta seu lançamento em pleno esplendor do Plano Cruzado. "*Declare Guerra* é um dos discos mais importantes da história do Barão, porque ele é verdadeiro demais. Uma coisa linda é expor-se ao público dessa maneira. Aquele disco tem um conceito e integridade fortíssimos", explica Frejat. Mas ninguém se alistou. *Rock'n'Geral*, o LP seguinte, tornou-se praticamente o disco fantasma do Barão. "Ficou como uma banda de blues, rhythm'n'blues e o Barão é uma banda de rock. Talvez sejamos uma das poucas bandas brasileiras que têm o R&B como essência. Quer dizer, que consideram o blues e o R&B como a raiz do rock. A música de trabalho ("Quem Me Olha Só", letra de Arnaldo Antunes), sei lá, para mim era uma p* música, p* categoria. Poderia ser colocada em qualquer rádio de blues dos EUA que iria conviver lado a lado com qualquer fera. Mas, de repente, o problema do público no Brasil, sabe, eles achavam que era uma balada. E a gente queria chegar no rádio com um blues e não com uma balada. Então tinha toda uma diferença do que a gente estava querendo colocar e o que as pessoas estavam entendendo", elucida Frejat.

Carnaval é uma infinita colcha de retalhos montada com a clara intenção de reconquistar o terreno perdido desde a saída de Cazuza e a falta de clareza dos dois trabalhos subseqüentes. "Um disco de planos exagerados", como diz Frejat. Referências inconfundíveis: Rita Lee, Lobão, o próprio Cazuza, ainda na voz de Frejat, Led Zeppelin, Beatles, Jeff Beck, Beastie Boys, Run-DMC, Ultraje a Rigor, Santana, Steppenwolf e, até, Joy Division e ecos ingleses. Mas a execução é exemplar e o rock, explícito — não dá margem a dúvidas. O lado A soa mais forte e certeiro que o B. E a música "Selvagem" expõe a tonalidade verde-amarela *for export* através do refrão melódico samba/rock. É o melhor disco do Barão (segunda fase) até agora.

Se para sua cidade o Barão já é a banda, para o resto do país eles continuam como um longínquo grupo de rock que um dia já foi sucesso. Eles se ressentem de ter pertencido ao segundo time nos últimos três anos e declaram: "Agora é tudo ou nada". A primeira investida, para tanto, é São Paulo. "Fomos acumulando uma coisa no Rio", fala Frejat. "Acho que hoje em dia, na hora que *Carnaval* for para as lojas, estará tudo certo em relação ao Rio. Mas a gente acha que esse disco é São Paulo pra c*, também. Primeiro porque é um disco de cidade e SP é a maior cidade do Brasil. E é lá onde mais se consome rock."

Além disso, o Barão sentiu que "a veemência da mensagem era essencial", como diz o próprio Frejat. "É como naquele verso da música 'Nunca Existiu Pecado' que diz: 'A humanidade está um ponto a menos, não aprendeu a respirar'. Não é só o Brasil, mas a humanidade inteira está errada. E, porra, é a gente que está pagando por isso. Nossos filhos é que vão pagar por isso... Será que estamos muito longe da idade média em nível comportamental?" Pois é. Eles deixaram explícita, também, a intenção de atacar de música-mensagem. Guto se aprimorou como letrista, Arnaldo Antunes aparece duas vezes, uma em "Lente", em parceria com Frejat, e outra em "Não Me Acabo", com Paulo Miklos. Cazuza está em "Rock da Descerebração" e Humberto Gessinger assina a letra de "¿O Que Você Faz à Noite?".

A saída de Maurício (teclados) pode ter ajudado muito no arredondamento da proposta musical do Barão. "Teclado tira um pouco do *punch* no rock", deflagra Dé. Como concepção musical, o grupo agora é um trio: Roberto Frejat (guitarra/vocal); Guto Goffi (bateria/letras); e Dé (baixo). Mas o time que vai para o vinil e palcos conta ainda com Fernando Magalhães (guitarra) e Peninha (percussão). Por que eles não são "oficiais"? "Seria como casar no civil e colocar o nome deles no disco como componentes do Barão", diz Frejat. "Tem uma estrada que eu, o Guto e o Dé temos que eles não têm. E é isso que faz a gente ser Barão Vermelho. Mas é só isso, porque musicalmente eles são tão Barão quanto nós."

Para finalizar, uma auto-avaliação geral. Frejat: "Acho muito fácil ficar culpando a gravadora pelos discos anteriores não terem dado certo. Mas, mesmo que eles tivessem investido, as pessoas iriam sacar o trabalho através da massificação. Mas eu acho que nós não estávamos sendo tão explícitos. Então, a massificação naquele momento talvez crasse uma faca de dois gumes. Acho que agora estamos preparados para ela. Acho que ela tem seus limites, e é difícil você impor esses limites, muitas vezes totalmente fora de sua alçada. O mais importante é você segurar sua onda, independente do que o público está achando de você, independente do que a gravadora está achando de você. O que você acha de você é o que importa. Para isso tem de ter uma p* autocrítica. Nesse sentido acho que o Barão teve bastante serenidade".

Sônia Maia

Ricardo Stevens/Fotos

OS HERÓIS QUE MATAM

E dá-lhe truculência! É sangue e porrada na madrugada e bala voando pra todo lado. Até Hulk assume o irracional total e vai à luta, num universo cada vez mais povoado por cenas de violência explícita

No alto, Justiceiro, Lanterna Verde e Wolverine; acima, o Incrível Hulk: uma turma feita de feras radicais

Super-seres combatendo o crime... Este costumava ser um conceito ingênuo. Uma ideia de adolescentes, como Joe Shuster e Jerry Siegel, os criadores de Super-Homem. Hoje, porém, a obcecada geração pós-*Desejo de Matar* (o violento filme de Charles Bronson) sai a noite atrás de sangue! Dê só uma olhada no calibre dos personagens mais populares do momento: o Justiceiro começou sua luta contra o crime quando sua mulher e filhos foram assassinados. Seus métodos já o levaram à prisão e ao hospício. Agora o levam à tela, no primeiro filme produzido pela Marvel, que estréia em dezembro nos EUA. O lápis de Klaus Janson o desenha com traços de Arnold Schwarzenegger. A semelhança tem procedência, já que o ator é um dos maiores símbolos da América truculenta, cuja realidade é a violência das gangues nas ruas. E, como Schwarzenegger, o Justiceiro, queima o primeiro que bancar o esperto em seu pedaço.

A história do Vigilante, da DC, não é muito diferente. Um promotor público que não consegue manter criminosos na cadeia por muito tempo vê sua família explodir e resolve ajustar suas contas à bala. Entretanto, ao contrário do Justiceiro, ele logo percebe que é inútil lutar. Não há super-herói que dê jeito na corrupção. Seu destino foi trágico: suicídio, num clímax de tirar o fôlego, preocupar papais e eletrizar leitores.

Os leitores ficam mesmo torcendo pros vilões se lascarem. Quem não aprovaria que o Demolidor tivesse deixado o Mercenário ser destroçado por um trem do metrô no fatídico combate em que o herói teve crise de consciência? Lembram dessa briga? Frank Miller explorou ao máximo a dualidade esquizofrênica do herói que, como Demolidor, prende criminosos e, como advogado, em sua identidade secreta, os defende no tribunal. Que crise! Demolidor salvou o assassino que, meses depois, fugiu da prisão e mataria sua namorada, Elektra, outra assassina adorada. No quebra-pau seguinte, o Mercenário está para cair do alto de um edifício e é seguro pelo herói. Desta vez, entretanto, o Demolidor o solta... Bam! Viva o Mocinho!

Mas de quem mais se esperou uma explosão de violência desde sua criação nos anos 60 foi Hulk. Criado por Stan Lee como uma cruza entre Jekyll, Hyde e a criatura de Frankenstein, o gigante, à princípio cinza e inocente, tornou-se verde e odiado. Contudo, Hulk não passava de um Homem Elefante incompreendido. Só recentemente ele chegou à raiva irracional, morte e destruição. E ao choque: como um monstro assassino pode ser chamado de herói? John Byrne, autor dos melhores momentos do Quarteto Fantástico, X-Men, Tropa Alfa e da reformulação de Super-Homem, não quis saber: assumiu o personagem e tratou de separar Jekyll e Hyde, ou melhor, o dr. Banner de seu alter-ego animalesco. O resultado, que começa a ser publicado no Brasil, só serviu pra deixar a fera ainda mais alucinada. Como isso termina?

Também se falava muito na ameaça dos X-Men, a ameaça dos mutantes contra a humanidade. Wolverine, um X-Man com instinto assassino bastante aguçado, já ceifou algumas vidas com suas garras afiadíssimas. Mas esse temor foi se concretizar de fato, quando a X-Man Fênix consumiu a vida de um planeta inteiro... Heróis também viram vilões? Ou nem tudo é o que parece...? Por outro lado, há o Esquadrão Suicida, uma organização financiada pelo Pentágono que alista vilões conhecidos da DC para missões suicidas, com o pretexto de diminuir suas penas. Vilões que viram heróis...? A fronteira é muito tênue, como vemos. O estranho é que apenas um mocinho fantasiado é assumidamente psicótico: Badger, um tipo com várias personalidades que adora descontar seus recalques nos transeuntes inocentes. Essa atitude também é compartilhada por Guy Gardner, que, apesar de ser um dos oito Lanternas Verdes em atividade na Terra, se proclama o único. Ninguém consegue levá-lo à sério, claro. Ele é fã de Rambo! E o personagem mais engraçado da reformulada *Liga da Justiça*, a revista de maior sucesso atualmente nos EUA, que em dezembro também chega ao Brasil, via editora Abril. Você nunca leu nada tão engraçado! Só não ria alto demais, porque Guy Gardner pode achar que é dele e juntar a turma dessa página pra tirar satisfação...!

Marcel Plasse

A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

O GÊNIO DO MAL

ROMAN POLANSKI

Foto Abril

Se há alguém que já mexeu com igual competência com o terror, a loucura, a perversão, o natural e o sobrenatural, é ele. Dono de uma filmografia inquietante e uma história pessoal não menos intranqüila, Polanski se recupera do "fracasso" de Piratas com um thriller arrepiante, Busca Frenética

Se ainda existem gênios loucos, como nas antigas histórias de terror, Roman Polanski certamente é um deles. Baixinho, feio, com um olhar maligno e sorriso zombeteiro, ele sempre foi tarado por garotas gostosinhas. Foi por causa de uma dessas ninfas que foi deportado dos Estados Unidos. Desde então, Polanski parece não ter mais acertado a mão. As últimas investidas, *Tess* e *Piratas*, teriam sido tentativas desastradas de recuperar o prestígio que amealhou com *A Dança dos Vampiros*, *O Bebê de Rosemary* e *Chinatown*? Será que o thriller seria a trilha segura para a reconciliação com Hollywood? Ou, ainda, o polonês está além e acima de tudo isso?

Perseguição, prisão e exílio não eram exatamente uma novidade na vida desse sujeito estranho que passou as últimas três décadas fazendo grandes filmes e escândalos de todos os tamanhos na Polônia, Holanda, Inglaterra, França, EUA, Itália e Tunísia. Como os protagonistas de seus principais filmes, ele sempre pareceu estar no lugar errado no momento errado. Filho de judeus poloneses, nasceu em Paris em 1933, o mesmo ano em que Hitler chegava ao poder na Alemanha. Três anos depois, inexplicavelmente, seu pai cometeu a burrice de levar a família de volta à Polônia, então prestes a ser invadida pelos alemães. A essa altura, o pequeno Roman já era ridicularizado pelos amiguinhos graças ao seu jeito esquisito e franceses de pronunciar os "rr". Poucos anos depois, brincando nas ruas de Cracóvia, viu que os soldados alemães invasores erguiam um muro em torno do bairro judeu onde morava, era o nascimento do gueto de Cracóvia, de onde seus pais seriam logo arrancados para serem enviados a campos de concentração. Instruído pelo pai, Roman se refugiou na casa de uma família católica, onde mais uma vez se sentiu um estranho no ninho. Sua maior diversão, além de procurar fragmentos de bombas entre os escombros da cidade, era o cinema. Nessa época só eram exibidos filmes nazistas, a que ele assistia com um misto de fascinação e pavor.

Terminou a guerra, foram-se os nazistas, vieram os comunistas, e o garoto problemático percebeu um dia que tinha crescido (embora continuasse sendo um anão) e que seu destino era reproduzir em imagens de fantasia o horror, o mal-estar e o absurdo que povoavam seu espírito. Primeiro tentou ser ator, mas sua aparência não ajudava, e acabou entrando na Escola de Cinema de Lodz, na Polônia, onde adquiriu um conhecimento técnico até hoje admirado por seus colegas de ofício.

Fez meia dúzia de curtas-metragens em que predominava o humor negro e absurdo que nunca o abandonaria, e depois, em 1962, escreveu e dirigiu seu primeiro longa, *A Faca na Água*. Com apenas três personagens — um casal careta e um caronista que acaba participando com eles de um passeio de iate — o filme explorava de maneira concentrada e precisa todos os desencontros possíveis entre eles e a violência psicológica daí decorrente. O próprio título evocava a idéia de inadequação, de coisa fora do lugar. A certa altura, um dos personagens dizia: "Uma faca é útil no meio do bosque. Mas para que serve a faca na água?" O filme foi um sucesso tão grande que de repente a Polônia, com seus obtusos burocratas, ficou pequena demais para Polanski. O mundo esperava por seu talento e sua loucura.

E eles vieram em doses generosas. Depois de rodar na Holanda um episódio curto da produção coletiva francesa *Les Plus Belles Escroqueries du Monde*, engendrou em Londres sua primeira diabrura internacional, *Repulsa ao Sexo* (1965), um thriller macabro em que Catherine Deneuve (linda e jovem e gostosa como nunca) enlouquecia num apartamento e matava todos os homens que dela se aproximavam. Para filmar como queria esse pesadelo, Polanski teve que convencer Catherine a não vestir nada sob a camisola transparente. "Objetei contra calcinhas, mas ela insistiu numa malha", conta ele. Catherine acabou cedendo e o filme — realizado com baixo orçamento — ganhou o Urso de Prata no Festival de Berlim. Era a glória.

Escrevendo seus roteiros quase sempre em parceria com o francês Gérard Brach, Polanski atravessou os agitados *sixties* perpetrando obras-primas crescentemente absurdas e escabrosas, invariavelmente estreladas por alguma de suas amadas deusas. Ainda na Inglaterra, fez o exercício surrealista *Armadilha do Destino* (1966), com Françoise Dorléac (irmã de Catherine Deneuve, que morreria num desastre pouco tempo depois), e em seguida a comédia negra *A Dança dos Vampiros* (1967), na qual ele próprio contracenava com sua mulher, a lindíssima Sharon Tate. Sucesso redobrado, aplausos, risos, felicidade conjugal — parecia que finalmente o pequeno vampiro encontrava paz de espírito. Ledo engano. Rebelde sem pausa (como o definiu a revista americana *Premiere*), ele queria conquistar a América. E para lá se mudou de mala e cuia.

Na capital do cinema, resolveu mexer logo com quem? Com o Demônio, *himself*. A pobre e indefesa Mia Farrow (com um cabelinho curtinho que causou sensação) foi a escolhida para gerar o filho do tinhoso, no arrepiante e insuperável *O Bebê de Rosemary* (1968), precursor de tantos filmes devotados à mitologia satânica. Polanski em sua melhor forma: o apartamento como local privilegiado para o delírio opressivo, o personagem central como solitária vítima de uma conspiração sinistra, o triunfo inevitável do Mal. Foi o maior sucesso de bilheteria do cineasta.

Mas ele não teve muito tempo para festejar. A vida imitou a arte rápido demais. Em agosto de 1969, enquanto Polanski estava em Londres, sua mulher, Sharon Tate, grávida de oito meses, foi assassinada com requintes sádicos, junto com um punhado de amigos, na mansão do casal em Los Angeles. Os assassinos eram membros da "Família Charles Manson", um bando de malucos adoradores do diabo. O crime abalou o mundo e no processo judiciário até os Beatles foram chamados a depor, pois, supostamente, os autores da chacina teriam se inspirado em canções do grupo, como "Piggies" e "Blackbird". Atordoado, o criador de fantasias cinematográficas consideradas excessivas declarou: "A própria vida se tornou surreal e absurda". Ficou dois anos sem filmar.

Sua versão de *Macbeth* (1971) resultou incomparavelmente mais lírica e sangrenta que as anteriores, de Orson Welles (1950) e Kurosawa (1957). As bruxas visioná-

Armadilha do Destino

Lionel Stander e Donald Pleasence: um bizarro jogo de esconde-esconde

O Inquilino

Polanski e o protagonista do história de terror e loucura num apartamento

Walter Matthau (com o diretor): nunca um pirata foi tão escrachado...

Romane suas mulheres memoráveis. Ia Kinski, a beleza fadada à tragédia (acima) e Mia Farrow (abaixo), a cândida presa do demo

Disposto a pisar novamente em terreno sólido, Polanski deu um giro de 180 graus. Resolveu voltar à velha Los Angeles de dolorosa memória e, com um roteiro perfeito de Robert Towne, realizar o filme *noir* dos anos 70: *Chinatown* (1974), com Jack Nicholson, Faye Dunaway e John Huston. Produção requintadíssima, sucesso de público e crítica. E brigas homéricas com o amigo Nicholson durante as filmagens. Numa delas, Polanski jogou pela janela do trailer do ator uma televisão de 20 polegadas da qual o velho Jack não desgrudava os olhos durante os jogos de basquete dos L.A. Lakers. Como em suas melhores criações, *Chinatown* terminava com a derrota do homem diante de forças terríveis e malignas.

Solidão e paranóia foram a matéria-prima de seu filme seguinte, o claustrofóbico *O Inquilino* (1976), altamente desaconselhável para momentos de baixo-astral. O próprio Polanski encarnava o protagonista, um solitário estrangeiro que aluga em Paris o apartamento que tinha sido habitado por uma jovem suicida. Nem a estonteante Isabelle Adjani conseguia livrá-lo da paranóia de estar sendo vítima de uma conspiração planetária (ou extra, quem sabe) para identificá-lo com a moça morta. Aos poucos, ele assume a identidade da infeliz, vestindo suas roupas, usando sua maquilagem, imitando sua morte. A linha entre fantasia e realidade se embaça totalmente, e a gente sai de quatro do cinema.

Numa tarde de 1977 uma modelo de 13 anos o acusou de tê-la drogado e estuprado na casa de Jack Nicholson. Polanski foi algemado e colocado numa cela da prisão de Chino (Califórnia), destinada aos assassinos de aluguel e aos criminosos psicopatas. Depois de 42 dias atrás das grades, concordou em ser deportado dos Estados Unidos, para onde nunca mais voltou. Até hoje.

Até que Deus (ou o Diabo) criou Nastassja Kinski, a ninfeta cobiçada por excelência, a Lolita dos anos 80. Claro que Polanski se apaixonou por ela, levou-a para a cama e para as telas em *Tess* (1980), uma história de amor com o toque doentio e sangrento do cineasta. Filmado na Inglaterra com muita grana, *Tess* resultou uma homenagem um tanto cansativa à beleza de uma mulher e de um país.

rias, por exemplo, que eram três em Welles, e apenas uma em Kurosawa, foram transformadas por Polanski num numeroso batalhão de velhas nuas e desprovidas de olhos. A morte de seu Macbeth era também a mais chocante: a cabeça do anti-herói voava longe ao golpe da espada de MacDuff, quase esguichando sangue na platéia.

Com *Quê?*, filmado na Itália em 1973, Polanski criava uma versão adulta, absurda e pervertida de *Alice no País das Maravilhas*: a apetitosa hippiezinha Sydne Rome ia parar sem querer numa casa maluca onde um gigolô decadente (Marcello Mastroianni), um anão encrenqueiro (o próprio Polanski) e um velho tarado disputavam seus favores sexuais. O filme desconcertou a crítica e fracassou na bilheteria.

Polanski parecia ter perdido o pique, aguado o veneno que lhe corria nas veias. Ficou seis anos sem pisar num set.

Reapareceu com uma paródia dos filmes de piratas. Com o fantástico Walter Matthau e uma produção de 30 milhões de dólares, que incluiu a reconstituição minuciosa de um galeão espanhol, *Piratas* (1986), um sonho polanskiano acalentado por mais de dez anos, foi torpedeado pela crítica e afundou na bilheteria, mesmo sendo uma comédia deliciosa, com lances de ação e humor negro dignos de um mestre.

Mas fracasso é fracasso, e para exorcizá-lo o irrequieto baixinho resolveu voltar para o porto seguro do velho e bom thriller de suspense. Foi beber em Hitchcock e engendrou *Busca Frenética* (veja box) que, além de recolocar em cena um herói acossado por forças poderosas e anônimas, apresenta ao mundo a nova conquista do insaciável fauno: a francesinha Emmanuelle Seigner, loura, linda e sexy como suas melhores antecessoras.

Ironicamente naturalizado francês (afinal ele nasceu lá), Polanski recentemente podia ser visto sobre um palco parisiense numa encenação d'*A Metamorfose* de Kafka, num papel que tem tudo a ver com sua trajetória de eterno desajustado: o do jovem Gregor Samsa, que um belo dia, ao acordar, vê-se transformado numa barata. Depois disso, que mais se pode esperar de um cara desses?

José Geraldo Couto

VOCÊ NUNCA VIU ESSE FILME

Ford prestes a deixar tudo ir ladeira abaixo

Um cidadão comum é atirado por acaso numa situação perigosa, onde topa com uma gostosíssima loura, algo maluquinha, com um pé na marginalidade... E, você já viu esse filme. E então o caretão descobre que sua vida é um tédio e pela mão da moça ingressa numa vida de aventuras e... Sim, poderia continuar assim se o diretor de *Busca Frenética* não fosse Roman Polanski. Polanski tem um certo apreço por soluções desconcertantes, seja pela via do terror psicológico, seja pela via do humor negro.

Aparentemente, seu mais recente filme não passa de um thriller convencionalíssimo, calcado em clichês hitchcockianos e recheado de situações típicas. Por trás disso, está um perfeito trabalho de timing — trata-se de um thriller lento que leva às últimas conseqüências a capacidade de deixar o espectador tenso —, de climatização — o contraste brutal entre a Paris da luz do dia e dos espaços abertos e a da noite e dos subterrâneos — e a escolha certa do protagonista. Walker, o cidadão acima de qualquer suspeita, é Harrison Ford. Há tempos que Ford anda tentando se livrar do estigma de ator talhado apenas para aventuras infanto-juvenis. Precisava de um diretor de respeito para deixar de ser associado à imagem de Indiana Jones. A gradual transformação de Walker, da perplexidade à ação, de vítima das circunstâncias a fator decisivo na solução da trama, demonstram as possibilidades de Ford como ator. E, claro, as qualidades de Polanski na direção de atores — também da estreante Emmanuelle Seigner, a "menina maluquinha", o diretor soube extrair um desempenho convincente.

Se o terreno das forças ocultas mudando o destino humano e da impotência frente adversidade são a praia do polonês, não poderia dar outra: não haveria por que não dar certo sua incursão no suspense. *Busca Frenética* cumpre seu papel como um autêntico policial de ação e suspense. E vai além.

B A

Studio Tan
Disc Laser Club

Associe-se ao STUDIO TAN:
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220
Tel. (011) 887-6807 - J. Paulista - SP

ALGUMAS RARIDADES DO NOSSO ACERVO DE COMPACT DISC PARA LOCAÇÃO:

NOEL • S. EXPRESS • MARRS • BROS • NEW ORDER • DEPECHE MODE • ERASURE • YAZOO • PET SHOP BOYS • DEAD OR ALIVE • FRONT 242 • CABARET VOLTAIRE • OMD • COLOURBOX • JOY DIVISION • BAUHAUS • LOVE AND ROCKETS • KILLING JOKE • WOLFGANG PRESS • COCTEAU TWINS • DURUTTI COLUMN • SOFT CELL • RICK WAKEMAN • FRANK ZAPPA • SUGARCUBES • GONG • VAN DER GRAAF • RUSH • IGGY POP • DAV D BOWIE • STING • JOHNNY WINTER • B B. KING • BILLIE HOLIDAY • OTIS RUSH • LED ZEPPELIN • PINK FLOYD • GENESIS • WATERBOYS • RICK ISLEY • SWING OUT SISTER • UB 40 • MANO DIBANGO • AFRIKA BAMBAATAA • EGBERTO GISMONTI • HERMETO PASCOAL.

POSSUIMOS MAIS DE 3000 CD'S, MAIS DE 300 CD'S REMIX, MAIS DE 100 CD'S, SINGLES.

AGORA TAMBÉM VENDA E TROCA DE CD'S USADOS

APRESENTE ESTE ANÚNCIO E GANHE 35% DE DESCONTO NA INSCRIÇÃO
Válido até outubro/89

IRONWEED

Meryl Streep e Jack Nicholson chegaram a ser indicados para o Oscar pelo retrato fiel e consistente de uma América escura, feia e suja

É com *Ironweed* que o cinema nacional atinge um importante marco: se utilizou da produção hollywoodiana, de dois astros de primeira grandeza e de uma direção à altura dos melhores filmes internacionais. Hector Babenco chegou lá. Seu *Ironweed* não chegou a ser recomendado para melhor direção no último Oscar. No entanto, Jack Nicholson e Meryl Streep estavam na lista de melhores atores pela Academia. Isto é sinal de alguma coisa. Ao que parece, os americanos não curtiram muito o filme, que conta a história soturna de um casal de andarilhos pelas frias ruas de Albany, a capital do estado de Nova York. Pode ser que os americanos não gostem de ver o lado duro de suas ruas — talvez estejam mais para o tutu Spielberg. Babenco escolheu a história do livro *Ironweed* de William Kennedy, que pessoalmente roteirizou o filme. Aqui o livro saiu com o nome de *Vernônia* (Ed. Francisco Alves), que é uma planta com um caule muito resistente às condições adversas.

Francis Phelan (Nicholson) e Helen (Meryl) são assim: feios, sujos e até malvados, mas nobres de espírito. Perderam seus mundos e peram bulam pelo mundo. Phelan, antigo jogador de beisebol, anos atrás havia causado a morte de seu filho bebê ao deixá-lo cair do colo. Atormentado, abandonou tudo e saiu pelas ruas a beber, e por isso vê fantasmas lhe perseguindo dia e noite. Helen é uma fracassada cantora que nunca chegou ao rádio, nunca foi ninguém, e choraminga por tudo que nunca teve. Francis e Helen compartilham do mesmo purgatório.

As cenas iniciais são realmente chocantes, dá pra sentir o frio e as agruras que eles sofrem como lumpens. Ao contrário de repugnância, com o decorrer da narrativa, o que se tem é uma forte envolvência com os personagens, que, apesar de maltrapilhos, são íntegros e bem construídos. Através das ilusões fantasmagóricas de Francis pode-se perceber a qualidade de seu íntimo. E não há como se emocionar com Meryl Streep principalmente quando esta nobre vagabunda canta "He's Me Pal", em um bar, com o coração de uma verdadeira cantora. Tem até Tom Waits num de seus melhores papéis de bebado de rua. *Ironweed* é uma história bem contada com noites maldormidas, sem destino e cheia de estrelas, onde a sobrevivência está em seus limites. Triste, mas com adoráveis vagabundos, que por fora são como essas feias e velhas garrafas de vinho, mas por dentro trazem a melhor safra. O filme poderia cair na pieguice, mas Babenco mostrou firmeza. Diante dele a crítica se dividiu. Cinema é coisa que da pano pra manga..e gosto, afinal, se discute, sim. *Walter Silva*

VZYADOQ MOE
"O ÁPICE"

novo lançamento wop-bop

Solicite já o nosso catálogo, inteiramente grátis, contendo a maior e mais variada quantidade de discos nacionais e internacionais.
FAÇA SEU PEDIDO POR CARTA OU TELEFONE (só para o interior de São Paulo e outros Estados). Também por REEMBOLSO POSTAL para todo o Brasil.

WOP BOP DISCOS
Rua Barão de Itapetininga, 255 - Loja 25
CEP 01042 - São Paulo/SP - Tel.: 231-4960

UMA ESCOLA MUITO LOUCA

A escola não é nem um pouco louca: é a tradicional Faculdade de Direito de Harvard. A história é que é absurda: numa trajetória oposta à de Michael Jackson, o garoto branco Mark Watson (C. Thomas Howell, de *A Morte Pede Coroa*) toma umas pílulas de bronzear e enrola o cabelo para se passar por preto e conseguir uma bolsa de estudos. Por três anos ele pretende enganar professores, colegas e namoradas.

O único que sabe seu segredo é o amigo Gordon (Arye Gross), que divide com ele o quarto e as confusões produzidas pelo racismo mal disfarçado da instituição e de seus habitantes. Não chega a ser uma temporada no inferno para Mark, pois nessa comediazinha ligeira tudo acaba em palhaçada. Uma garota branquíssima e gostosíssima (que acontece ser a filha do reitor) leva-o para a cama pelo prazer proibido de transar com um crioulo. Um guarda racista consegue colocá-lo atrás das grades só porque avançou sobre uma faixa de trânsito. No meio de toda a confusão, ele se apaixona pela mulata Sarah (Rae Dawn Chong, de *A Cor Púrpura*), que enfrenta, ao contrário dele, a verdadeira barra de ser preta na América.

Tudo é superficial, absurdo e eventualmente engraçado (a melhor sequência é um jogo de basquete em que Mark tenta imitar um craque *black* do outro time). O *soul* do título original (*Soul Man*), que falta ao diretor Steve Miner (o mesmo de *A Casa do Espanto*), é esbanjado na trilha sonora, que inclui de Muddy Waters a Sly Stone, passando por Isaac Hayes, Louis Armstrong e Otis Redding. Atenção também para o fantástico James Earl Jones (de *Jardins de Pedra*), no papel do velho professor negro de Direito Penal. E dê um desconto para o final fraco, meloso e babaca. *J.G.C.*

Tudo vale para entrar em Harvard, até usar o Prince

SURPRESA EM SHANGAI

Os pombinhos Sean Penn e Madonna brincam de cinema e se dão mal: foi um fracasso de crítica e bilheteria

Esse filme foi um dos fiascos cinematográficos da carreira de Madonna Louise Ciccone — dispensa apresentações, certo? A produção é do ex-fab George Harrison, o ótimo Sean Penn contracena com a amada, a produção foi cuidadosa e cara... e o filme é péssimo. Aliás, Madonna insiste em cinema e quase sempre se dá mal, com exceção de *Procura-se Susan Desesperadamente*, no qual afortunadamente ela faz papel de si mesma e a protagonista de fato é Rosanna Arquette.

O roteiro é improvável, mas nem é esse o problema — bons filmes foram feitos a partir de histórias assim. Madonna é a bem-intencionada Gloria Tatlock, uma missionária que precisa descobrir um carregamento de ópio para transformá-lo em morfina, aliviando assim a dor de americanos feridos e, em última instância, ajudando seu país. Tocante. Penn é um vendedor de gravatas, forte, espertalhão e charmoso, que é impelido a ajudá-la. Nas ruas de Shangai dos anos 30, eles se metem em confusões e com vilões bem malvados.

Em nenhum momento, dá para acreditar, nem por segundos, na atuação de Madonna. Penn está OK, mas, lamentavelmente, estava apaixonado por Madonna. Ao roteiro fraco e absurdo, some-se a incompetência do diretor Jim Goddard de criar qualquer suspense, ou proporcionar humor, ou ainda imprimir ritmo de aventura.

O casal acaba junto (você tinha duvidado?) com a paciência do espectador. Indicado apenas para fãs roxos da moça. Ou do moço.

Bia Abramo

SADE

LOVE IS STRONGER THAN PRIDE

(Ade/Hale/Matthewman)

I won't pretend that I intend to stop living
I won't pretend I'm good at forgiving
but I can't hate you, although I have tried

(refrao)
I still really really love you
love is stronger than pride
I still really really love you

(repete primeira estrofe)

(repete refrão)

[illegible] here waiting my time
would be like waiting for the sun to rise
it's all too clear, things came and go
sitting here waiting for you
would be like waiting for winter
it's gonna be cold
there may even be snow

(repete refrão)

(repete refrão)

O AMOR É MAIS FORTE QUE O ORGULHO

Não vou fingir que tenho a intenção de perdi de vida
não vou fingir que sou boa em perdoar
mas não consigo odiar você, embora tenha tentado

(refrão)
Ainda te amo mesmo
o amor é mais forte que o orgulho
ainda te amo mesmo...

(repete primeira estrofe)

(repete refrão)

Ficar sentada aqui desperdiçando meu tempo
seria como ficar esperando pelo sol nascer
esta tudo muito clara, as coisas vão e vem
ficar sentada aqui esperando por você
seria como ficar esperando pelo inverno
vai fazer frio
pode até haver neve

(repete refrão)

NEWROCK

Preços
Malha Comum 2 300 00
Malha Especial 3 200 00

FONE (011) 280-2952

Desconto especial para revendedor

REF 106 COR BR | REF 103 COR PR | REF 109 COR BR PR | REF 118 COR BR | REF 083 COR PR | REF 101 COR BR | REF 112 COR BR
REF 104 COR BR | REF 110 COR PR | REF 091 COR BR | REF 117 COR BR | REF 090 COR PR | REF 111 COR BR | REF 097 COR PR
REF 095 COR BR | REF 08 COR BR PR | REF 107 COR BR | REF 094 COR BR | REF 100 COR PR | REF 098 COR BR | REF 105 COR BR
REF 115 COR BR | REF 092 COR BR | REF 116 COR BR | REF 114 COR BR | REF 102 COR BR | REF 113 COR BR | REF 099 COR BR
REF 016 COR BR | REF 065 COR PR | REF 034 COR BR | REF 085 COR PR | REF 059 COR BR | REF 001 COR PR | REF 019 COR BR
REF 076 COR PR | REF 075 COR BR | REF 047 COR BR | REF 032 COR BR | REF 078 COR PR | REF 077 COR BR | REF 051 COR PR
REF 07 COR PR | REF 069 COR PR | REF 073 COR BR | REF 087 COR BR | REF 064 COR BR | REF 088 COR BR | REF 040 COR BR
REF 080 COR BR | REF 003 COR PR | REF 008 COR BR | REF 072 COR BR PR | REF 070 COR BR | REF 084 COR BR | REF 090 COR BR PR

PROMOÇÃO NA COMPRA DE 8 CAMISETAS GANHE 1 INTEIRAMENTE GRÁTIS

Como comprar

Envie seu cupom corretamente preenchido e pague somente ao retirar a encomenda no correio de sua cidade. Junto ao cupom nos mande um cheque nominal para ABRAHAM JACOB AFLALO no valor de 250 cruzados, referentes ao valor das despesas postais.

O pedido só será atendido se as despesas postais forem antecipadamente pagas.

Peça no correio e preencha da seguinte maneira
AG. Pagadora Shopping Center Iguatemi
CEP 01406 código 400084 São Paulo S.P.
Destinatário ABRAHAM JACOB AFLALO

Envie seu cupom acompanhado de Cheque Nominal para ABRAHAM JACOB AFLALO e retire seu pedido no correio de sua cidade.

TAMANHOS

Prefiro comprar da seguinte maneira
☐ Vale Postal ☐ Cheque Nominal ☐ Reembolso Postal
TOTAL DA COMPRA Cr$

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

Nome
End N°
CEP Cidade Est
Envie esse cupom ou xerox para
ABRAHAM JACOB AFLALO
R. Capote Valente 540 Cj. 21
CEP 05409 Pinheiros São Paulo S.P.

Por Sônia Maia — Lorena Calabria (RJ) e Marcia Alvaro (Brasília)

Divulgação

Na terra do rock inglês, o blues começa a tomar espaço e encher de azul os bares *noir* de Brasília. Bons ventos trazem a Filial Blues Band, novidade no nico solo candango. Rogério (bateria), Adalba's (baixo), Alex (guitarra), Alex (sax), Sérgio (guitarra) e Militão Ricardo (vocal e guitarra base) fazem um som da maior qualidade. E por falar em Militão (ex-69), voltam os Rochas em nova formação. Além de seu líder, que faz vocal, compõe e toca guitarra, estão Rodrigo (ex-69), Gustavo (bateria) e Dunga (baixo). O som passa pelo blues, jazz, rhythm'n'blues e as letras têm um sutil humor. Algumas pérolas são "Brasília by Night", um *city tour* pela orgia brasiliense; "Dayse", uma balada country sobre uma secretária executiva que se apaixona pelo chefe e é usada como objeto de prazer no final do expediente; e "Funcionário Público", que satisfaz pelo menos 80% da população local. É importante também conhecer o Ton Ton Macoute — Flama (trompete e Flugelhorn), Cal (vocal e letras), Maurício (ex-Obina Shock, baixo) e Cláudio Otero (teclados) —, que faz um som experimental, musitado, misturando o calor do trompete e do baixo com uma montagem cerebral nos teclados. É o grupo mais tocado na Fluminense FM (RJ) na programação das bandas fora do circuito das grandes gravadoras. Na próxima edição tudo sobre Adriano Faquini, o que há de melhor na cidade na área de jazz, soul, blues, bossa nova e, por que não rock.

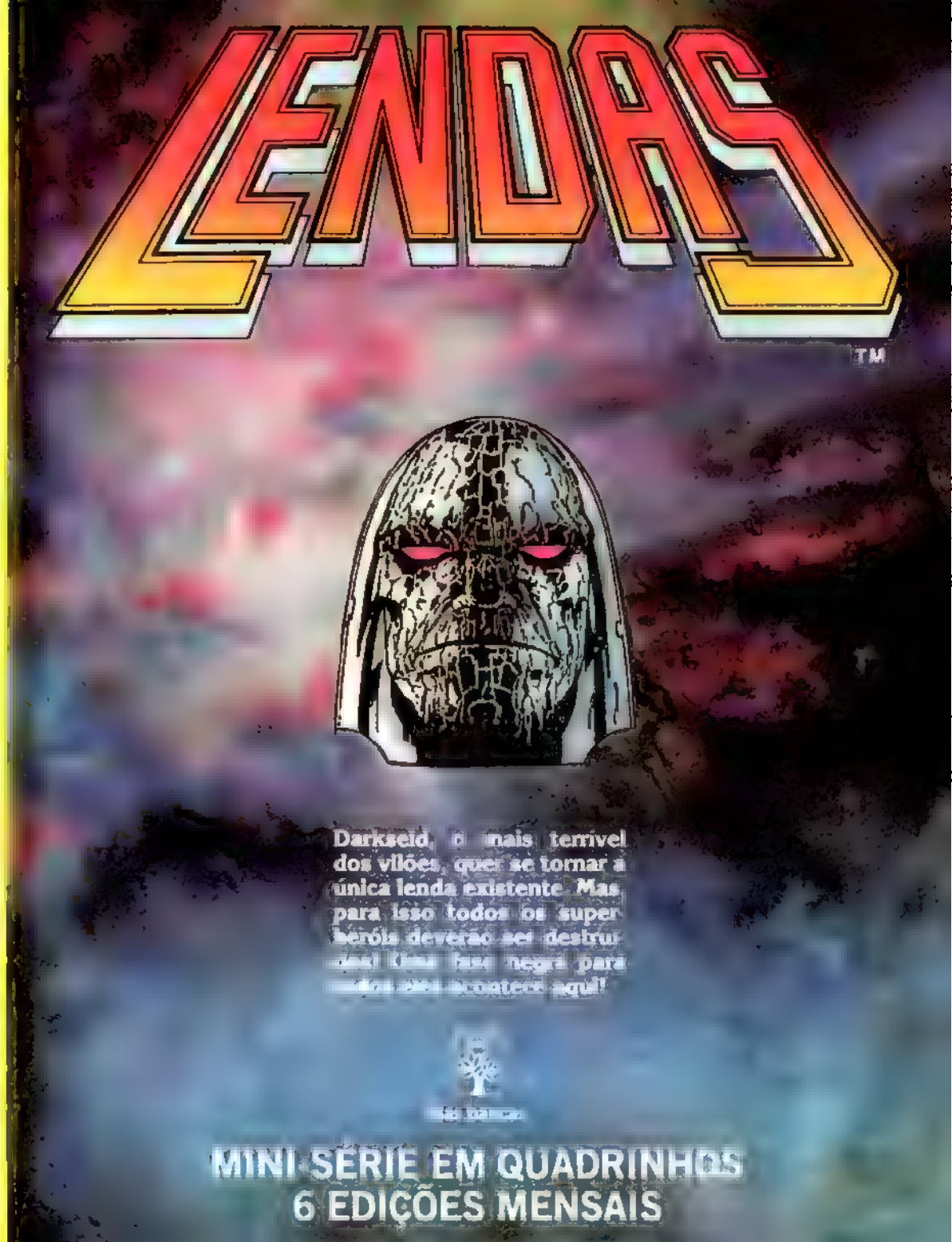
Vem da periferia do Rio de Janeiro, mais precisamente do município de Itaboraí, o som do grupo Tubarões Voadores — um rock básico com dentadas no reggae e hardcore. Formado em meados de 84 por Sérgio Espírito Santo (vocal/letras) e César Henrique (baixo), eles vêm realizando shows, alguns até em praças públicas. Preparam-se, agora, para dois lançamentos em vinil: o primeiro numa coletânea que sairá pelo selo Ataque Frontal com a faixa "Juventude". Mais adiante, preparam um LP financiado por eles mesmos, com produção de Redson, do Cólera. Completam a formação dos Tubarões: Branco (guitarra), Dudu (bateria) e, substituindo o antigo baixista, Flávio Carvalho.

Mesmo com locais para shows ao vivo cada vez mais parcos, difícil acesso à mídia e praticamente nenhum incentivo, surgem novas bandas com fôlego de fazer inveja a muito veterano. Num surto de inverno carioca, apareceram nomes como Inimigos do Rei, Brasil Palace, Do Mundo Nada Se Leva, Big Trep, Uma Banda Chamada Cavalo, Sombras Que Surgem, Aerosex, Kuai, Alguma Coisa Blue, Maite Tchu, Hora H e outros. A maioria se apresenta em barzinhos, tendo como concorrentes o papo e a paquera encharcados de álcool, fatalmente. Mas se alguém prestar atenção...

Roberto Gouveia Filho

Aí vai mais uma bateria de fitas e vinis que desembarcam aqui na redação mês a mês. Começando pelo lançamento de um novo selo, chamado Jazz Tropical, inaugurado pelo idealizador Ricardo Bomba com seu próprio LP, *Ultralight*. Não se sabe o que vem por aí, além deste, mas a estréia (do selo) definitivamente não traz bons ventos. O moço gravou em Los Angeles e no Transamérica do Rio de Janeiro para nos oferecer uma bossa/jazz/sambinha canção mais para muzak brasileiro do que para o João Gilberto pop que ele tenta impor. Nada que já não tenhamos ouvido na ala sacal da MPB. Em Brasília, Alcimar Pereira, idealizador da banda Holandez Voador, prepara o selo Idéias Fixas e o primeiro lançamento é o vinil *Cinderela* de seu próprio grupo.

Vamos então, às fitas — demos, caseiras etc., sempre bem-vindas. Úvulas Ardientes trabalha no terreno do experimentalismo clássico, é da Paraíba, tem músicos de primeiríssima linha, mas é chato, muito chato. Filhos da Rainha se parece com Barão Vermelho/Rolling Stones e rock anos 50. Letras sobre garotas, escolas, rimas de "amor com computador" e todos aqueles temas "inquietantes" da juventude. Blargh! Os guris de 8 anos estão bem mais espertos que isso. Fama foi o melhor da leva, apesar de ser mais uma banda funk. Mas soa madura, apesar da guitarrinha trinc-tim-tinquim desgastada pelo hip hop. Além disso, todos já sabem que "a fome mata e a pobreza se expande", como diz a letra de "Decisão Funk". Tem Mário Salmon (vocal/letras), Gustavo (bateria), Edmilson Ferrari (guitarra), Dedé (bom baixo) e Helio Franco Jr. (percussão). Para terminar, o Fernando Fértil e Banda, que ganhou o título de vocalista mais desafinado que já aterrissou por aqui em fitas de novos talentos.



BRUCE SPRINGSTEEN

Wembley Stadium (Londres) 25/06/88

Ele arriou a bandeira americana, e deu luz à era do rãr mercantilista

Este show durou exatamente quatro horas e vinte minutos. Vai entrar em algum *Guinness* de fanáticos como uma das mais longas performances da história do rock'n'roll. Sábado à tarde, estádio lotado por oitenta mil pessoas, tickets no câmbio negro a 180 dólares. Há duas décadas, na Inglaterra, o futebol ainda era visto como uma instituição de lazer basicamente respeitável. Rock'n'roll jamais entraria em um estádio. Com o advento do concerto-mamute beneficente, rock shows, hoje, são o modelo para expressões coletivas de diversão "decente". A mudança de papel diz tudo, também, em relação às capacidades "subversivas" da música pop nos digitais anos 80. À parte, vale notar o fato de que Springsteen em Wembley era uma ideal massa futebolística: entusiasta, pacífica, rumorosa (mas não ofensiva), de "predominância masculina (mas não muito) e capaz de beber sem cair.

Não é qualquer You Two ou Jacko que é capaz de segurar oitenta mil em um estádio por 4h20 (e ainda urravam por mais). É como se o Boss, para o inconsciente coletivo, funcionasse como a sobrevivência do espírito original do rock'n'roll na era da mercantilização suprema. Springsteen gosta de falar durante seus concertos — especialmente frente a plateias anglo-saxãs. Quando fala, a atmosfera é de alguém murmurando em voz alta na frente da lareira. A ficção das letras das canções que ele discute mescla-se com suas observações sobre a vida em geral. Um homem cujos monólogos aparentemente fora de foco sobre arquétipos americanos, filosofia popular e fantasias românticas — que parecem sugerir uma autobiografia — pode andar à deriva, e confiante, pelas quebradas da imaginação popular. O único problema para *Bruuuuuuuuuce*, nesses passeios, é o risco de dar de cara com o seu presidente (mas esse já está a caminho definitivo do rancho em Santa Barbara).

A política, de qualquer maneira, andou em baixa na excursão *Tunnel of Love*. O tema era o do último álbum de estúdio, e, portanto, ligado a problemas pessoais. Para a massa de fãs ardorosos (movimentação milionária do marketing paralelo), informados de todos os detalhes da separação do ícone (ele queria ter filhos, ela preferiu continuar a carreira de modelo), cada canção, monólogo ou gesto ganhava uma significação especial. Quando ele falou de um garoto e uma garota que arrumaram um apartamento em cima de uma garagem, e ele economizou dinheiro pela primeira vez na vida para comprar um anel para ela, mas aí ele ficou com medo e fugiu, será que *Brucie* estava apenas introduzindo "Spare Parts"? Será que era uma parábola? Será que era uma confissão?

Patty Scialfa, a backing vocal da E. Street Band, passou por uma verdadeira campanha promocional linha Linda MacCartney, e agora toca guitarra ombro a ombro com o Boss, além de dividir sua cama. Acabou o período "homem de família" de *Brucie*. Ele fez uma bobagem. Patty tem uma voz da moléstia e toca guitarra com nenhuma técnica e entusiasmo. Forma um par altamente simbólico com o já mítico (para os fãs ardorosos) saxofonista Clarence Clemons. Patty e Clemons são os dois únicos integrantes da banda que escapam à condição de "homens brancos".

O sax de Clemons era uma marca registrada do *early* Springsteen. Hoje, no palco, ele passa mais tempo com instrumentos de percussão. Sua presença configura-se como um testemunho à durabilidade da relação entre homens que escolhem a estrada do rock n'roll. Os casamentos vão e vêm — mas a amizade masculina sempre permanece. Também é muito significativo o fato de que Clemons é black. Sua óbvia força física está a serviço do homem branco, o qual a plateia (quase inteiramente branca) pode identificar simultaneamente como igual ou mesmo superior. Springsteen, em todos os casos, permanece encarnando a figura do Boss.

Brucie maturou bem. Músculos esplêndidos, saúde idem. Ele sua várias vezes o preço pago pelo ticket de cada um. Na América isso é a Lei Divina: *value for money*. Outro aspecto é que uma velha estrela de comportamento convencional jamais seria capaz do truque de *Brucie*: ele faz cada canção parecer, ao mesmo tempo, carregada de memórias e tão fresquinha como se tivesse sido composta há algumas horas. A competência e proficiência da E. Street Band só o ajudam no processo (a seção de metais, em várias partes do show, acrescenta um sabor de rhythm'n'blues, e em outras anima-se como se fosse uma revista de soul music).

É um tremendo show, ladies and gentlemen. Greatest hits total, e mais uma infindável sessão de covers, incluindo pérolas da Stax, Motown, rock'n'roll primordial ("Twist and Shout") e r&b. Ponto altíssimo? Sem dúvida a versão solo acústica de "Born to Run", a canção que ele introduz como "aquela que me fez companhia em minha busca". Fabulosa, a transformação. Em vez dos clichês e do clima triunfalista do original, a "Born to Run" acústica é humilde, frágil, incerta, transcendente como uma das obras-primas do Dylan 65. *Brucie* pode ser um herói do homem comum em nossa época de look supremo. E mais heróico fica quando retorna à mais absoluta — e pungente — simplicidade. *Yes, we gotta get out while we're young, cause tramps like us, baby, we were born to run*.

Pepe Escobar

PARALAMAS DO SUCESSO

Concha Acústica do TCA (Salvador) 15/07/88

Herbert e o PDS, na hora e local certos

Não dá mais para negar: o expresso oriente chamado Paralamas do Sucesso sempre chega junto na Estação Salvador, e já é quase tão baiano quanto um Bahia vs Vitória na Fonte Nova, em final de campeonato.

Depois de passarem quatro dias por essas praias divulgando o novo disco, dando canja em lambateria e trocando figurinhas com feras como Lazzo, Gerônimo e a galera do Olodum —, Herbert, Bi e Barone (mais João Fera, Matos, Demetrius e Paulo — teclados e metais) simplesmente arrebentaram num show lotadíssimo (cinco mil pessoas num local *à la* anfiteatro grego) e esperto.

Vamos ao jogo? A bola rolou com a lambada instrumental "Bundaleleê Dand", o início do massacre dançante, partindo do meio para as laterais onde "Alagados", "Sanfona" e "O Beco" encontraram a solução numa praça da Bahia. Uma quase covardia do Paralamas, pois abrir o show com esse quarteto numa terra que possui o diabo no corpo (leia-se quadris), é um convite irresistível para uma descida ao inferno. Um convite imediatamente aceito pelos súditos guiados por guitarra, baixo, bateria e, agora, com o auxílio luxuoso dos metais colocados na hora e na medida para a mistura cruel da banda. Gol certo.

Em desvantagem no marcador, São Pedro achou provocação o Paralamas meter de primeira "Será Que Vai Chover?". Foi a senha, pois na sequência de "Bora-Bora" caiu o maior toró, com os técnicos cobrindo os equipamentos e a platéia dando uma força, ao entoar a frase histórica do Camisa de Vênus (que ironia!) "Bota pra Foder!". E aí começou a pintar o clima espetáculo antológico, porque Herbert, Bi e Barone seguram a peteca legal, com o vocalista dando um banho de carisma — fora sua guitarra, não mais que genial. Do adverso foi feita a alegria de dançar, cantar e tocar na chuva, sendo totalmente correspondida pelos súditos, acompanhando em coro "Meló do Marinheiro", "Ladeira do Pelô" (do Olodum) e "Eu Sou Negão" (Gerônimo), entre outros. Um carnaval fora de época.

A chuva cessou momentaneamente, mas a essa altura o som já estava um pouco comprometido em termos técnicos. Nada demais, já que todos estavam literalmente ensandecidos. Momento oportuno para a banda atacar "De 1 a 1" (a embolada de Edgar Ferreira) e Herbert dançar com a mulher da limpeza, que dava uma geral na água acumulada no palco, provocando mais agitação, enquanto jogava uma sequência lenta, antes do retorno total dos pingos sacanas de São Pedro. A solução encontrada foi acelerar os andamentos de alguns ska do repertório antigo, com Herbert matando a pau nas lições rock'n'roll de "Cinema Mudo", "Patrulha Noturna", "Óculos", "Vital e Sua Moto", "Mensagem de Amor" e outras cositas mais.

O final, com "Uns Dias", não disse tudo, porque ainda havia a surpresa do bis, quando cinco bumbos e três caixas do bloco Olodum, regidos por Jackson (o segundo mestre da bateria), e mais o vocalista Beto do Carmo, entraram junto com o Paralamas e transformaram a Concha Acústica num pedaço do Pelourinho. Elogios mútuos, e a sagração de uma partida em que a banda e o público deram de goleada na chuva e no tédio. *H.B.*

IGGY POP

Projeto SP (SP) 30/07/88

Quem esperava um show pop, se f! O "pai" veio ao Brasil para mostrar o que significa uma música chamada rock'n'roll*

"Essa música eu compus para uma garota incrível mente bonita, mas *full of shit* e ela se chama 'Your Pretty Face Is Going to Hell.'"

Isso é que é "This is rock'n'roll", ele vocifera no meio da música, inconformado com a letargia dos presentes — que, com certeza, estariam vibrando mais se o repertório fosse baseado no bundão *Blah Blah Blah*. Mas Iggy assumiu seu lugar na História e o show é 70% Stooges... com uma banda à altura da missão. Paul Garisto (ex-Psychedelic Furs) desce a lenha na bateria, em contraponto com a discreta presença de Seamus Beaghen (guitarra-base e teclados inaudíveis). O forte mesmo está na dupla Alvin Gibbs (baixista, ex-UK Subs) e Andy McCoy, ex-Hanoi Rocks, guitarrista largadão, escola Keith Richards, despejando riffs em brasa. Todos cantam com seus botões versinhos históricos, que com certeza iniciaram suas adolescências: "Aaaah... Penetration... Penetraaaatiooooon... I come insiiide yoouuu..."

A farra abre com "Run Like a Villain", do obscuro *Zombie Birdhouse* (82). Na sequência, "Kill City" (*Kill City*, 78). Em um pulo, a gênese, com a banda detonando a inconfundível abertura de "1969" (Discoteca Básica da última edição). Mas, pelo jeito, seu LP favorito ainda é *Raw Power* (72), ou a segunda encarnação dos Stooges, com o terremoto guitarreiro de James Williamsom: dele são quatro das maiores pauladas do show, "Your Pretty Face...", "Penetration", "Shake Appeal" e "Search and Destroy" (que coloca o bis em ponto de ebulição, engatando os dois hinos dos Stooges originais, "I Wanna Be Your Dog" e "No Fun").

A perfeita saúde mental demonstrada na escolha do repertório — que descarta toda e qualquer parceria com Mr. Bowie, não entrando nem os clássicos *The Idiot* e *Lust for Life* — bate com seu corpo esguio, elástico, incontrolável. O mesmo Iggy de sempre, só que em fase *safe sex*: ameaça, mas não mergulha na platéia. Abre o zíper da calça, mas não exibe o recheio. Desmonta o pedestal do microfone atirando-o em todas a direções, mas não derrama sangue. Adrenalina, sem anfetamina. E o olhar mais magnético e incandescente que o de uma pantera no escuro. Não mais o Anticristo, mas com certeza o anti-João Gilberto definitivo (os metaleiros que me perdoem). *J.A.L.*

DESCUBRA A MAGIA DO SURF

O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

REVISTA FLUIR

S U R F É F L U I R

JOE STRUMMER

Electric Ballroom (Londres) 07/07/88

Estamos na Londres de 77? Ou seria o Geraldo Vandré versão 1º mundo?

Ok, o homem é uma lenda. Ragin' Joe, o homem que acabou com o Clash *intencionalmente*, e não pela habitual voragem de drogas e/ou ambição e/ou ganância. Quando o Clash — depois de sete anos de trabalhos forçados — completou a transição de heróis de culto/crítica para estrelas de sucesso comercial, Joe Strummer gritou seu *fuck you!* ao sistema, caiu fora e foi para uma espécie de *underground* permissível nos 80. Virou pai, ator (sob a influência de Alex Cox), compositor (trilhas de filmes de Cox, como *Sid & Nancy*, *Straight to Hell* e *Walker*) e adulto maduro.

Durante muito tempo não tinha banda e não tinha manager — e não tinha nem mesmo planos para gravar qualquer coisa sob o nome "Joe Strummer". Deu uma mão para o amigo Mick Jones em canções do B A D. Nos primeiros meses de 88, andou dando uma mão no show dos Pogues, sem guitarrista. Em determinado momento, munido só de guitarra acústica, Joe ia lá para o microfone ponta-de-lança e soltava, solitário, "London Calling" e "I Fought the Law", do Clash. As platéias choravam cataratas. Agora, em seus quartos ou escritórios de trabalho, choram mais cataratas (silenciosas). *Walker* — a saga de Alex Cox na Nicarágua sobre um Reagan/Somoza do século dezenove — fracassou no festival de cinema de Berlim, mas a trilha de Strummer (jazz, folk, instrumentais latinos-americanos, baladas) segurou seus méritos. Até que Joe Strummer montou a Latino Rockabilly War e resolveu cair em uma (parcial) estrada por si só.

Em 82 este que vos fala escreveu uma longa peça sobre o Clash em um jornal de São Paulo sob o tema geral "anarquia". Seis anos depois, uma sombra do Clash, através do personagem Strummer, é recuperada para desígnios supostamente anárquicos na Londres quarto-mundista thatcheriana. Melancólica — e perigosa — esta *gig* de Strummer e da Latino Rockabilly War em um clube fétido na convulsionada Camden Town londrina, tradicional reduto antiafluente da zona norte. A *gig* faz parte de "Rock Against the Rich" — uma campanha organizada pelo magazine anarquista *Class War* para colocar a luta de classes de volta à agenda política, usando a música como "arma". A terminologia é perfeita: na cabeça da garotada, equaliza sua atividade privilegiada — escutar música — com uma sedutora capacidade subversiva (o fato de que apenas dois ou três por cento do que atualmente se produz na indústria da música seja subversivo só aumenta o carisma).

Anarquia. Luta de classes. Pau nos ricos. Parece que estamos de volta a 77. E estamos. A Londres pobre da zona norte — a molecadinha que só tem algumas libras pilhadas a custo para se entupir de cerveja barata, um concerto e um disco por mês — deixa o Electric Ballroom como uma pocilga. Ou um pub pós-devastação. Strummer e seus Latino rockabillies tocam rock'n'roll de pub: alto, direto, um, dois, tres, quatro, e distorção no P.A. Congas eventuais soçobram no mix, assim como a própria voz de Strummer. A platéia veste-se como em 77. A linha de frente fez pogo como em 77. Longos trechos da seleção musical honram o espírito de 77, como "Police and Thieves" (mas a versão reggae de Junior Marvin ainda é a melhor de todas). Mas lá fora é 88. Guerra aos yuppies? OK, nada mais saudável. Mas essa é uma época de cinismo extremo. É necessário senso de humor. Para se fazer rock contra os ricos também é preciso um certo senso de estilo. Joe Strummer — guerrilheiro da geração 77 — já deveria saber, de experiência própria.

P.E.

NASTY SAVAGE

Projeto SP (SP) 23/07/88

Depois de um duvidoso período de espera, finalmente foi anunciada a vinda do Nasty Savage ao Brasil. Mas parece que o inverno atrapalhou um pouco o quinteto americano, acostumado ao sol da Flórida. Naquela noite fria, somente 1 300 pessoas compareceram.

Pouco depois das 9h30, surgiram no palco os integrantes do Vodu, os primeiros a abrirem o show para o Nasty. Uma certa falta de organização por parte da banda não deixou que sua entrada fosse do tipo relâmpago — ainda foram ouvidos muitos acordes soltos antes que se iniciasse a apresentação. O som se tornou um tanto embolado, talvez pela velocidade muito acelerada, não dando para distinguir uma guitarra da outra — só mesmo prestando muita atenção. Os solos de Tumba não eram audíveis (muita reverberação). O público, não reagia aos esforços do vocalista em climatizar a platéia, apesar da garra e vontade da banda em melhorar os ânimos ao longo do show.

Logo após a saída do Vodu, o pessoal queria mesmo é ver o Korzus. Bem mais aclamados que o grupo anterior, o quarteto paulista deu aquilo que seus fãs esperavam — puro Slayer do começo ao fim. O melhor, inclusive, ficou por conta de um cover de "Angel of Death" um orgasmo para grande parte da galera.

Já passava da 1h40 quando o *headliner* da noite subiu ao palco. Liderados pelo peso-pesado Ronnie (vocal), o Nasty Savage abriu sua apresentação tocando mais alto que o Vodu e o Korzus juntos. Inicialmente desfilaram algumas musicas pouco conhecidas, mas a boa presença de palco de Ronnie fez com que o pessoal não se importasse com este detalhe. Os guitarristas David Austin e Ben Meyer tocaram boas harmonias e mostraram uma técnica segura, fazendo do som do Nasty um thrash elaborado. Ronnie não parou um segundo: adotou o traje esportivo — agasalho e boné, como muitas bandas vêm fazendo ultimamente —, abandonando o couro-e-rebites que marcou o início do Nasty. *Marcos Campolim*

AL GREEN

Hammersmith Odeon (Londres) 08/07/88

Eva Joannikaj

Green: resolvendo os ambivalências entre carne e espírito

Eu vi a luz, e seu nome é Al Green.

Albert Green, reverendo, não é apenas o Último Grande Soul Singer — Smokey Robinson, Bobby Womack, Harold Melvin ainda são candidatos possíveis. Al Green é o Maior Soul Singer Vivo da Humanidade (masculino, feminino é outra história). Ele, em suas próprias palavras, foi "iluminado, arremessado de uma cultura a outra, de um mundo a *outro* mundo, de espírito a espírito, de poder a poder". Ele foi "ressuscitado". Como lidar com um homem que ressuscita? Como lidar com um homem que, na ausência forçada de Marvin Gaye, é o descendente único de uma nobre linhagem de vozes doces e sensuais imortalizada pelo grande Sam Cooke?

Al Green, pastor e símbolo sexual, com sua aura de palco e seu novo álbum, *Family Plan* (gravado em Boston, Atlanta e Memphis, para captar diferentes *moods*, high tech digital, baladas e coros de gospel); com seu terno branco imaculado e seu sorriso de iluminado; com sua sobrinha Tina iluminada nos backing vocals de sua superorquestra de Memphis soul de treze feras; com tudo isso e mais a promessa de absolvição eterna assinada pelo Barbudo lá em cima parece ter resolvido todas as ambivalências no xadrez letal entre a carne e o espírito.

Green é mais conhecido em todo o planeta pelos seus testamentos ao amor e à felicidade em fogueira lenta, produzidos pelo megaimpecável Memphis master Willie Mitchell ("Let's Stay Together", "Tired of Being Alone", "Sha-La-La-La"), além de "Take Me to the River", popularizada por Talking Heads há uma década. Mas o seu catálogo integral é de uma consistência absolutamente brilhante — quase imigualável na história da soul music, com destaque para a dezena de álbuns gravada para o selo Hi entre 69 e 77, e suas recentes e divinas investidas gospel.

Ele soltou flores para a platéia, sorriu, riu, gargalhou entre gritos de "Thank You, Jesus, Thank You, Lord". Andou pela platéia distribuindo a sua bênção. Logo na terceira música, depois do display de competência da superorquestra de Memphis soul, com backing vocals de entortar a espinha, atacou, de leve, "How Can You Mend a Broken Heart..." e todos os broken hearts de toda a história de desencontros humanos foram curados. Ele se diz "de outro planeta" — e como duvidar?

Este homem tem "A Verdade" — a verdade que só o blues e o soul e o gospel olímpicos são capazes de individualizar. Ele canta um verso de "Love and Happiness". Pára. Emenda com um verso de "Tired of Being Alone". Pára. Suspira. Cantou — não, todo mundo cantou — "Let's Stay Together", em atmosfera de iluminação estético-espiritual em igreja de Memphis no domingo de manhã. Ele cantou "People Get Ready" — bodas de todos os mistérios entre soul e gospel. Ele encerrou com uma funky jam, apenas para "lavar" os convertidos, já abandonados a seu estado de eterna *bliss*. Que fazer depois disso? Onde encostar nosso pobre corpo? Só me restou cair na mais absoluta dissolução sensorial sob os MIRVs implacáveis da acid house em uma noite chamada "Enter the Dragon". Eu vi o que se oculta na barriga devassa do Dragão — mas na alma fazia o ouro do soul-gospel do reverendo Green. *P.E.*

COMPLETE SUA COLEÇÃO DE BIZZ

Se a sua coleção não está completa, você ainda pode comprar qualquer um ou todos os números atrasados da BIZZ que estão nesse anúncio, pelo preço da BIZZ que está nas bancas. Veja as instruções no cupom.

Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados assinalados abaixo com um X, pelo preço da última edição em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio.

☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐
EDIÇÃO Nº 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____
CEP _____ ESTADO _____

Envie para: BIZZ, Editora Azul, "Números Atrasados"
Estrada Velha de Osasco, 192, Cep 06000 Osasco - SP

Nº 26 Capital inicial. Pink Floyd: a história e a lenda. A volta por cima de Boy George.

Nº 27 Michael Jackson: o início da turnê pelo Japão. Inocentes. Cabaret Voltaire. A nova onda do Jazz.

Nº 28 Sting no Brasil. A onda heavy no Estados Unidos. Madonna no cinema. A política do Camisa de Vênus.

Nº 29 Madonna em entrevista exclusiva. Titãs. A retrospectiva de 87. E mais: Tom Waits e Kiko Zambianchi.

Nº 30 Duran Duran: os motivos no Brasil. A história secreta do Legião Urbana. Tina Turner. Metallica.

Nº 31 Marina: tesão basta? A segunda vida de Jesus & Mary Chain. O futuro do rock no Brasil.

Nº 32 RPM exclusivo em Los Angeles. Johnny Marr. Kid Abelha. R.E.M. Legião Urbana. Entrevistão com Cazuza.

Nº 33 Paula Toller, a musa pop. A volta de George Harrison. Os selos independentes do Brasil.

Nº 34 Talking Heads: todo mundo nu. Lulu Santos e as novas formas de amor. A música negra no Brasil.

Nº 35 New Order exclusivo. A história do Velvet Underground. Iron Maiden. The Mission. Grátis: Guia de Fã clubes.

Nº 36 Legião Urbana e a verdadeira história de João de Santo Cristo. Iggy Pop. Grátis: Guia do Rock de A a Z.

Nº 37 Sinead O'Connor exclusivo. As mulheres dominam o rock 88. Ziggy Marley, o filho do reggae.

RYUICHI SAKAMOTO

Beacon Theater (Nova York) 24/06/88

Sakamoto: a miscigenação de sons, culturas e estilos, talvez só possível aos orientais

Sakamoto é uma daquelas figuras legendárias que ninguém viu, pouca gente ouviu, mas todo mundo acha o máximo. Ninguém viu, não é bem assim. Ryuichi Sakamoto teve um grande papel no filme *Furyo — Em Nome da Honra*, melhor ainda que o de Bowie. Ninguém ouviu, também não é bem assim, porque ele fez a trilha sonora (junto a David Byrne) de *O Último Imperador*, o último "blockbuster" de Bertolucci. Mas, temos que concordar, a fama do artista japonês é muito superior à produção que chegou até nós.

Então foi com a maior excitação que fomos ver o garotão terrível da música universal numa das datas da turnê norte-americana — no Beacon, um teatro fantástico de Manhattan com uma programação de arrasar, desde Lou Reed a Metallica. O novo disco de Sakamoto chama-se *Neo Geo* — "Nova Terra" — e a proposta é essa mesma: criar uma música universal para o novo planeta sem fronteiras.

No palco, Sakamoto fez um figurão, de terno branco de linho e aquele cabelo sempre caindo no rosto, sempre puxado para trás com um gesto displicente. O som, esse é uma mistura estranha de música ocidental — muzak, infelizmente — com coros e solos de harpa japoneses e mais uma batida de Terceiro Mundo. Sakamoto não canta, mas escolheu um crioulão com voz de Lou Rawls para fazer solos, num estilo que não fica nada a dever a Nat King Cole. Voz do sul dos EUA com coros de gueixas vestidas a rigor, os bongôs de um tal David Palmar e mais um fundo de piano e harpa.

Sakamoto mesmo gosta é de tocar piano, só que não toca tão bem quanto o modelo — estamos num daqueles casos em que o design é mais importante que a eficiência.

A intenção de Sakamoto é tão vasta que quase fica impossível de abranger. Realmente, juntar as influências de todo o mundo em uma só música não é nada fácil, sobretudo para um japonês — ou talvez só seja possível a um japonês, especialistas que eles são em misturar, apurar e condensar.

O LP *Neo Geo*, produzido pelo eclético Bill Laswell, é mais interessante do que bom. O espetáculo ao vivo, esse é de fato extraordinário, tanto pela ação no palco como pelo clima na platéia superchique, onde todo o mundo acha que está assistindo a um momento histórico da performance musical. *José Nogueira*

ROBERT CRAY

Olympia (SP) 25/07/88

Só para passar o tempo, vamos fazer um teste. Escolha uma opção entre os itens a seguir: 1) Robert Cray é o criador do blues-muzak; b) Robert Cray é o exemplo de uma mídia ingenuamente errônea, c) Robert Cray é o exemplo de uma mídia deliberadamente enganosa, d) é um novo remédio contra insônia; e) o blues de Robert Cray é de plástico... Marque um dos itens como o certo e contente-se com uma boa notícia: todos estão corretos.

Dando um desconto: Cray faz muito bem aquilo a que se propõe, seja lá o que for. Os shows que o guitarrista apresentou em São Paulo mostraram um músico "eficiente", limpo e de imagem *superclean*. Uma musiquinha gostosa para se ouvir na sala de espera do dentista enquanto se folheia uma revista de fotonovelas de doze anos atrás. Com um pouco de boa vontade, pode-se confundir Robert Cray com George Benson ou Al Jarreau.

A banda de Cray — que não mostrou a mínima vontade de estar ali — era formada por Richard Cousins (baixo sofrível), Davis Olson (bateria), Tim Kabahatsu (guitarrista dos bons) e Peter Boe (teclados), responsável pelo único ponto alto do show — um solo de "Can't Find My Way Home", de Steve Winwood.

Robert Cray usa a guitarra como se fosse um teclado eletrônico, quer dizer, não importa a força usada no toque ou a maneira como o faz: o som é sempre o mesmo. As músicas são lineares, todas iguais e sem surpresas. Os solos não mostram nuances, alma.

Cray é um yuppie que tem horror ao sentido do blues verdadeiro — o suor, a cerveja, a felicidade —, que só se encontra na estrada, na real estrada da vida. Tudo bem, ele é competente dentro do que acredita ser o melhor, mas, por favor, não me venham apresentá-lo como o "papa do blues" ou "o sucessor de Eric Clapton", como quis sua publicidade e parte da mídia. Um desrespeito para com o público que, durante o show, ou conversou, ou dormiu, ou ficou pensando sobre o que diabos estava fazendo ali. *Nico Pereira de Queiroz*

JOHN LEE HOOKER

Hammersmith Odeon (Londres) 10/07/88

O septuagenário black de Clarksdale, Mississippi, com seu terno escuro e chapéu branco, apoiado por um fiel M C sulista, entra no palco do Odeon, senta em um banquinho, segura sua pantanosa lady e dedilha dors acordes do coração das trevas. Sabedoria milenar e pacto mefistofélico, John Lee carrega o blues na alma como uma Esfinge sedutora. Abandono, melancolia, pântano, bourbon, sofrimento, a mulher inacessível, o segredo impenetrável. "It's My Own Fault", "Ramblin' by Myself", "High Priced Woman"... Ao lado, uma mesa de pool e uma banda improvável, com um tecladista em acessos de Sly Stone. John Lee solta seus grunhidos guturais e exorciza seus demônios como se estivesse na Maxwell Street de Chicago — sede planetária honorária do blues elétrico. E mesmo quando, ao final, é reintroduzido como *The King of Boogie* para uma extensa jam session dançante, é como se este *mean ol' mutha*, este malandro véio, estivesse avisando: "Não mexam comigo, senão..."

John Lee ao vivo tira a respiração e convulsiona os neurônios mais pela presença histórica do que pela performance em si. É como se estivéssemos frente a um furacão condensado de toda a história do blues na América, a ponto de explodir.

A guitarra boogie de John Lee influenciou de Animals e Canned Heat, ao kitsch *larger than life* de Z.Z. Top. Saindo dos cafundós do Mississippi rural, o Hooker Man aprendeu os rudimentos da guitarra tocando em pedaços de tubos grudados em parede de estábulo. Aos 14 anos foi para Memphis, Tennessee (lanterninha de cinema e blues man iniciante de madrugada). Aos 16, foi para Cincinatti, Ohio (caixa de banco e tocando com grupos de gospel). Aos 26, John Lee completou o clássico *cross-country* iniciático Sul-Norte (todo blues man fez) em Detroit, Michigan — a popular Motown. Deu seu suor para os tubarões da indústria do aço e peças de automóvel, tocou em todos os bares e night clubs e virou o Master da cena blues de Detroit. Em suas primeiras sessões pelo selo Modern, em 1948, saiu com um hit da pesada, "Boogie Chillun".

Reverência máxima no Odeon frente à lenda viva — até o momento em que ele levanta do banquinho e incita ao boogie. O boogie mais deslavado é uma das manifestações de prazer máximas do eixo blues-rock'n'roll. A discografia de Old Bull Lee — a contraparte bluesística de William Burroughs — tem centenas de raridades cortadas para dezenas de selos diversos sob nomes diversos ("Delta John", "Texas Slim", "Boogie Man", "Johnny Williams" etc.). Mas, acima de tudo, na intensidade máxima, ele é John Lee Hooker, *The King of Boogie. Lord Have Mercy*, passem o tapete vermelho, a garrafa de bourbon e o passe de mágica. *P.E.*

MICHAEL JACKSON

Stadio Communale (Turim) 29/05/88

Ele conseguiu fama, fortuna e até uma cara pálida. Mas a alma não descongelou

Wacko Jacko — o mutante de uma nova raça e de uma nova era — é um personagem trágico. Inquietante. OK, o planeta inteiro sabe. Mas esta seria apenas sua imagem comercial. Wacko Jacko é um personagem astuto. Quadrisex. Mas sem nada de rebelde ou revolucionário. Um gnomo negrobranco (de empalidecer Norman Mailer) aprisionado pelo pozinho mágico de Peter Pan, embarcado por uma alquimia pelos Circus Maximus globais, onde mesclam-se Idade Média e ficção científica, rock e dança tribal, jogos de magia e lágrimas que derretem um rímel real — o seu.

A *Bad* turnê do Robopop fabricado nos laboratorius excelsis da indústria da música abriu em Roma — em legítimo registro imperial. Notáveis na tribuna — políticos, centuriões e poetas. Dezenas de milhares de leões (gatinhos) cristãos na arena sacrificial. Apoteose da *jeans generation* e da *blank generation*. O mesmo vale para Turim — o segundo show da série. Mais leões na tribuna, os que realmente mandam na Itália pós-moderna: Fiat, Olivetti (acabou a era de Antonioni e Rossellini). Sessenta mil na arena. Palco como uma gigantesca lâmpada de Aladim — acesa por um jogo de luzes vagamente apocalípticas. Surgem quatro bailarinos em dança elétrica, sincrônica, ritmo breve, respiração curta ressoando pelo estádio e rebatendo sem ferir na turba extasiada.

Jacko tem um tremendo domínio de palco. Afinal, começou aos 5, de olho no Godfather. Sua de verdade. O suor e as lágrimas são reais. O resto é *fake*. Ou açúcar. Passa por um Motown medley — a memória embalsamada do passado com a brigada de irmãos. Entra em pausas assépticas insuportáveis, como "I Just Can't Stop Loving You". Em "Human Nature" redime-se e nos coloca uma questão-chave.

O que entende Wacko Jacko de natureza humana? Sua biografia, *Moonwalk*, editada pela trágica fitzgeraldiana Jackie Kennedy-Onassis, responde: nada. Seu concerto juke box responde: o sublime replicante só tem um assunto — e o assunto é seu próprio espetáculo, um mundo fechado, asséptico, impenetrável a qualquer emoção natural. Wacko Jacko assemelha-se aos replicantes com memória implantada da ficção científica, um holograma perplexo construído com chips de vozes sintetizadas.

Ele parece querer atingir de qualquer maneira aquela massa de adoradores enlouquecidos — gente comum, assunto que Wacko não registra. Os greatest hits desfilam como um clip intergaláctico — incluindo as citações coreográficas de Fred Astaire em "Smooth Criminal" e a réplica exata do lobo Jacko em "Thriller", acompanhado de seu exército de zumbis.

Depois de quarenta minutos, os elementos periféricos ou metafísicos do Grande Circo não mais prendem a atenção. Depois de um intervalo instrumental ocioso, Wacko surge de super-herói. Wacko, quando declara algo, é por programas pacifistas. Ou apelos ingênuos a gangues crack-Uzi. Ou súplicas tipo "não matem as lhamas". Ninguém o leva a sério — a começar pelos seus ex-irmãos de raça, mais preocupados no momento com o ambíguo triunvirato drogas/violência urbana/hip hop. Wacko Jacko não quer crescer. Não lhe interessa crescer — mesmo porque nunca teve e não sabe o que é infância e seus 30 anos atuais não passam de um número a mais para quem será o viajante especial de uma câmara frigorífica para a Eternidade.

Em duas horas de Circo, temos dois momentos de *punch*: a guitarra apodrecida em "Billie Jean" e o ritmo-britadeira em câmera lenta de "The Way You Make Me Feel". Final em crescendo com "Beat It", "Billie Jean", "Bad". Fecha o bis com "Man in the Mirror". Esplêndida contradição: Jacko fala de um homem que se mira no espelho e pensa que, se quer mudar o mundo, deve começar pela imagem refletida, ou seja, ele mesmo.

É provável — entre as noites de insônia na mansão de Encino, Califórnia, e o sonho com a câmara frigorífica — que ele se pergunte: "Espelho, espelho meu, existe um Michael Jackson mais real do que eu?"

P.E.

ITAMAR ASSUMPÇÃO

Circo Voador (RJ) 30/07/88

O Circo, antigo templo dos primeiros tempos do rock, se rendeu ao encanto do Beleléu

O que há ainda para dizer a respeito de Itamar Assumpção? Pérola negra no cenário branco e roquenrol brasileiro, pioneiro da "vanguarda paulista"—não tão paulista, menos ainda vanguarda —, o maldito Nego Dito... Aproveitando um trecho de uma de suas excelentes letras, "chega de conversa mole, blá, blá, blá...", Itamar faz parte daqueles artistas que, mesmo contemporâneos de alguma "turma", no caso ""vanguarda paulista"", não pertencem a nenhuma. Criam seu próprio universo, musical e temático, e desfrutam da bênção/maldição de ser de lugar nenhum.

A questão é: quem ouve Itamar atualmente? Quem o conheceu no começo da década continua curioso a cada disco, a cada apresentação. A moçada que encheu aos poucos o Circo estava incluída nessa categoria. Para esses, Itamar valeu o preço do ingresso e das cervejas consumidas. Ele entra, assim como quem não quer nada, passa o tempo inteiro de óculos escuros e vai desfiando o repertório dos quatro LPs, com o seu "suingue de breque" (epa!), seu "reggae'n'blues" (opa!), sua voz profunda e aveludada (epa! opa!) e, quando você menos espera, ele toca no fundo do seu coração.

Aqueles que não sabiam muito bem o que esperar se surpreenderam, mas se surpreenderam tanto que no final do show estavam batendo palmas, sapateando e pedindo bis. Uma surpresa o jeito meio teatral — com a colaboração precisa de Suzana Salles e sua bela voz — de Itamar quase falar seus poemas; e até dispensa o microfone pedindo para a platéia cantar junto. Outra surpresa, a banda passa quase despercebida. Isso porque Gigante (na bateria e na percussão de boca), Paulinho Le Petit (baixo) e Luiz Waack (guitarra) são três instrumentistas afinados e afiados. Você está lá, prestando atenção no Itamar e, de repente, se dá conta que Paulinho está conduzindo a melodia no baixo com rara delicadeza ou Luiz está levando a platéia ao delírio com um solo rápido e cortante.

Na verdade, a questão é: quem ouve se depara com um som sutil, inteligente, original. Quem não ouve perde.

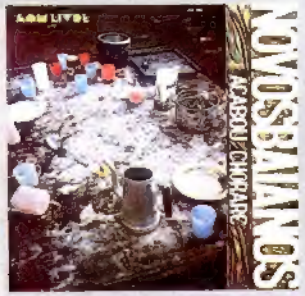
Bia Abramo

SKATE:
DIREITO do CIDADÃO
DEVER do ESTADO
STREET TOWN SKATEBOARDING

STREET TOWN
T-Shirts • Skates • Acessórios

Mande Cz$ 200,00
e receba um adesivo de skate
igual acima e outros.

Av. A. E. Carvalho, 2832
Tel.: (011) 957-6885 - CEP 03540 - S. Paulo



NOVOS BAIANOS
ACABOU CHORARE
(1972)

A década de 60 acabou seis meses antes, nas noites de 20 e 21 de julho, no Teatro Castro Alves, em Salvador, no show de despedida de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Na platéia, do poeta Augusto de Campos a inúmeros órfãos. No palco, Gil, Caetano e o grupo Os Lief's (Pepeu, Lico, Carlinhos e Jorginho). O show-réquiem dava o sinal: a Navilouca antropófago-tropicalista devia seguir.

Os Novos Baianos surgem, num batismo de fogo, nestas noites negras. O cantor, compositor e violonista Moraes Moreira, o poeta-agrônomo Galvão, o crooner de baile Paulinho Boca de Cantor e a cantora Baby Consuelo, inicialmente acompanhados dos Lief's, seguem transformando cinzas em melodias. Desclassificação em festival, shows-happenings, um LP e dois compactos serviriam de ensaio geral.

Em 1972, já ocupando um apart-tribo no Rio, os NB gestavam um manifesto. Uma ilustre visita daria o toque final, a do mago João Gilberto. João abre seu baú de canções dos anos 30 e 40 e se mistura ao rockarnaval dos Novos Baianos. O LP *Acabou Chorare*, primeiro lançamento da gravadora Som Livre, seria a síntese desta viagem hard-pós-Tropicália-João Gilberto.

O título sairia de um brinde-balbúcio de bebê, que Bebel Gilberto — *née* Isabel —, filha de JG e Miúcha, sussurraria nas jams.

O samba-batucada "Brasil Pandeiro", de Assis Valente, lançado em 1940, por um dos mitos de João, o grupo Anjos do Inferno, abre o disco. O grande hit "Preta Pretinha", uma colagem cinematográfica saída de algum alto-falante do interior, serve de abre-alas e dá passagem a "Tininho Trincando", uma bossa-baião-hard com texto mínimo e onomatopéico, que Baby pulveriza sobre A Cor do Som, isto é, Pepeu, Dadi, Jorginho e Baixinho, a parte elétrica dos NB.

"Swing de Campo Grande" e "Acabou Chorare", entregue à parte acústica dos NB, fecham o lado A, zanzando entre o batuque e a seresta-bossa. "O Mistério do Planeta", na voz de Paulinho, relê uma velha canção do grupo Mini Planeta Íris, o texto confessional dá um grito de basta na barra lúcifer da época. A canção seguinte, na voz de Baby, "A Menina Dança", continua o desnudar de barras: "...só entro no jogo/ porque estou/ estou mesmo depois/ depois de esgotar/ o tempo regulamentar..."

"Besta É Tu", com Moraes, em ironia máxima ("...não viver este/ se não há outro mundo..."), transpirava, naquele negro tempo, uma linguagem cifrada, pela sua desconcertante simplicidade carnavalesca. "Um Bilhete pra Didi", única música instrumental, serve de território pra A Cor do Som dar seu vôo. Uma versão de "Preta Pretinha" fecha o disco, sendo que, no show, "Preta Pretinha" entra em um pout-pourri-bricolagem com "29 Beijos", do primeiro compacto, e "Oba-Lá-Lá", bossa-baião de e do antológico primeiro disco de JG. Era a proposta sintetizada em som e cena.

Acabou Chorare, além da síntese sonora — Jimi Hendrix empunhando um cavaquinho (por sinal, presente de Paulinho da Viola a Pepeu) e João Gilberto, uma guitarra distorcida —, traz, em sua primeira edição (em 1984, foi relançado com capa simples), uma das mais interessantes e surpreendentes capas. Um texto de Augusto de Campos dá o tom, outro de Galvão explica a antifamília NB e várias fotos quebram os olhos dos censores. Na contracapa, uma superposição: um NB e um dos filhos da troupe fumam o mesmo "baseado", como se ilustrassem, em silêncio, o projeto obra-viagem do grupo.

Barras se sucederam a barras. *Acabou Chorare*, em som, imagem e silêncio, foi um de seus melhores *closes*.

Marcelo Dolabela

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor do Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editores Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Assistente de Redação: Marisa Adán Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Derse Bitinas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (México), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Alex Antunes, Antonio Queirino Neto, Arthur G. Couto Duarte, Dilson Gomes, Eliana Thomé de Souza, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Jean Yves Neuhvile, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Lorena Calabria, Luis Antônio Giron, Marcel Plasse, Márcia Alvaro, Marcos Campolim, Nico Pereira do Outeiro, Walter Silva
Arte: Angelo Asson, Cesar Fogashi
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Cicgano Eunice Salis, Kid, Marcelo Faustini, Mila Maluhy, Ricardo Siqueira, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liége de Lima Doria Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira, Márcia Andrade
RJ-Gerente: Getulio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni, **Escritórios - Nova York:** Odilo Lichti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993, **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, fac-simile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dados - **Gerente:** Aula Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex (011) 22115
Serviços Fotográficos - **Gerente:** Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Fineto Gil
Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Marqués de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070, **Telegramas:** EDIABRIL Abrilpress **Rio de Janeiro:** da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Edabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varão, Armazéns dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas anuais:** Cr$ 7.200,00 à vista. Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, apurada de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 05. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo interior: DINAP - Rodovia Yeda de Osasco 132, Jardim Teresa 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

DESCONTO 20%

Enviando Vale Postal ou Cheque Nominal a STAMP (já com o desconto calculado) ganhe 20% de desconto.
Para enviar Vale Postal é só pedir ao correio e preencher da seguinte maneira: destinatário: STAMP AGÊNCIA PAGADORA.
Shopping Center Norte - CÓDIGO 403369 - CEP 02096 - São Paulo - SP. Coloque o pedido e o vale dentro do envelope.
Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa.
Horário: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 h.
Tel. (011) 299.7478

PREÇOS
Manga Curta: Cr$ 3.250,00
Manga Longa: Cr$ 4.200,00
Preços válidos até a próxima BIZZ

MALHA ESPECIAL
AGORA TAMBÉM EM MANGA LONGA!
MODELAGEM GRANDE
100% ALGODÃO
TAMANHOS P M G

Manga Curta:
Manga Longa:

Estou enviando cheque nominal ao valor de Cr$ com o DESCONTO DE 20%. Pedido pago ao retirar.
Nome
End.
Est.
Favor esta coupon ou cópia para STAMP - Rua Emb. João Neves da Fontoura, 556 - CEP 02013 - São Paulo - SP - Santana
ESTADO
CEP
REF. | COR | TAM. | M/C/ML | REF. | COR | TAM. | M/C/ML

EM SÃO PAULO VOCÊ ENCONTRA CAMISETAS STAMP NAS SEGUINTES LOJAS: WOP BOP: Rua Barão de Itapetininga, 255 - Lj. 25 - BOSSA NOVA: R. Sete de Abril, 356 - Lj. 12 - ROCK'N'ROLL: R. Nova Barão, 30 - STUDIO 13: Shopping Center Norte - Lj. 201 - ERIC DISCOS: R. Artur de Azevedo, 1813 BACK SWEEP: Shopping Center Lapa - Lj. K1

STAMP®
CAMISETAS
ESTAMPAS EXCLUSIVAS
FAÇA SEU PEDIDO E RECEBA PELO CORREIO

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

GANG OF FOUR/ KILLING JOKE

Gostaria que vocês publicassem as discografias do Gang of Four e do Killing Joke. **Roberto, São Paulo - SP**

Vamos lá, Roberto. Gang of Four e Killing Joke, surgidos em 78, são dois dos mais influentes grupos do pós-punk inglês, combinando com as guitarras ácidas e as baterias tribais linhas de baixo suingadas. Com suas letras abertamente políticas e seu som pesado, introduziram uma espécie de estética da "revolta dançante", calcada no binômio punk & funk. Gang of Four foi formada pelo genial guitarrista Andy Gill (potencialmente o Hendrix dos anos 80, cuja carreira foi tolhida pelo final abrupto da banda e pelo câncer, que o mantém afastado até hoje), o vocalista Jon King e uma das cozinhas mais eficientes do rock contemporâneo: Hugo Burnham (bateria) e David Allen (baixo). Essa formação se manteve ao longo dos seguintes lançamentos: Entertainment! *(79),* Gang of Four *(EP, 80),* Solid Gold *(81) e* Another Day, Another Dollar *(EP, 82). Allen, tomado de paranóia (chegou a dizer que tinha medo de ser morto em pleno palco), abandona então a Gang (para depois, ao lado de Barry Andrews, ex-XTC e League of Gentleman, formar outro excelente grupo, o Shriekback). Sara Lee (ex-League of Gentleman) substitui Allen em* Songs of the Free *(82), o último grande disco da banda.* Hard, *de 83 (como o álbum anterior, lançado no Brasil), deixa dúvidas no ar: a produção ultrafunk faz o grupo soar, às vezes, como um subproduto do Chic (!), e sente-se muito a falta de Burnham (expulso por "divergências políticas", como em qualquer bom agrupamento marxista...), substituído por uma bateria eletrônica. Antes da desagregação, a Gang gravaria um último disco — a trilha de um filme de caratê (?!), que permanece inédita. Herança: um bom álbum ao vivo,* Live at the Palace *(84), já sem Allen e Burnham, e um EP das* Peel Sessions *(86), que registra a participação do grupo no programa radiofónico londrino de John Peel. Andy Gill lançou um compacto solo em 86. Hugo Burnham gravaria ainda o EP* Illustrated Man, *ao lado de Roger Mason (ex-Gary Numan) e Rob Dean (ex-Japan), um supergrupo que não deu certo, e um single com a banda de Stanard Ridgeway (ex-Wall of Voodoo), antes de largar as baquetas e tornar-se empresário do Shriekback. Quanto ao Killing Joke, fundado pelo apocalíptico vocalista Jaz Coleman e outro excelente time de músicos (Geordie, guitarra; Youth, baixo; Paul Ferguson, bateria), a discografia da primeira fase é a seguinte:* Almost Red *(EP, 79),* Killing Joke *(80),* What's THIS for...! *(81) e* Revelation *(82). Depois de um período confuso, em que Jaz e Geordie trabalharam, na Islândia, com grupos locais, a banda se reorganizou (trazendo Paul Raver no lugar de Youth) para lançar o EP* Birds of Feather *(82). Segue-se outro EP excepcional,* Ha, *gravado ao vivo em Toronto, ainda naquele ano.* Fire Dances *(83) e* Night Time *(85) são os LPs seguintes, demonstrando já um certo esgotamento da banda, que foi se concretizar em seu disco mais fraco, o LP de 87* Brighter Than a Thousand Suns *(os dois discos mais recentes foram lançados no Brasil). Youth, após sua saída do grupo, dedicou-se aos grupos Brilliant e Empty Quarter, voltados para o soul e o funk, além de produzir discos independentes.*

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Procuro desesperadamente artigos sobre James Dean. Tenho material para troca sobre cantores e grupos internacionais, artigos de surf, windsurf etc. **Marta Isabel Macedo Oliveira, rua Irene Lisboa, 12, 2800 Almada — Portugal**

Gostaria de conhecer um pessoal aí no Brasil que queira trocar comigo fitas ou LPs de música moderna brasileira ou portuguesa. **Antonio Martins, Bairro São Lourenço, lote 18, 2.º Esquerdo, Camarate, 2685 Sacavém — Portugal**

Gostaria de me corresponder com pessoas que gostem de rock'n'roll e bandas como Mötley Crüe, Bon Jovi, Guns and Roses, Faster Pussycat, Poison, Whitesnake etc. **Celso Silva, 29 Cherry Lane, Carle Place, New York 11514 — U.S.A.**

PEDINDO BIZZ

Vendo uma coleção de BIZZ, do número 1 ao 32. **Flávio Souza, rua KL, casa 14, quadra 46, CEP 29160, Serra — ES**

Compro as BIZZ 6, 7 e 14, ou qualquer outra que tenha reportagens sobre Madonna. **Rosana Ribeiro Roxo, rua Manoel Duarte, 71, CEP 24250, Niterói — RJ**

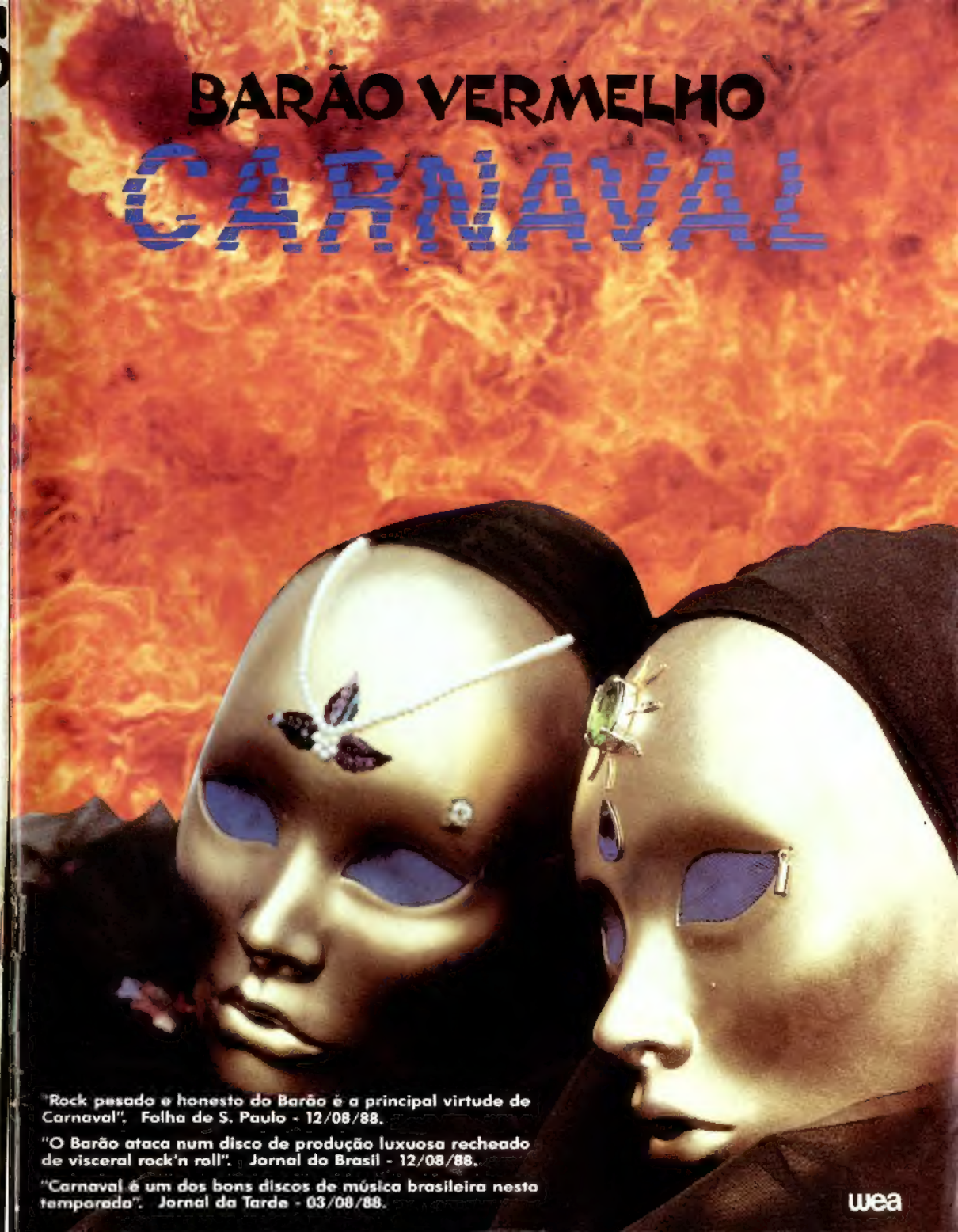
Troco a Ídolos do Rock 20-B pelas Revistas-poster 13-A ou 14-A. **Glória Brito, rua General Almério de Moura, 478, CEP 29021, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo as BIZZ do número 1 ao 30, além da Top-Hits I, Letras Traduzidas 9-C, 12-A e 15-A. **Vigberto Marnado, rua Major Belo Lisboa, 135, apartamento B, CEP 37500, Itajubá — MG**

Quero comprar a coleção inteira da BIZZ. **Roberto Júnior, avenida das Flores, 334, CEP 78000, Cuiabá — MT**

NOTA DA REDAÇÃO

Por uma falha, deixamos de creditar as fotos da matéria do New Order (BIZZ 35) e da entrevista com Roberto Carlos (BIZZ 37). Elas são, respectivamente, de Eva Joory e Rochelle Costi. Ainda, na página 4 da edição anterior na seção Showbizz, por motivos de erro gráfico, não apareceu o texto sob a foto de Michael Jackson e The Fall. E, claro, até um leigo sabe: o Legião está no estúdio gravando seu *quarto* LP, e não o terceiro, como aparece na mesma seção e página.



ISTO É RAP!

FAT BOYS, com o novo *Coming Back Hard Again*, destacando a regravação de The Twist, com a participação de nada menos que do pai da criança, Chubby Checker

e *RUN DMC*, no *Tougher than Leather*, o disco que traz a regravação de Mary, Mary, o grande hit do momento na Europa e Estados Unidos.

A força da Black Music em dose dupla pra você.
Os dois maiores peso-pesados das paradas internacionais, agora no Brasil.

Em discos e fitas
PolyGram

Não vacile, seja Rap!
Corra à loja mais próxima e garanta o seu!